

**XXX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E  
TECNOLÓGICA DA UFRN - eCICT 2019**

**30° eCICT**

**ANAIS**

**Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes**

# EXPEDIENTE

## APRESENTAÇÃO

O Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica (eCICT) é um evento aberto à comunidade no qual todos os aproximadamente 1.500 alunos de Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN (bolsistas e voluntários) apresentam os resultados de suas pesquisas desenvolvidas ao longo de um ano, como cumprimento de um plano de trabalho elaborado e orientado por um professor/pesquisador do quadro permanente da Instituição.

O eCICT está entre as ações inseridas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN, que possui entre seus objetivos: a) Contribuir para a formação e engajamento de recursos humanos em atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação; b) Contribuir para a formação científica de recursos humanos que se dedicarão a qualquer atividade profissional; e c) Contribuir para a formação de recursos humanos que se dedicarão ao fortalecimento da capacidade inovadora das empresas no País. Em 2019, a Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte realizou a 30ª edição do Congresso, abarcando uma etapa inicial digital seguida de uma etapa presencial, no formato de apresentações em Sessões de Apresentações Orais. Na fase inicial (Online), as apresentações dos trabalhos pelos discentes se deram na forma de arquivos digitais (trabalho completo e vídeo) submetidos via Sistemas da UFRN e disponibilizados amplamente para visitantes do site do evento ([www.cic.propesq.ufrn.br](http://www.cic.propesq.ufrn.br)), avaliadores da UFRN e comitê externo PIBIC-CNPq. Durante a fase presencial do evento, os 90 melhores trabalhos, selecionados a partir da etapa anterior, seguiram para as apresentações orais.

A 30ª edição do Congresso teve como tema “Bioeconomia: Diversidade e Riqueza para o Desenvolvimento Sustentável”, estando alinhada aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU. Ao submeter os trabalhos ao Congresso, os alunos indicaram os objetivos da Agenda 2030 aos quais suas pesquisas estavam relacionadas. Essa iniciativa visa estimular a pesquisa científica e tecnológica voltada para a busca por soluções para os desafios sociais contemporâneos.

O evento cumpriu três funções valiosas para o desenvolvimento da ciência na instituição: inserção dos discentes em um ambiente acadêmico de publicação e apresentação dos resultados da pesquisa; divulgação científica por meio dos vídeos que utilizam uma linguagem científica, porém acessível a todos; e, por fim, a popularização da ciência.

Os alunos concorreram ao 3ª Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN, que foi instituído pela Pró-Reitoria de Pesquisa em 2017 para reforçar as ações dos programas institucionais de iniciação científica e tecnológica. O prêmio contemplou duas categorias: Trabalho Destaque de Iniciação Científica e Tecnológica e Vídeo Destaque de Divulgação Científica. Os premiados foram contemplados com bolsas mensais de até R\$ 800,00 (oitocentos reais) durante o período de um ano. Os orientadores dos alunos premiados adquiriram precedência em relação aos demais para efeitos de concorrência no Edital de Bolsas de Pesquisa da UFRN em 2020.

Em 2019, a Pró-Reitoria de Pesquisa instituiu o Prêmio Pesquisador Destaque da UFRN, com o objetivo premiar os pesquisadores da instituição que tenham apresentado relevantes contribuições para o desenvolvimento da ciência em cada uma das três grandes áreas do conhecimento: Ciências da Vida; Ciências Exatas, da Terra e Engenharias; e Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes. Foram escolhidos 03 pesquisadores, um em cada grande área do conhecimento. Todos os premiados receberão auxílio no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para custear passagens aéreas, diárias ou taxa de inscrição para apresentar trabalho em evento científico, certificado de premiação e troféu.

Os pesquisadores premiados participam na condição de conferencista do XXX Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica, apresentando a contribuição científica oriunda de sua pesquisa.

## **SUMÁRIO**

PROGRAMAÇÃO	6
FACULDADE DE ENGENHARIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS DO SERIDÓ	7

# PROGRAMAÇÃO

## SETEMBRO

**16 a 20/09 Fase Online do eCICT 2019**

## OUTUBRO

**11/10 Divulgação dos selecionados para apresentação na Fase Presencial**

**21 a 25/10 Fase Presencial do eCICT 2019**

**21/10 Credenciamento**

**21/10 Palestra de Abertura**

**22 a 24/10 Sessões de Apresentações Orais**

**22 a 24/10 Palestras de Pesquisadores Destaques da UFRN**

**25/10 Solenidade de Encerramento e Premiação**

# FACULDADE DE ENGENHARIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS DO SERIDÓ

CÓDIGO: HS0072

AUTOR: HAYONARA INACIA DANTAS DE MEDEIROS

ORIENTADOR: ANDRE TESSARO PELINSER

TÍTULO: Modulações do Regionalismo literário brasileiro na ficção de Ronaldo Correia de Brito

Resumo

O regionalismo costuma ser associado pela crítica literária a termos arcaicos e ultrapassados, o que tem influenciado a opinião dos próprios escritores brasileiros. Ao longo do tempo, a crítica tem alimentado visões negativas sobre o regionalismo, ligando-o quase exclusivamente a literaturas de descrição ambiental, a movimentos restritos e ao gosto pelo pitoresco e exótico. Em razão dessa perspectiva que desassocia o regionalismo de uma ficção bem elaborada, os escritores contemporâneos frequentemente negam qualquer relação entre sua obra e este movimento literário. Por meio deste trabalho, discutimos as formulações do regionalismo contemporâneo presentes na obra de Ronaldo Correia de Brito, bem como as percepções acerca dessa corrente literária veiculadas publicamente pelo autor. Para tanto, são analisados o romance intitulado Galileia e entrevistas concedidas por Correia de Brito. A partir das análises, pode-se compreender que o autor apropria-se da matéria regional, como o espaço do sertão nordestino, e de muitos conhecimentos advindos da cultura popular e característicos dessa região. A obra desenvolve-se a partir de três personagens principais – Adonias, Ismael e Davi –, por meio dos quais o autor põe em cena trânsitos entre espaços periféricos do interior do Brasil e espaços comumente associados a centralidade, fazendo com que emergam questões relativas à identidade regional. Apesar disso, o autor nega qualquer relação da sua obra com a corrente literária regionalist

Palavras-chave: Regionalismo; sertão; identidade; Galileia; Ronaldo Correia de Brito.

TITLE: Modulations of Brazilian literary regionalism in the fiction of Ronaldo Correia de Brito

Abstract

Regionalism is often associated by literary criticism with archaic and outdated terms, which has influenced the opinion of Brazilian writers themselves. Over time, criticism has nurtured negative views of regionalism, linking it almost exclusively to literatures of environmental description, restricted movements, and a taste for the picturesque and exotic. Because of this perspective that disassociates regionalism from well-crafted fiction, contemporary writers often deny any relationship between their work and this literary movement. In this paper, we discuss the formulations of contemporary regionalism present in the fiction of Ronaldo Correia de Brito, as well as the perceptions about this literary current publicly conveyed by the author. For that purpose, the novel entitled Galileia and interviews by Correia de Brito are analyzed. From the analysis, it can be understood that the author makes use of the regional matter, such as the



northeastern backwoods space, and of much knowledge coming from the popular culture and characteristic of this region. The work develops from three main characters - Adonias, Ismael and David -, through which the author show the transit between peripheral spaces of the interior of Brazil and spaces commonly associated with centrality, causing questions regarding the regional identity. Nevertheless, the author denies any relation of his work with the regionalist literary current.

Keywords: Regionalism; backlands; identity; Galileia; Ronaldo Correia de Brito.

Introdução

### **A crítica literária e o regionalismo**

A questão do regionalismo na literatura brasileira remonta ao séc. XIX. De acordo com Juliana Santini (2014, p. 116), Franklin Távora deseja deslocar a base da representação da prosa de ficção brasileira para o norte do país, por estar mais afastada do litoral e da influência colonizadora. Na intenção de postular uma visão de literatura propriamente brasileira, Távora publica *O Cabeleira*, em 1876, acrescido de um prefácio, que registra o interesse do autor em dividir a literatura em duas, uma do norte e outra do sul, sendo a do norte mais brasileira e não importada como a outra. Em razão da necessidade de criar uma identidade e independência literária para o país, autores adotam a exaltação da cor local, enaltecendo as características geralmente voltadas a uma dada região.

Respondendo à necessidade de construção de uma identidade literária nacional, autores põem em foco a exaltação das características das diversas regiões do país em suas obras. A partir disso, eles constroem narrativas baseadas em descrições às vezes pitorescas de um certo local, configurando assim obras que focalizam e enaltecem os traços distintivos de uma dada região. Ao abordar a literatura desse período, a crítica literária tem construído uma visão negativa sobre tais textos, atrelando-os sempre ao fracasso, ao invés de fazer uma distinção entre obras boas e ruins, mas sempre pertencentes à mesma corrente literária. Em oposição a esse pensamento, a crítica tem rotulado a maioria das obras que possuem esse caráter descritivo como de má qualidade, ao passo que expurga as que conseguem transpor essas descrições e atingem o sucesso. A rejeição dos autores ao estilo literário regionalista é algo que advém desse posicionamento crítico, pensamento esse que influenciou os escritores durante longo período, e que ainda afeta artistas contemporâneos. Mário de Andrade, um dos precursores dessa visão negativa, conceitua o regionalismo, em 1928, como algo restrito, caracterizando-o como:

Regionalismo é mate aqui, borracha ali [...] pobreza sem humildade [...] caipirismo e saudosismo, comadrismo que não sai do beco e, o que é pior, se contenta com o beco. [...] Regionalismo, esse não adianta nada nem para a consciência da nacionalidade. Antes a conspurca e depaupera-lhe estreitando por demais o campo de manifestação e, por isso, a realidade. O regionalismo é uma praga antinacional. Tão praga como imitar a música italiana ou ser influenciado pelo estilo português. (ANDRADE apud LEITE, 1994, p. 669)

Por consequência, criou-se uma distinção entre obras boas e ruins, partindo do pressuposto de que ruim seria a obra regionalista, ao passo que a obra de qualidade

seria aquela que retratava o universal. É Marisa Lajolo quem fornece a descrição dessa problemática:

Mas a inclusão de um texto na categoria regionalismo não é neutra: no limite regionalismo e regionalista são designações que recobrem, desvalorizando, autores e textos que não fazem da cidade moderna matriz de sua inspiração, nem da sua narrativa urbana padrão de linguagem. Obras e autores regionalistas – salvo exceções como alguns romancistas de 30 e as veredas sertanejas de Guimarães Rosa – costumam ser vistos pela crítica (e conseqüentemente pelas histórias literárias) como esteticamente inferiores, sendo a superioridade da produção literária não regionalista vinculada à sua universalidade, categoria também responsável pela redenção de escritores como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa que em nome da abrangência de sua obra alçam voo da vala comum do regionalismo. (LAJOLO, 2003, p. 327)

Por isso, concordamos com Pelinser (2010, p. 107) quando o autor afirma que, nesse processo, é possível identificar na historiografia e na tradição crítica brasileira uma sutil, mas sempre presente, necessidade de expurgar a marca do regional de determinados textos, como se essa pecha configurasse, *per se*, um demérito qualitativo.

Metodologia

### O autor e a negação

Em decorrência da construção negativa em torno do regionalismo, autores contemporâneos procuram dissociar-se dessa corrente literária, propagando discursos que, na tentativa de evitar preconceitos, por vezes acabam contribuindo para consolidá-los. Ronaldo Correia de Brito, autor da obra *Galileia*, em entrevista concedida ao *Jornal Tribuna Feirense*, de Feira de Santana-BA, quando questionado sobre uma retomada da temática do sertão, tece a seguinte consideração:

Essa cartilha nos prestou um grande desserviço. Regionalismo virou palavrão. Chamar um autor de regionalista é uma maneira de diminuir o valor do seu trabalho, reduzi-lo a estereótipos, enquadrá-lo em chavões, tratá-lo com preconceito e deboche. Pior do que ser chamado de regionalista só mesmo ser chamado de folclórico. Ou de contador de causos. Escrevi um artigo para a revista *Continente* com o título *Regionalista é a Mãe*. O título foi censurado. É como se nada tivesse acontecido nas bandas de cá desde 1930, o mundo houvesse parado, e nós ainda escrevêssemos com bico de pena. Isto ocorre no mundo inteiro, e no Brasil não seria diferente. Quem detém o poder econômico, o poder da mídia, dita as normas de mercado, estabelece os critérios de qualificação e desqualificação. Estabelece até um modelo de crítica, e o ensina nas universidades. É exemplar um ensaio de Mário de Andrade sobre a poesia de Ascenso Ferreira, alertando para o risco de o poeta cair na tipicidade, ele mesmo um regionalista de carteira, porque não há romance mais cheio de tipicidades do que Macunaíma, ou que mais mereça o adjetivo de regionalista. (MELO, 2005, grifo meu)

Na mesma medida em que o autor recusa sua vinculação ao título de regionalista, ele tece observações sobre como se constrói a crítica literária, argumentando que ela advém de um pensamento político e que quem detém esse poder dita as normas. A percepção sobre o regionalismo provém de uma dicotomia entre universal e regional, na qual a “civilização niveladora” (PEREIRA, 1988, p. 175) dita como acontece a

recepção crítica dessas obras, interferindo diretamente na forma como são recebidas pelo público e na forma como os autores lidam com a questão.

A relação delicada, por vezes problemática, entre Ronaldo Correia de Brito e o regionalismo é descrita em uma reportagem publicada pela Folha de S. Paulo, na qual o escritor rejeita o rótulo de regionalista: “O que faço não tem nada a ver com o manifesto regionalista, com os planos e pressupostos da época” (VENCEDOR, 2009).

Mas a negação do autor ao regionalismo não está apenas nas entrevistas, faz-se presente também na sua obra, em mais de um momento, a exemplo da seguinte passagem de Galileia: “– Quer saber de uma coisa, Adonias? Regionalista é a mãe. E quer saber outra? Sinto-me acuado.” (BRITO, 2009, p. 164) No decorrer do romance nos deparamos com negações, por vezes diretas e outras mais sutis, a essa corrente literária. Porém, em alguns momentos essa relação se torna contraditória, na qual o autor, por meio do narrador, expõe uma visão mais positiva:

– Ninguém precisa viver fora de seu país para escrever um bom romance.

[...]

– Nunca pensei em ir embora de minha terra. Leio o possível, me informo sobre o que acontece no mundo, mas não fui muito longe, nas poucas viagens que fiz. (BRITO, 2009, p. 165)

Essa visão conflitante sobre o regionalismo vai sendo construída a partir da associação a um personagem, Tio Salomão, descrito como arcaico e ultrapassado. Em diversos momentos, observa-se uma necessidade do narrador em descrevê-lo de maneira negativa, como se essa negação influenciasse a sua percepção do conceito de regionalismo.

Caminho em círculos. Sinto-me acuado pelos livros, esmagado pelas verdades que encerram. Foi por causa dos livros que nunca consegui entender-me com tio Salomão. Quando nossas disputas abrandavam, eu me tornava justo e generoso deixava os rancores de lado e reconhecia nele uma erudição solitária, um jeito próprio de ver o mundo e a civilização brasileira. Percebia seu esforço em busca do que é permanente e sobrevive ao furor das mudanças. *E admirava o quanto ele insistia numa consciência regional, procurando desenvolver um pensamento e uma prática cosmopolita. Separado de um passado mítico e irrecuperável, esforçava-se por achar no presente um caminho para ele e seu mundo sertanejo.* (BRITO, 2009, p. 162, grifo meu)

Apesar da descrição negativa, há certa contradição entre a admiração e a consciência de algo irrecuperável. As suas concepções sempre caminham em meio às contradições: por vezes o narrador parece expor toda a negatividade veiculada pela crítica sobre o regionalismo, em outras ele sutilmente o enaltece e mostra admiração. A contradição é manifestada pelo próprio narrador, quando afirma: “Mas essa trégua durava pouco tempo. Logo eu voltava a ser o intelectual pós-modernista desconfiado da cartilha do tio, temeroso de que ele me transformasse em mais um talibã sertanejo, desses que escrevem genealogias familiares e contam causos engraçados.” (BRITO, 2009, p. 162-163)

Resultados e Discussões

## Adonias, o sujeito perdido

A narrativa de *Galileia* se constrói a partir do registro da viagem de três primos – Ismael, Davi e Adonias – à fazenda Galileia para o aniversário do avô Raimundo Caetano, mas, ao invés da comemoração, eles se deparam com o patriarca da família apodrecendo em seus últimos momentos de vida. Adonias, narrador da história, em sua viagem vai rememorando e revivendo fatos do passado. Esse sujeito está sempre em conflito com o seu lugar no mundo, dilacerado em seus pensamentos, pondo em dúvida sua ida à fazenda, ou seu retorno ao Recife, como pode-se perceber no seguinte trecho: “Possuo referências do sertão, mas não sobreviveria muito tempo por aqui. Criei-me na cidade, mas também não aprendi a ginga nem o sotaque urbanos. Aqui ou lá me sinto estrangeiro.” (BRITO, 2009, p. 160) Suas tormentas o acompanham durante toda a narrativa: “Por que retornei à Galileia? Por que retornamos aos lugares que nos expulsam como aborto indesejado?” (BRITO, 2009, p. 142) Tais conflitos estão associados ao fato de esses sujeitos vivenciarem outras culturas e enxergarem o seu local com mais criticidade, influenciados pelo processo de modernização vivido, como destaca Carlos Roberto Vasconcelos:

Uma vez marcados pela cultura exterior, os homens “traduzidos” viverão o dilema do voltar sempre, mas não ficar nunca. O fenômeno do partir está intrinsecamente ligado ao mundo globalizado, ao capitalismo, que oferecem ofertas sedutoras de conforto e conquistas. Inevitavelmente influenciados pela cultura original, tornar-se-ão críticos ferrenhos dessa cultura exatamente por conhecê-la de perto. Do convívio com o novo, serão sempre juízes a aferir valores e estabelecer comparações entre os sistemas de sociedade. Seus espíritos heterogêneos se converterão em permanentes adeptos do sincretismo, buscando novas formas de expressão, mais apropriadas às modernidades, desafiadoras do obsoleto e redefinidoras do sujeito social. (VASCONCELOS, 2013, p. 66)

Ao longo dessa viagem, os personagens percebem um sertão transfigurado. No lugar do sertão arcaico e ultrapassado, começam a surgir as modificações geradas pela globalização, que, além de alterar a paisagem, modifica o modo de vida de um povo. Simultaneamente, esse local vai perdendo suas forças, não há nada no sertão, nem tampouco nas cidades vizinhas, conforme assegura o dono de um bar à beira do caminho: “Ia num ônibus da Prefeitura. Eu não possuo carro. De cavalo essa juventude não aceita andar. [...] Não existe mais roça, nem eles querem. Não existe mais gado, nem eles querem. Tem a cidade sem emprego.” (BRITO, 2009, p. 38)

O sertão vai modificando a sua paisagem ao longo do tempo, o seu povo passando por transformações, e essas vão modificando o modo de vida das pessoas: “Mulher em motocicleta carrega uma velha na garupa e tange três vacas magras. Dois mitos se desfazem diante dos meus olhos, num só instante: o vaqueiro macho, encourado, e o cavalos das histórias dos heróis, quando se puxavam bois pelo rabo.” (BRITO, 2009, p. 8) As tradições vão perdendo suas forças, e o processo de modernização vai chegando a esses locais pequenos e marginalizados, alterando suas paisagens e o seu povo. Esse espaço, que vai aos poucos perdendo a sua pujança, parece ser intoxicado com processos advindos do mundo globalizado:

Ficamos em silêncio, olhando casas de luzes apagadas, com antenas parabólicas nas cumeeiras dos telhados. Eram bem poucas no planalto extenso, multiplicando-se próximo às cidades. Desejei bater à porta de uma delas, dar boa noite às pessoas,

xeretar o programa a que assistiam. Não consigo imaginá-las atravessando a porta para os afazeres nos currais e roçados, depois de se intoxicarem de novelas. Despertados pela luz do farol, de vez em quando voam pássaros à nossa frente, voos rasantes, ligeiros. (BRITO, 2009, p. 15)

O personagem Adonias passa por toda a narrativa de forma sempre conflituosa a respeito do lugar a que pertence, é um sujeito dilacerado, marcado por uma relação de pertencimento mal resolvida. Em alguns momentos parece esquecer o sertão e ser um médico urbano, mas ao mesmo tempo não consegue fazer isso: “Foi sempre assim, em todas as férias. O desejo quase erótico de retornar ao lugar onde nasci se misturava com o medo inexplicável de morte. [...] Chorava pelos cantos, pensava em voltar. Depois, não queria mais sair dali.” (BRITO, 2009, p. 129) A desordem sobre o local ao qual pertence reflete, em alguns momentos, dúvidas sobre ser, ou não, um novo profeta sertanejo, que luta pelo seu povo e sua terra:

Uma cerveja com essas moças me fará bem, talvez me imunize contra a paranoia salomônica, o sentimento de que fazemos parte de outro Brasil, pobre e discriminado. No meio de toda conversa ele empurra seu discurso, fala que nos chamam de regionalistas apenas para diminuir o valor do que nós produzimos. Convenço-me de que leu em excesso os romancistas russos e sofreu indigestão. Doença que seria facilmente curada se trocasse uns amassos com alguma das costureiras. Elas nem ligam para o significado de autêntica cultura brasileira e outros desvarios, olham a triste figura que aparento, indiferentes às minhas ambiguidades, *meu eterno dilema entre ser ou não ser um novo profeta sertanejo*. (BRITO, 2009, p. 170, grifo meu)

Os personagens que migram e retornam são comparados com aves típicas do sertão nordestino, embora a todo momento exista uma necessidade de explicitar que eles tentaram cortar os laços com essa região e com o patriarca da família: “Somos aves de arribação. Mesmo quando partimos sem olhar para trás, retornamos; quando imaginamos firmar os pés numa nova paragem, estamos de volta.” (BRITO, 2009, p. 69)

A volta desses personagens pode estar ligada a uma relação umbilical presente em certas obras da tradição regionalista, nas quais o autor tem a necessidade de descrever esse local maternal, que serve de refúgio na mesma medida em que os expulsa. “Casa é refúgio, útero materno. Nela, tudo se oculta.” (BRITO, 2009, p. 54) Essa necessidade intrínseca de retorno ao local no qual o narrador personagem passou uma boa parte de sua vida pode estar associada a uma relação sociopsicológica entre o autor e sua terra natal. João Claudio Arendt exemplifica a mesma relação, referindo-se ao prólogo de *Iracema*, de José de Alencar:

No prólogo de *Iracema*, em 1865, José de Alencar, [sic] faz considerações acerca da elaboração e da possível recepção do romance ao seu amigo, Dr. Jaguaribe, que se encontra no Ceará. Um dos aspectos aí posto em relevo diz respeito à relação do romancista com sua terra natal: “Os meninos brincam na sombra do outão com pequenos ossos de reses, que figuram a boiada. Era assim que eu brincava, há quatro anos, em outro sítio, não muito distante do seu” (1974, p.102). É o “amor do ninho” que vincula Alencar ao espaço rural do Ceará, uma espécie de laço sentimental que nem o tempo e a distância conseguem romper – cuja razão talvez se encontre no fato de as relações dos homens com o espaço terem uma dimensão psicológica e sociopsicológica [...] (ARENDR, 2010, p. 185)

Concomitantemente, a narrativa se constrói a partir de dois eixos temáticos – de um lado, recordações e revisitações a fatos passados, de outro, conflitos internos entre os personagens e seus locais de pertencimento – que influenciam nessa perturbação dos personagens. Sujeitos perdidos, dilacerados em suas relações, e conflituosos:

A embriaguez cessa de repente. Sem a chance de partir, tudo parece sombrio e feio; o coração se tranca, a boca amarga. Os dançarinos passam cantando e arrancam o Santo dos meus braços. Tento alcançá-los, mas eles desaparecem. Sinto-me sozinho. Procuo alcançar o outro lado da praça e encontro a mesma paliçada de motos. Recuo porque não consigo transpô-la. Já não sei que direção tomar. Até bem pouco tempo, o mundo em volta de mim era compreensível e amável. Agora, seu significado me foge por completo. (BRITO, 2009, p. 236)

### **Ismael, um nômade em conflito**

No decorrer da narrativa, ganha relevo a construção do personagem Ismael, filho bastardo de Natan com a índia Maria Rodrigues, cuja paternidade nunca foi reconhecida. O pai biológico não acreditava no posicionamento da índia, que afirmava ser seu o filho que carregava em seu ventre. A partir disso, surge um distanciamento entre pai e filho, que não o aceita como tal. O avô, Raimundo Caetano, apesar da contrariedade de sua esposa, traz o neto para junto de si e o registra como filho. Assim, depois de passar parte de sua infância na tribo dos índios kanelas, no Maranhão, Ismael vai morar junto com o seu avô na fazenda Galileia. Toda a sua história nesse local é construída ao lado de seu avô, ao mesmo tempo em que os outros familiares o rejeitam como pertencente à família:

[...] Maria Raquel bateu o pé e ameaçou sair de casa se trouxessem o bastardinho kanela para viver debaixo do mesmo teto em que ela vivia. Raimundo Caetano esperou dois anos, mas um dia ausentou-se por três semanas, retornando com um menino magricela e malvestido. Era Ismael. Ele mesmo escolheu o nome, e o registrara como seu filho legítimo e de Maria Rodrigues. A partir daquele dia Ismael tornou-se filho do avô, irmão do pai, e o nosso tio por direito. Natan, que não suportava ver-se repetido de forma tão fiel, passou a odiar o filho e a persegui-lo todos os dias em que habitou a Galileia. (BRITO, 2009, p. 95)

Em seguida, Ismael vive parte de sua vida na Noruega, local em que se casa, constrói sua família e perde tudo que tinha. A relação com Galileia sempre foi conflituosa, vários moradores da fazenda o olhavam com repulsa e o viam como o bastardo defeituoso. Apesar da rejeição dos familiares, Ismael exalta o seu passado com o seu povo e nesse local: “– Quando nos distanciamos de nossa origem, o reencontro com o passado é doloroso, quase impossível. Sempre vivi aqui. Desde que nasci olho essa casa. Ela não me assusta porque faz parte de minha vida. Não é o seu caso, Adonias. Para você ela é um fantasma.” (BRITO, 2009, p. 150)

Em toda a história, Ismael mostra um conflito sobre o seu local de pertencimento, uma vez que, apesar de vivenciar culturas distintas e morar em outros locais, ele não consegue definir para onde retornar após a viagem à fazenda: “Teve a prisão, complicou minha vida. Não sei ainda onde vou. Minha filha mora lá, mas eu perdi a guarda.” (BRITO, 2009, p. 73) Em conversa com Adonias, é questionado sobre uma traição ao seu povo, por enxergar o Inhamuns e seus familiares como sinônimo de justiça:

– Esse é o discurso mais careta que já escutei, Ismael. Em nome dos parentes que o rejeitam, você se orgulha até do massacre dos índios. Esquece que é um deles?

– Os índios daqui foram incorporados.

– Foram dizimados.

[...]

– Você sente saudade desse tempo?

– Sinto.

– É estranho, nem dos Inhamuns você é! Passou a maior parte da vida no Maranhão, e depois na Noruega. (BRITO, 2009, p. 17)

O personagem demonstra todo o seu apego ao sertão, pois, mesmo vivenciando outras culturas, conhecendo outros locais, não consegue desvincular-se desse local, esse sertão que o acompanha em pensamento. Quando, na Noruega, é preso por consequência do uso de drogas e de espancar a sua esposa, Ismael usa das memórias do sertão para livrar-se da depressão. É como se esses pensamentos servissem de consolo íntimo e as lembranças desse espaço ajudassem a sobreviver ao caos:

– Adonias, eu vou dizer os nomes das árvores que conheço. Sei detalhes das folhas, dos troncos e da floração de cada uma delas. Não pense que essa lembrança é inútil. Ela me serviu muito, no tempo que fiquei preso na Noruega. Quando não tinha nada o que fazer, eu imaginava a floresta, as plantinhas mais bestas. Escrevia os nomes num caderno, desenhava as flores e chorava arrependido do rumo que dei à minha vida. Só desse jeito eu aliviava a depressão. (BRITO, 2009, p. 12-13)

Apesar de ser esse sujeito multicultural, o personagem faz do sertão a sua ótica para ver o mundo, de modo que chega a tecer comparações entre a Noruega e o sertão, mostrando que apesar de serem locais distintos possuem pontos de ligação. Para Ismael, é como se o sertão estivesse dentro dele:

A Noruega é um sertão a menos trinta graus. As pessoas de lá também são silenciosas, hospitaleiras e falam manso. Habitaram-se aos desertos de gelo, como nós à caatinga. A comparação parece sem sentido, mas eles também olham as extensões geladas, como olhamos as pedras. A nossa pele é marcada pelo sol extremo, a deles pelo frio. Acho que as pessoas são as mesmas, em qualquer latitude.

– Mudam as culturas, as crenças, o grau de civilização.

– Eu falo da essência. (BRITO, 2009, p.73)

Em virtude dessa relação com o seu local de pertencimento, Ismael relata sua dificuldade em adaptar-se a novos locais, mostrando que o sertão está dentro de si, como se fosse uma doença incurável: “É preciso muito tempo para se gostar de um lugar. Eu nunca me acostumei à Noruega. Dizem que ela é melhor que isso aqui. Eu não acho. O sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos. É uma doença sem cura.” (BRITO, 2009, p. 19) É interessante perceber que a definição do sertão como uma doença sem cura traz consigo certa ambiguidade. Trata-se de algo negativo, que

o prende a um dado espaço, mas, simultaneamente, é aquilo que o faz enxergar o mundo com individualidade, um local usado como referência em sua vida, pelo qual ele tem mais estima que os demais.

Durante toda a narrativa, Ismael vai mostrando suas dúvidas a respeito de para onde retornar e o que fazer. Em todos os locais por que ele passa sente-se perdido, porém, no fim da narrativa, é o único que aparentemente fica em Galileia. Pode-se dizer que o sertão seria a sua única maneira de se reencontrar como sujeito: “– Não sei ainda pra onde vou. Na verdade, eu continuo sem lugar. Não tenho o que fazer no Maranhão, no meio dos kana. Saí de lá pequeno, e só voltei porque me expulsaram daqui. Afora os vínculos de sangue e as marcas no corpo, nada me liga a eles.” (BRITO, 2009, p. 132) Além das indecisões, o personagem sente uma necessidade de expurgar as marcas indígenas que carregam o seu passado. Para ele, o sertão é sua origem: “– Você é mais sabido do que eu, primo. Fez doutorado na Inglaterra, mas eu aprendi como os antigos da família, sozinho, por esforço próprio. Li os livros que você nunca se interessou em ler.” (BRITO, 2009, p. 17)

Apesar de todos os conflitos vivenciados, Ismael enaltece o seu desejo de fixar-se na fazenda Galileia, deixando de lado o passado problemático que gira em torno de seus familiares: “– Eu gosto mesmo é daqui. Se fosse possível ficar, eu ficava. Botava o orgulho entre as pernas e começava uma vida nova.” (BRITO, 2009, p. 132)

Ao final, as lembranças desse sertão permeiam toda a narrativa, os personagens revivem as memórias de sua infância e as atrelam ao processo de modernização contraditória que assola esse local: “O rádio fala alto, a televisão oferece produtos, o liquidificador gira as hélices, a forrageira estrala, as galinhas cacarejam, as vacas mugem, relinham os cavalos, latem os cachorros.” (BRITO, 2009, p. 99) A tradição entra em conflito com a modernização, a tecnologia que vem de fora não tem serventia nesse ambiente, a não ser para corromper o seu povo, como relata o dono de um bar sobre seu filho, que foi preso por roubar um aparelho celular, mesmo sem saber utilizá-lo:

– Meu filho quase se mata por nada, por esse trastezinho que até pouco tempo atrás nem existia pra gente. Mas agora existe, e ele desejou um. É o Diabo quem inventa essas coisas, só pode ser. E também é o Diabo quem tenta a gente pra querer o que não precisa. Ele aparece na televisão, ludibriando, prometendo maravilhas, mandando comprar, fazer qualquer sacrifício para possuir essas porcarias. A cada hora inventam uma coisa diferente. Nosso menino esqueceu a honra. Esqueceu tudo. Roubou o celular e está preso. Quando viu que não aguentava a cadeia – chamam com outro nome a prisão pra menores, mas é pior que cadeia – tentou se enforcar. Passou uma corda no pescoço e não morreu porque os guardas chegaram a tempo. Da segunda vez, tomou água sanitária e foi internado num hospital. A mãe está com ele. Certas horas eu esqueço que é nosso filho, de tanto desgosto. Tudo por causa de uma coisinha dessas que fala com quem a gente nem vê. Deve ser o Diabo quem chia no ouvido das pessoas. Só pode ser ele. E meu filho caiu na tentação. Acho bom que ele morra, que nem volte mais pra casa. Fique por lá mesmo, no meio dos que não prestam.” (BRITO, 2009, p. 40)

O sertão, apesar de modificado de forma conflituosa, conduz esses personagens a rememorar os fatos vivenciados nesse espaço e traz à tona combates internos que guiam todo o romance. Trata-se uma viagem existencial, que não é para um local, mas para um tempo passado, para um outra maneira de ser e existir, desencadeada pela



experiência espacial: “É estranho como o sol desaparece rápido no sertão. Mal nos preparamos para a noite. Voam pássaros que desconheço, raposas atravessam a estrada, besouros batem no para-brisa do carro. Não identifico nenhum pio de ave acima da música. Meu pavor aumenta. Para onde vamos?” (BRITO, 2009, p. 11)

## Conclusão

Em consequência das elaborações críticas negativas em torno do regionalismo, é perceptível como Ronaldo Correia de Brito procura desvincular-se de tal corrente literária. Contudo, pode-se perceber que sua obra recupera temas, espaços, imagens e topoi clássicos do regionalismo, ou seja, ela possui inúmeros pontos de ligação com a tradição literária regionalista. Isso, porém, não a torna restrita, tampouco reduz suas capacidades expressivas, o que corrobora os estudos que afirmam que apenas rotular uma obra como regionalista não determina sua qualidade. Apesar disso, o autor, em entrevistas analisadas, demonstra desconforto em associar sua obra a tal vertente literária, o que se manifesta, inclusive, em trechos do romance *Galileia*, nos quais o regionalismo ganha destaque de forma negativa, podendo encaminhar o leitor a juízos de valor sobre a corrente literária.

Como visto, o romance se constrói a partir da recuperação de temáticas historicamente associadas ao sertão nordestino, sempre de forma intimamente ligada a conflitos internos dos personagens, que se mostram dilacerados com o sertão transfigurado, diferente do local que alimenta seus imaginários. Carlos Alberto Vasconcelos dá ênfase a esse processo em seus estudos:

Hipoteticamente, tempo e espaço se revelam abreviados. As definições de campo e cidade tornam-se cambiantes e o próprio sertanejo sente-se vacilante quanto ao seu pertencimento a um lugar, a uma sociedade. As lembranças e reminiscências que formam a amplitude da Memória vão ao encontro do que o mundo globalizado reivindica como identidades. Ronaldo Correia de Brito, por meio principalmente do personagem-narrador Adonias, não reivindica o sertão mítico e imutável, tão decantado em prosa e verso. Sua proposta, com o romance, não é, definitivamente, a preservação (talvez nem mesmo a tradução), mas a revelação de um universo que, com tudo o que contém de mítico, místico ou conservador, está sujeito a transformações. (VASCONCELOS, 2013, p. 85)

Os personagens vivenciam uma nova realidade, um sertão invadido pela modernidade; são sujeitos confrontados com o processo de modernização que invadiu aquele local e modificou suas paisagens. Essas experiências afetam sua aceitação daquele espaço, da sua realidade, da sua cultura, o que termina por desencadear relações de pertencimento mal resolvidas. Tais conflitos influenciam a construção desses personagens, sujeitos perdidos nos conflitos da tradição e da modernidade. Sendo assim, a dilaceração existencial de personagens como Adonias e Ismael é um dos marcos da narrativa e o determinante para a condução do romance, o qual recupera e revitaliza o espaço sertanejo, a partir de questões próprias à contemporaneidade.

## Referências

ANDRADE, Mário de. Regionalismo. In: SCHWARTZ, Jorge. Vanguardas Latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos. 2. ed.. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 553-554.

BRITO, Ronaldo Correia de. Galileia. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2008. 236 p.

LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: Quem é o vilão da história?. In: FREITAS, Marcos Cezar de. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2001. p. 297-327.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha Praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana. América Latina: Palavra Literatura e Cultura. São Paulo: Memorial, 1994. p. 665-702.

MELO, José Inácio Vieira de. Ronaldo Correia de Brito – o código do livro dos homens. Jornal Tribuna Feirense, Feira de Santana, BA, 17 jul. 2005. Tribuna Cultural. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/jinacio18.html>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

PELINSER, André Tessaro. Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo. Antares: Letras e Humanidades, Caxias do Sul, n. 4, p. 106-120, jul./dez. 2010.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Regionalismo. In: \_\_\_\_\_. História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 175-183.

SANTINI, Juliana. Realidade e representação no romance regionalista brasileiro: tradição e atualidade. O eixo e a roda, Belo Horizonte, vol. 23, n. 1, p. 115-131, 2014.

VASCONCELOS, Carlos Roberto Nogueira de. Sertão de pedra e argila: tradição, ruptura e modernidade no romance Galileia, de Ronaldo Correia de Brito. 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, 2013.

VENCEDOR rejeita o rótulo de regionalista. Folha de S. Paulo, Ilustrada, São Paulo, ago. 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0508200916.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

CÓDIGO: HS0076

AUTOR: LUCAS MATEUS MARIZ DE ANDRADE

ORIENTADOR: ANDRE TESSARO PELINSER

TÍTULO: Modulações do Regionalismo literário brasileiro na ficção de Antônio Torres

Resumo

Na crítica literária brasileira, o regionalismo tem sido visto como símbolo de passadismo, pitoresco, ruralismo, inferioridade. O emprego, por parte dos autores, de temas, imagens e motivos regionais tem sido associado a uma visão negativa sobre a qualidade da obra, tornando-a incompatível com a ideia – por si só problemática – de “universal”. A percepção do regionalismo como literatura de baixa qualidade se perpetuou ao longo do tempo e tem feito com que autores contemporâneos cujas obras se filiam à tradição regionalista neguem esta designação. O objetivo deste trabalho é identificar como essa problemática se relaciona à criação literária de um desses autores, Antônio Torres, verificando como se manifestam elementos do regionalismo em *Essa terra*, de 1976. Para tanto, analisamos como a obra apresenta o contraste entre centro e periferia, evidenciado pela polarização entre campo e cidade, e buscamos compreender como esses aspectos se relacionam às ideias de migração, identidade e pertencimento. Além disso, a forma como o próprio autor lida com a afirmação ou a negação do regionalismo presente em seus livros também faz parte desta análise, a partir do exame de entrevistas concedidas pelo autor sobre o tema.

Palavras-chave: Regionalismo. Migração. Identidade. *Essa Terra*. Antônio Torres.

TITLE: Modulations of Brazilian literary regionalismo in the fiction of Antonio Torres

Abstract

In Brazilian literary criticism, regionalism has been seen as a symbol of passadism, picturesque, ruralism, inferiority. The use by the authors of regional themes, images, and motifs has been associated with a negative view of the quality of the work, making it incompatible with the idea - by itself problematic - of 'universal'. The perception of regionalism as low quality literature has perpetuated over time and has caused contemporary authors whose works affiliate with the regionalist tradition to deny this designation. The aim of this paper is to identify how this problem is related to the literary creation of one of these authors, Antônio Torres, verifying how elements of regionalism manifest themselves in *Essa terra*, published in 1976. For that purpose, we analyse how the work presents the contrast between center and periphery, evidenced by the polarization between countryside and city, and we seek to understand how these aspects relate to the ideas of migration, identity and belonging. In addition, the way the author himself deals with the affirmation or denial of regionalism present in his books is also part of this analysis, based on the examination of interviews granted by the author on the subject.

Keywords: Regionalism. Migration. Identity. Essa Terra. Antônio Torres.

### Introdução

A noção de identidade está frequentemente ligada às de pertencimento e de localismo. Segundo Paulo Moreira, observa-se nos Estados Unidos, no Brasil e no México um tipo de ficção localista caracterizada por manifestar certa afeição pelas margens da modernização, mostrando as mudanças acarretadas por processos modernizadores e como há um comprometimento artístico com essa realidade. Conforme Moreira, para o autor filiado ao modernismo localista, o espaço não é mera ambientação, uma vez que as suas vivências são decisivas dentro dos seus respectivos processos de criação. (MOREIRA, 2012, p. 15-36)

No entanto, a concepção defendida pelo autor vai de encontro à percepção vigente em parcela representativa da crítica literária brasileira. O problema tem sua origem no século XIX com o Romantismo. A partir dos ideais que alimentaram a busca por um instinto de nacionalidade, a nossa literatura começa a se utilizar cada vez mais de uma mimese caracterizada pela descrição da realidade em seu processo de criação. O estilo literário da época entendia que era necessário encontrar e representar os símbolos da brasilidade. (cf. SANTINI, 2014, p. 117-118) A esse procedimento, Machado de Assis argumenta, em *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*, que o utilizamos pois não somos capazes de produzir um romance de análise psicológica, tão necessário frente aos problemas da sociedade da época, talvez “porque seja esta casta de obras ainda incompatível com nossa adolescência literária.” (ASSIS, 2008, p. 1206)

Embora Machado de Assis não aborde o problema do regionalismo, sua afirmação reverbera e é assimilada pela crítica literária posterior, que passa a entender que tanto o Romantismo quanto o regionalismo literário utilizavam um processo de mimese demasiadamente descritivo. No século XX, a ideia de que este último era símbolo de rural, de arcaico e de fixação da realidade encontra terreno para se firmar nos pensamentos de Antonio Candido e Miguel Pereira. Esta associa o regionalismo literário a “simples fixação de tipos, costumes e linguagem local” (PEREIRA, 1988, p. 175).

Apreendido de diversos modos ao longo do tempo, tal pensamento faz com que autores contemporâneos como Antônio Torres tenham receio ao serem rotulados como regionalistas:

O que acha de ser chamado de escritor regionalista?

O que leva a isso é o meu título mais forte até hoje, que é o *Essa terra* (1976) [...] Mas eu não sou um sambista de uma nota só, quer dizer, luto para não ser um sambista de uma nota só. Passeio também por ambientes urbanos [...] Logo, essa impressão de que eu sou um escritor regionalista faz sentido até um certo ponto. Quem leu só o *Essa terra* ou a trilogia pode ficar com essa impressão. Mas se buscar mais do meu trabalho verá que não é bem assim. (TORRES, 2010, s/p)

Nota-se preocupação do autor ao ser questionado sobre a associação ao rótulo de regionalista. A atitude pode estar relacionada à definição reducionista consolidada por anos de crítica literária, uma vez que, definindo o regionalismo literário daquela forma, estaria criando no imaginário coletivo a ideia de uma literatura documental, retirando o caráter literário das obras associadas à tradição regionalista. Ao responder que também passeia por ambientes urbanos, nota-se em Torres certa intensificação no receio de que sua obra seja associada ao ambiente rural, “onde os hábitos e estilos de vida se

diferenciem dos que imprime a civilização niveladora” (PEREIRA, 1988, p. 175). Convencionou-se acreditar que é também desta civilização que se retira a referência de qualidade literária, isto é, ela dita o que é a boa e a má literatura, pois não está à margem, mas no centro, no ambiente urbano ao qual Torres faz referência, o que justificaria seu receio.

Assim, torna-se importante compreender como se deu o processo de construção da visão da crítica literária sobre a tradição regionalista, a fim de que possamos entender as modulações desta tradição na contemporaneidade.

## Metodologia

Como base metodológica, fizemos um levantamento, mapeamento, das entrevistas concedidas por Antônio Torres, buscando entender como ele relaciona o regionalismo literário com a sua obra. Associado a isso, foi feita a análise do material levantado e do livro escolhido como objeto de estudo, *Essa Terra*, obra do Antônio Torres. De forma paralela à leitura do texto literário previsto no plano do trabalho da Iniciação Científica, efetuamos leituras de textos crítico-teóricos, que serviram de base para a análise da obra. No tocante à leitura do texto literário, salienta-se que ela foi feita buscando identificar pontos de contato com a tradição literária regionalista. Somente depois dessa análise, foi possível cotejar as entrevistas do autor com a obra literária.

## Migração, pertencimento e identidade na obra

Em *Essa terra*, de Antônio Torres, o pertencimento identitário está bastante presente em toda a narrativa, relacionando-se intimamente com a migração e o espaço regional, e não se limita a um único personagem. Consigo, este mesmo pensamento suscita outras problemáticas, como a migração de Nelo, ainda na juventude:

Nelo descobriu que queria ir embora no dia em que viu os homens do jipe. Estava com 17 anos. Ele iria passar mais três anos para se despreparar do cóis das calças de papai. Três anos sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles bancários [...] (TORRES, 1991, p. 18)

Nelo é o filho mais velho de um casal de moradores da pequena cidade de Junco, interior da Bahia, e é o retrato do filho ideal antes e, principalmente, depois que dá início ao seu processo de migração. Trata-se de uma família desestruturada, em que se percebem a pobreza e os conflitos internos entre o pai e a mãe. A migração do personagem, aos 20 anos, é apresentada ao longo da narrativa como fruto do anseio pela melhoria de vida oferecida pelo centro do país, em contraste com as dificuldades enfrentadas pelos habitantes do Junco, essa zona periférica, distante da modernização ou da suposta “civilização niveladora”, para usar a expressão de Lúcia Miguel Pereira.

O processo migratório do personagem em questão levanta uma problemática já apontada por José Clemente Pozenato. Ao discutir a ideia de região segundo os estudos de Pierre Bourdieu, o autor conclui que “esse estigma que o ‘centro’ imprime sobre a ‘província’ repercute em todas as representações que se façam de região” e que, “no plano das representações culturais, o estigma estabelece que a ‘província’ é um mundo acanhado, estreito, incapaz de transpor as próprias fronteiras” (POZENATO, 2003, p. 156). É este mundo acanhado que os moradores do Junco gostariam de deixar para trás. O mundo que fica em uma região provinciana ao norte do centro econômico e

social. A visão comum de que o sul representa os ideais econômicos e sociais faz com que a região do Junco seja vista como província. O mundo ideal, rico e próspero é o mundo do sul:

Onde esses braços se encontravam? Dentro do ônibus, em cima dos caminhões. Descendo. Para o sul de Alagoinhas, para o sul de Feira de Santana, para o sul da cidade da Bahia, para o sul de Itabuna e Ilhéus, para o sul de São Paulo-Paraná, para o sul de Marília, para o sul de Londrina, para o sul do Brasil. A sorte estava no sul, para onde todos iam, para onde ele tava indo. Uma vez, em Feira de Santana, ficou parado na rodoviária, durante uma manhã inteira. Uma zanação sem começo nem fim, um entra e sai de formigueiro vivo. Ficou embasbacado: – Se aqui não é nem bem os princípios do sul, imagine como não será o resto. (TORRES, 1991, p. 62)

Para além desse mundo ideal, o que vemos, por outro lado, são processos migratórios falidos. As ações de vários personagens, em momentos específicos da narrativa, comprovam tal afirmação. A própria migração do primogênito não é bem detalhada na narrativa, uma vez que não há referências precisas sobre os mais de 20 anos que Nelo vive em São Paulo. O que sabemos é que, em meio às muitas dificuldades, a migração não foi para Nelo o que ele esperava. Constituiu família, conseguiu empregos, foi demitido, virou alcoólatra, vagou sem rumo pelas ruas de São Paulo, foi espancado. Apesar de todos esses problemas, duas imagens eram alimentadas no imaginário da sua cidade natal: o filho pródigo vive e a migração para o sul era uma realidade promissora.

Ao que tudo indica, essas duas imagens sobreviviam por dois motivos: Nelo se recusava a voltar para o Junco e assumir que seu processo migratório tinha sido um fracasso, ou, no mínimo, não era como acreditava ser; e ele continuava, não se sabe como, mandando mensalmente uma quantia em dinheiro para os seus pais. Assim, todos acreditavam que Nelo era “o exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens” (TORRES, 1991, p. 14). A ideia de pertencimento a uma região associada a esse personagem talvez seja uma das mais problemáticas apresentadas em toda a narrativa. Entre novas vivências e alguns reencontros, Nelo mostra-se angustiado e entra em uma profunda crise de identidade:

Aqui, no meio da rua. Na grande capital. Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo. *Aqui vivi e morri um pouco todos os dias. No meio da fumaça, no meio do dinheiro. Não sei se fico ou se volto.* (TORRES, 1991, p. 47, grifo meu)

## Resultados e Discussões

Apesar de entender que o seu processo migratório foi conflituoso e não gerou o que ele almejava, Nelo preferiu sofrer sozinho durante parte dos mais de 20 anos em que viveu em São Paulo, ao invés de voltar para o Junco. Percebe-se, portanto, um indivíduo desenraizado das suas origens, que prefere sofrer a voltar para o seu lar, lugar em que provavelmente teria apoio da sua família, não precisando mais enfrentar as dificuldades sozinho. Assumindo uma atitude comum a alguém que enfrenta problemas constantes após um processo migratório infrutífero, Nelo regressa, afinal, ao Junco. No entanto, o retorno não se apresenta como solução para o indivíduo em crise, visto que sua volta é imediatamente seguida de seu suicídio. Partindo do pressuposto de que os ideais de

pertencimento não estão presentes em nenhum momento na mente do personagem, como explicar a necessidade de retorno ao lugar em que nasceu para só então cometer o suicídio?

Como podemos perceber, a relação estabelecida entre o mundo supostamente ideal do sul, os moradores da cidade do Junco e os ideais de pertencimento e identidade é, em suma, conflituosa. A migração do primogênito também desperta os conflitos migratórios atrelados à perda de identidade e pertencimento na vida da sua família. Totonhim, irmão de Nelo e narrador de *Essa terra*, nos mostra que “Foi contigo que as mudanças começaram, porque foste o primeiro a descobrir a estrada [...] O brilho de tua estrela iluminava as nossas noites mortas” (TORRES, 1991, p. 102).

As mudanças acarretadas pela descoberta da estrada não demoram a reverberar na matriarca da família, em quem se percebe que a vontade de buscar melhorias em uma região mais desenvolvida é maior do que os laços de identidade que a prendem a “essa terra”, o Junco. Ao enviar as filhas para um convento em Feira de Santana, na tentativa de tirar as meninas da vida sofrida que ela julgava existir no Junco, recebe a notícia de que a expulsão delas da ordem é iminente. De pronto, para evitar o retorno das filhas para a cidade natal e contra a vontade do próprio marido, decide também ir para Feira de Santana: “Elas não voltam. Eu é que vou pra lá. E vocês vêm depois. A decisão não ia ser fácil. Motivo: papai. Como sempre.” (TORRES, 1991, p. 102-103)

Como resultado desse processo, o fracasso. Percebe-se, pois, que os ideais de pertencimento ao lugar, isto é, ao Junco, são refletidos de forma negativa nas ações da personagem. Viver na nova cidade não era nada melhor do que na anterior, mas a matriarca da família não recuava, assim como Nelo o fez em São Paulo. Voltar seria reconhecer que falhou e que a vida no Junco, a cidade provinciana e sem perspectivas, seria melhor do que a vida no mundo ideal do sul:

Acabamos todos nos arranchando numa casinha pobre de uma rua pobre de um bairro pobre, sem luz, sem água, sem esgoto, sem banheiro. Mamãe alugou a casa fiando-se no dinheiro que mandavas todo mês e, quando atrasavas a remessa, era um deus nos acuda. Vivíamos permanentemente debaixo do medo de sermos postos na rua. [...] *Mamãe se matava de trabalhar, penso que era para não dar o braço a torcer, coisa de orgulho pessoal, medo do fracasso.* (TORRES, 1991, p.103, grifo meu)

O processo migratório desencadeado pela figura de Nelo reverbera, ainda, de modo contraditório, nas decisões do restante da família. É esse o caso do patriarca, único indivíduo que demonstra amor inequívoco pela sua terra natal e que, mesmo com todo o sofrimento, é o último da família a abandonar o Junco. Quando se vê sozinho e falido, totalmente desestruturado pelas ações advindas de um processo de modernização representado pela figura dos bancos na pequena região do Junco, deixa a sua cidade e migra para Feira de Santana. Ao chegar, encontra um lugar em notável frenesi. Era outro símbolo de progresso. Feira de Santana estava no sul e a sorte estava lá:

Uma vez, em Feira de Santana, ficou parado na rodoviária, durante uma manhã inteira. Uma zanação sem começo nem fim, um entra e sai de formigueiro vivo. Ficou embasbacado: – Se aqui não é nem bem os princípios do sul, imagine como não será o resto (TORRES, 1991, p. 62).

A vida desse personagem é bastante singular: é o único a demonstrar maior amor à terra natal, maior vínculo de pertencimento a ela, mas, em meio ao abandono e aos

problemas financeiros, cede ao desejo comum de migrar para o sul. O pertencimento à terra seria maior que o sofrimento gerado por ela? Não raramente, o personagem se admira com o progresso do sul, com as perspectivas de mudança causadas pela modernização, mas as suas raízes afloram em cada momento em que o sul se impõe como o lugar de modernidade, lugar em que uma roça não é, digamos, o seu símbolo mais representativo. Apesar disso, para o personagem, não sabemos se por mera falta de conhecimento ou por puro amor ao ofício de trabalhador rural, o desejo de ir para São Paulo não é, nem de longe, parecido com o do seu primogênito: Nelo queria fugir da vida rural, ao passo que seu pai via na região sul uma nova chance de recomeçar a sua plantação, a sua amada roça, não importando se ele seria tão somente um empregado ou dono das terras:

– Não, não era para Feira de Santana que queria ir. A mulher e os filhos que lhe restaram que se ajeitassem sozinhos. Homem que é homem não aceita restos. Iria mesmo era para São Paulo ou Paraná, terras boas, onde certamente encontraria uma roça para tomar conta, como se fosse dono. (TORRES, 1991, p. 49)

Nessa mesma linha, nota-se o amor do personagem pela terra nas últimas páginas da obra, quando o seu filho do meio, Totonhim, lhe informa que vai se desfazer de tudo e partir para São Paulo, assim como o fez o seu primeiro filho:

– Mas para onde você vai?

– Para São Paulo.

[...]

– Você é igual aos outros. Não gosta daqui – falou zangado, como se tivesse dado um pulo no tempo e de repente tivesse voltado a ser o pai de outros tempos. – *Ninguém gosta daqui. Ninguém tem amor a esta terra.*

Ele tinha, eu sabia, todos sabiam. (TORRES, 1991, p. 111, grifo meu)

Aqui, temos Totonhim, irmão de Nelo e principal narrador da história, como já sabemos. A migração, os ideais de pertencimento e de identidade atrelados à figura dele são tão problemáticos quanto os do seu irmão. Enquanto este último, desde o momento da sua partida, manteve-se presente no imaginário dos moradores do Junco como aquele que prosperou na vida, o primeiro cresceu à sua sombra, sempre marginalizado pela importância do filho pródigo, como a sua mãe nos mostra: “Tomara eu tivesse mais um filho igual a ele. Bastava um. Nelo, Nelo, Nelo.” (TORRES, 1991, p. 20) Essa indiferença problematizada nos aponta para um filho angustiado, aflito, sem perspectivas de um amor materno: “Éramos doze, contando uma irmã que já morreu. Só ele contava. Nelo, Nelo, Nelo. – Bastava mais um.” (TORRES, 1991, p. 20)

A migração de Totonhim, inicialmente forçada pela figura de sua mãe quando esta o tirou do Junco e o levou para Feira de Santana ainda criança, numa tentativa frustrada de fugir de uma região afastada do centro, atinge o seu ponto máximo quando, já adulto, afirma para o pai que decide abandonar emprego, família, amigos e ir para São Paulo, tal como Nelo. O que tem o potencial de causar estranheza em um leitor mais (ou será menos?) atento é o fato de que Totonhim foi o único dos irmãos que teve contato com um Nelo frustrado com o seu processo migratório. O Nelo rico e próspero que permeava o imaginário do povo do Junco não era o mesmo que estava ali, e somente Totonhim e



o boticário da cidade, Zé da Botica, sabiam disso. Ao narrar o episódio em que o farmacêutico pede uma contribuição para a construção de um ginásio, Totonhim mostra que ele e o dono da farmácia haviam descoberto a verdade sobre o grande Nelo:

— Zé, vou precisar da sua ajuda. Quero uns remedinhos.

O farmacêutico, por trás do balcão, de pé, conferia a lista das pessoas que deveriam contribuir para a fundação do ginásio e ficou feliz por ver que ainda faltava um nome.

[...]

— Tome esta nota agora. Depois eu dou mais.

— Tudo ajuda — disse Zé, que ainda não sabia a verdade: *aquele era o seu último dinheiro, o que restava daquilo que se pensava ser uma verdadeira fortuna.*

Então ele mostrou a receita e fez a encomenda. E assim como, tempos antes, os exames de sangue e fezes o puseram a nu perante si mesmo, *agora tinha o seu corpo inteiramente devassado pelo farmacêutico: os remédios eram para sífilis e esquistossomose.* O outro pedido era o segredo que Zé da Botica, um homem sério e, a bem dizer, seu primo, deveria guardar para o resto da vida.

— Zé — eu já estava trancando a casa e saindo, atrás dele. — *Eu pago a conta. Espere até o fim do mês. Assim que eu receber da Prefeitura, eu lhe pago.*

— Está certo — disse o farmacêutico. — Não vou contar nada para o seu pai.

Desci para a venda. (TORRES, 1991, p. 36-37, grifos meus)

Totalmente consciente de como era a vida do seu irmão, dos malefícios advindos da migração para São Paulo e dos vários legados negativos que a suposta modernidade do sul trouxe para a sua vida, a exemplo da dispersão da sua família e da falência do seu pai, e para os demais moradores do Junco, o que se esperava era que Totonhim não escolhesse traçar um caminho parecido — eis o motivo daquele provável estranhamento causado no leitor. Ora, no sul, Nelo angariou doenças e decepções. Depois de mais de vinte anos, o dinheiro que levou para o Junco tampouco deu para comprar os remédios de que necessitava, deixando a dívida para o seu irmão.

Sabendo disso, como explicar o fato de uma pessoa abandonar a sua cidade, o seu emprego, a sua vida e enveredar por um caminho tortuoso? O que faz Totonhim relatar que quer ir para o tão moderno sul? Ao atentarmos mais diretamente para a vida desse personagem, deparamo-nos com uma possível resposta: a sua terra não tinha nada a oferecer, a sua família o desprezava. Preterido pela família, que agora já se encontra totalmente fragmentada — isto é, a mãe internada em um manicômio, o pai em outra cidade, a maior parte dos irmãos longe e a descoberta de que a estrela iluminadora das suas noites fúnebres, vulgo Nelo, além de ter morrido, não era e nunca foi o que se esperava que fosse —, São Paulo torna-se uma alternativa viável, senão a única vislumbrada.

**Migração, pertencimento e identidade para além da obra**

A personagem Nelo representa, em suma, um migrante que sai do interior do Junco para a grande cidade de São Paulo. A antiga região do Junco é, hoje, a cidade de Sático Dias, em que nasceu Antônio Torres. Tendo cuidado para não incorrer em simples biografismo, neste caso em especial não é inoportuno identificar a relação existente entre o lugar de origem do escritor e as possíveis nuances dentro de sua obra. Isto configura a discussão sobre os lugares biográficos e sua constituição como espaço umbilical na obra de cada autor. No que tange a este assunto, Stüben argumenta:

Lugares da biografia de escritores possuem com frequência uma relação existencial direta que se encontra em suas obras, como reflexo do reino da experiência real ou como contramundo utópico. O papel do lugar de origem, de residência ou de exílio, para a identidade de um autor, dificilmente pode ser superestimado. Sua visão do mundo, seu rico acervo de experiências, suas mais profundas emoções – tudo o que de mais precioso entra em sua obra está baseado em sua percepção do ambiente, que é decisivamente constituído pelas condições topográficas. Para aquele que escreve, mesmo no caso de uma mudança forçada de lugar, a terra natal permanece inalienável e experimenta sua constituição literária, muitas vezes, somente através da retrospectiva. (STÜBEN, 2013, p. 39)

Como sustenta Stüben, é certo que o lugar de origem do autor não deve ser simplesmente subestimado. É crucial analisar as relações existentes entre o autor e a sua obra para que possamos compreender alguns aspectos desta última. Entendendo esta relação, podemos compreender os ideais de pertencimento que permeiam a vida dos personagens de *Essa terra*. Torres, em uma entrevista concedida à revista *Navegações* e intitulada “As ‘pessoas’ na obra de Antônio Torres”, ao ser questionado sobre a presença de personagens considerados rurais em sua obra, responde que tal escolha foi por simples facilidade em evocar algo que ele já viveu: “Sempre que recorro a um contra-campo para São Paulo ou Rio de Janeiro, fica mais fácil evocar o meio rural em torno do povoado da minha infância [...]”. (VENTURA, 2010, p. 165) Nota-se que o posicionamento do autor vai ao encontro do de Stüben.

Na mesma entrevista, Torres afirma que o Junco não é mais o mesmo de antes e que ele também está inserido no seu outro romance, intitulado *Um táxi para Viena d’Áustria*. Um ponto problemático, entretanto, está presente na última afirmação do escritor. Há algo parecido com uma necessidade de enfatizar que este último romance citado é “um romance urbaníssimo, pós-moderno etc. e tal.” (VENTURA, 2010, p. 207) A primeira afirmação de Antônio Torres dá a entender que a escolha dos personagens e do ambiente que eles permeiam, de fato, tem relação com o seu lugar de origem. Não há qualquer negação neste sentido. A segunda nos mostra certa preocupação com a necessidade de associar sua obra a um espaço urbano, central e supostamente modernizado, um espaço tradicionalmente benquisto pela crítica literária brasileira.

As pessoas, isto é, os personagens de *Essa terra*, estão, de fato, imersos no imaginário de Torres antes mesmo de ele pensar em escrever. Tudo faz parte das suas vivências como indivíduo inserido em um meio social e o reflexo delas não pode ser diminuído ou negado. Adotemos a perspectiva do urbano e imaginemos Torres como um autor que jamais viveu em um lugar como o Junco e sequer conheceu pessoas cujas personalidades se associem às de Totonhim, sua mãe, Nelo ou o louco Alcino, moradores daquele ambiente supostamente rural, pitoresco, regional: será que aquele autor, desprovido das vivências comuns ao povo e aos lugares de *Essa terra*, construiria, na mesma proporção, obra de igual qualidade?

Em *Introdução à literatura no Brasil* (2001, p. 2002), Afrânio Coutinho, após definir que “toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região em particular ou parece germinar intimamente desse fundo”, numa tentativa de separar o que ele próprio chama de simples localismo do largo regionalismo literário, afirma, ainda, que “um romance pode ser localizado numa cidade e tratar de problema universal”, uma vez que a “localização é incidental”. Trata-se de afirmação problemática, uma vez que reduz a importância do lugar na construção da obra, relegando-o a simples pano de fundo, como se a localização da obra, o espaço, a ambientação fosse meramente incidental. Com base nisso, seria possível inferir que sim, que um autor desconhecedor do espaço, da história, do imaginário do Junco conseguiria construir obra de igual qualidade. Temos, pois, um problema, já que estaríamos descartando todo um conjunto de vivências indispensáveis à construção dos sentidos da obra, pois elas não passariam de simples pano de fundo de um texto cuja localização seria incidental.

Em *Essa terra*, as respectivas vivências, a cultura do povo do Junco, os problemas de cada morador que, de certa forma, apontam para algo maior, para problemas comuns a pessoas de várias partes do mundo, carregam grande potencial de significação. A dor de Totonhim, ao ser relegado à sombra de seu irmão, é tão singular quanto o momento em que a sua mãe surta ao ter consciência da morte do seu filho mais velho. Assim como os conflitos existentes nesses personagens, o espaço compartilhado por eles não pode ser desconsiderado na narrativa. Ao mesmo tempo em que desconsiderar tais elementos seria um equívoco, reconhecê-los parece contrariar, no imaginário de autores e estudiosos contemporâneos, pressupostos críticos consolidados por décadas de história literária, uma vez que implicaria aceitar a relevância de espaços e culturas periféricos historicamente associados à restrição das possibilidades expressivas. Ademais, reconhecendo aqueles elementos, seus nomes estariam associados, na visão desta mesma crítica, a uma tradição literária que abarca obras de baixa qualidade: o Regionalismo.

Essa associação gera problemas nada desprezíveis aos escritores contemporâneos. Em entrevista concedida ao *Jornal A Tarde*, em junho de 2001, podemos perceber em Antônio Torres certo desejo de não associar sua obra a um título como o de regional. Ao ser perguntado se, assim como os personagens do seu livro, ele se considera um retirante, o autor responde que a sua trajetória de retirante plasmou o seu próprio estilo de escrita literária e afetou a construção do seu imaginário, a partir da sua saída da terra natal. Porém, finaliza com a ideia de que, apesar daquela ligação com a terra existir, ele possui um caráter diferenciado de outros autores localistas e a sua obra mais representativa, *Essa terra*, “não é regional, no pé da letra. Por isso, talvez, ele [o livro] seja cada vez mais apreciado no exterior.” (TORRES, 2001, s/p)

A fala de Torres suscita questionamentos sobre o regional e o universal: não ser regional seria, ao que parece, o principal motivo de essa obra receber apreço no exterior. Se for regional, a obra parece estar limitada por fronteiras, jamais podendo ultrapassá-las. Nove anos depois, em uma segunda entrevista ao mesmo jornal, quando questionado diretamente sobre o que pensa de ser considerado um autor regionalista, Antônio Torres afirma que o que leva a isso é o seu título mais forte até aquele momento, *Essa terra*. Na mesma resposta, percebe-se mais do que uma simples divergência entre afirmações atuais e passadas, nota-se o desejo do autor de mostrar que não é, em suas próprias palavras, um “sambista de uma nota só”, visto que passeia também por ambientes urbanos. Logo, a impressão de que ele é um escritor regionalista “faz sentido até um certo ponto. Quem leu só o *Essa terra* ou a trilogia pode ficar com essa impressão. Mas se buscar mais do meu trabalho verá que não é bem assim.” (TORRES, 2010, s/p).

Sem aderir ao título de regional, a partir da análise de *Essa terra* e de livros como *Um táxi para Viena D'Áustria*, como nos revela o próprio Torres em algumas entrevistas, constatamos que as experiências vividas por ele estão refletidas em sua escrita. A utilização delas na sua obra aponta para uma ideia de pertencimento ao seu lugar de origem, bem como para um indivíduo que não está perdido, isto é, não está sem vínculo identitário. Em entrevista concedida a Raphael Montes, apresentador do programa Trilha de Letras, da TV Brasil, levada ao ar em 15 de maio de 2018, podemos depreender em Antônio Torres preocupação com certo descaso dos leitores frente a obras nacionais. Para o entrevistado, percebe-se que o público nacional está mais interessado, nos últimos tempos, em ler o que na entrevista é chamado de literatura de consumo estrangeira, *best-sellers*. Para o autor, como o Brasil sequer faz parte do imaginário global, acaba por não fazer parte do imaginário brasileiro: é esse o ponto que o preocupa.

Essa preocupação aponta para uma ideia de pertencimento ao lugar de origem. Portanto, temos em Torres uma representação antitética do personagem Nelo, uma vez que este volta para o Junco não movido por algum ideal de pertencimento ao lugar, mas por não ter opção melhor. O seu retorno revela alguém desprovido de vínculos e desemboca no suicídio, uma vez que, ao regressar, confirma que não possui relação de pertencimento ao lugar, o que resulta em um desenraizamento existencial do indivíduo. Ao ser questionado sobre esse tema, na mesma entrevista concedida ao *Jornal A Tarde*, em junho de 2001, Antônio Torres corrobora o que afirmamos anteriormente com a seguinte resposta: “A questão resume-se no seguinte: talvez o homem que troca o seu lugar por outro perca o seu lugar e não conquiste o outro.” (TORRES, 2001, s/p)

## Conclusão

Após o término da pesquisa, é possível confirmarmos algumas hipóteses levantadas inicialmente. Percebe-se, pois, que há inúmeras reverberações do regionalismo na obra de Antônio Torres. O espaço, as vivências, os problemas e as relações sociais dos indivíduos representados em *Essa terra* inserem a obra em uma tradição regionalista com modulações próprias da contemporaneidade. Isso significa dizer que, ao lidar com o espaço e seus habitantes, por exemplo, aquele autor contemporâneo não o faz de maneira utópica ou programática, como já foi feito no passado, mas ainda assim a sua obra lida com todo um imaginário característico de uma tradição literária. As imagens criadas, os espaços, a linguagem, os *topoi* literários estão intrinsecamente vinculados a ela.

Apesar disso, temos a confirmação de que a visão problemática de parte da crítica literária construída em mais de meio século a respeito do Regionalismo, de fato, percorreu o tempo e chegou até autores contemporâneos, fazendo com que suas maneiras de lidar com a vinculação da sua obra ao rótulo de regionalista sejam, em determinados momentos, contraditórias. Podemos ver as marcas disso nos posicionamentos críticos presentes nas entrevistas concedidas por Antônio Torres. É interessante perceber como, em um dos casos, o autor não recusa terminantemente o rótulo, mas apenas indica que há mais faces em sua obra, enquanto em outro esboça posição mais assertiva e procura desvincular-se dessa corrente literária. Isto é, ao ser convocado a abordar o problema do regional, suas posições são, por vezes, conflitantes, o que é natural em vista do histórico da questão.

Ante a comprovação da continuidade da tradição regionalista e dos problemas persistentes nela, há a necessidade de aprofundarmos os estudos sobre o tema, de discutirmos mais sobre ele e, principalmente, a respeito das suas modulações na contemporaneidade, compreendendo que o problema não está na simples existência de uma corrente, de uma tradição literária, mas sim na ideia de seguirmos atribuindo a ela valores negativos, isto é, utilizando-a como elemento balizador da qualidade estético-literária: se a obra é bem realizada, estaria necessariamente impedida de vincular-se ao regionalismo. Como nos aponta Chiappini (1994, p. 701), “há mais mistérios no regionalismo do que pretende a nossa vã pressa de ser modernos.”

## Referências

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa, em quatro volumes: volume III*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 1203-1211.

BRASIL, Tv. Especial Antônio Torres / Programa completo. 2018. (27m 32s). Entrevista concedida a Raphael Montes, no programa Trilha de Letras. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mpxej8J4I70>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

CHIAPPINI, Ligia. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 659-701.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOREIRA, Paulo. *Modernismo localista das Américas: os contos de Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, J. C.; NEUMANN, G. R. (Org.). *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 37-73.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

TORRES, Antônio. Não sou sambista de uma nota só. Entrevista concedida a Diego Damasceno. *Jornal A Tarde*, Salvador, 19 set. 2010. *Revista Muito*, s/p. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/entrevista12.html>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

TORRES, Antônio. Sempre me coloquei ao lado dos oprimidos. Entrevista concedida a Carlos Ribeiro. *Jornal A Tarde*, Salvador, 11 jun. 2001. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/entrevista13.html>> Acesso em: 24 jul. 2018.

VENTURA, Susana Ramos. As “pessoas” na obra de Antônio Torres. *Navegações*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 205-208, jul./dez. 2010. Disponível em: <[http://antoniotorres.com.br/arquivos/entrevista\\_revista\\_navegacoes.pdf](http://antoniotorres.com.br/arquivos/entrevista_revista_navegacoes.pdf)>. Acesso em: 24 jul. 2018.

CÓDIGO: HS0117

AUTOR: RAFAELA CLÁUDIA DOS SANTOS

ORIENTADOR: ANTONIO GENARIO PINHEIRO DOS SANTOS

TÍTULO: A produção da verdade e discursivização: efeitos de parresia e modos de subjetivação na formação docente em Letras

Resumo

Essa pesquisa é ancorada teórica e metodologicamente na teoria da Análise do Discurso francesa. O nosso objetivo é analisar a produção de verdades e a constituição de saberes nos textos regulamentadores da educação superior e da formação docente em Letras. Dessa forma, nos propomos a observar a estratégia de parresia e de subjetivação. E ainda, buscamos discorrer sobre a produção discursiva da verdade, tratando-a como uma fabricação ligada à constituição ética do eu no espaço do biopoder e do governo de si. Assim, consideramos os postulados de Foucault, procurando verticalizar a discussão sobre conceitos de: discurso, parresia, poder-saber, verdade, efeito de sentido, ensino, formação docente, biopolítica, biopoder, governamentalidade e subjetivação. Assim, analisamos, discursivamente, os documentos reguladores da educação nacional: Constituição Federal de 1988, Parâmetros Curriculares Nacionais, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Base Nacional Comum Curricular. Sendo estes instrumentos mobilizadores de relações de poder-saber, permitem a problematização sobre o gerenciamento político do sujeito-professor pela produção da verdade. Portanto, os resultados apontam para a marcação da parresia no falar sobre a educação, e do efeito de sentido da condução de si, na docência, isto é, a constituição da subjetividade do professor, face aos objetivos institucionais para sua formação e atuação profissional.

Palavras-chave: Discurso. Subjetivação. Parresia. Formação docente em Letras.

TITLE: THE TRUTH PRODUCTION AND DISCURSIVATION: PARRESIA EFFECTS AND SUBJECTIVATION WAYS IN TEACHER EDUCATION IN LITERATURE.

Abstract

This research is theoretically and methodologically based on the Discourse Analysis Theory. Our aim is to analyze the truth production and the knowledge constitution in the legal and regulation texts of high education and teacher training in literature. Then, we seek to observe the strategy of parresia and subjectivation. In addition, we discuss about the discursive production of truth, by taking it as a construction linked to the ethic of the self in the space of biopower and subject government. Thus, we consider the contributions from Michel Foucault's studies trying to deep the discussions about some specific concepts: discourse, parresia, power-knowledge, truth, meaning effect, teaching, teacher training and high education, biopolitics, biopower, governmentality and subjectivation. We analyze the legal and regulations texts of the national education system, such as: CF/1988, Parâmetros Curriculares Nacionais, Lei de Diretrizes e Bases

da Educação Nacional and Base Nacional Comum Curricular. Functioning as means and resources, which promote power-knowledge relations; these documents turn possible the problematization of politic management of the subject-teacher by production of truth. Consequently, the results indicate the parresia marks on the saying about education, as well as the meaning effect of a self-guidance on teaching experience, that is, the constitution of subjectivity of the teacher, taking in evidence the institutional goals to their educational and professio

Keywords: Discourse. Subjectivation. Paresia. Teacher Education in Literature.

### Introdução

A educação tem se constituído como pilar da construção social e cidadania, marcando a forma de instituição das práticas sociais e as relações entre os sujeitos. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) assinala que o Estado deve garantir a educação infantil gratuita às crianças de até cinco anos de idade, deliberando, portanto, desde cedo, dizeres e enunciados que caracterizam sua própria constituição como espaço fortuito de ação social e de mobilização político-ideológica. No contexto nacional e no tocante a educação – sua oferta, funcionamento e institucionalização – tem-se um cenário de desafios, incertezas, estimativas, valoração, estudos e, sobretudo, a oferta de um vetor de identificação dos índices de desenvolvimento socioeconômico e cultural.

Diante disso, essa pesquisa se justifica, sobretudo, por produzir conhecimentos em torno da área educacional que é tão vislumbrada e inserida, por uma verdade legalmente instituída, como prioritária para a vida. Trata-se de enxergar a inscrição do sujeito na educação, observando a historicidade agenciada nos dizeres sobre o professor e sua marcação de subjetividade no trajeto da vida melhor.

Este trabalho estuda a linguagem por meio do aspecto discursivo, utilizando-se da teoria da Análise do Discurso Francesa, sobretudo no tocante aos postulados de Michel Foucault e também fazendo uma conexão com os discursos midiático e político. No projeto de pesquisa que fundamenta a consecução desse momento, buscamos fazer uma leitura discursiva dos documentos regulamentadores da educação nacional – Constituição Federal de 1988 (CF/1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – com o intuito de investigar a produção da verdade e os efeitos de sentido atrelados à historicidade de tais objetos.

Diante disso, busca-se ler a inscrição de tais objetos em um espaço de discursividade, de circulação das verdades institucionais, observando que os discursos de veridicção, produzidos e que circulam socialmente, perpassam a oficialidade e mobilizam dizeres, sentidos e espaços de verdade que, por sua vez, passam a legitimar e regulamentar, institucionalmente, as práticas e as condutas sociais, operando sobre o ser-si professor.



Portanto, nos referimos a um gesto de leitura linguístico-discursiva acerca da constituição da verdade e de regimes de veridicção, considerando as condições de produção da formação docente em Letras, bem como dos discursos mobilizados no meio educacional institucional. Para tanto, volta-se a atenção para os modos de subjetivação dos sujeitos do ensino, investigando, a partir disso, conceitos-chave advindos da teoria de análise de discursos de vinculação francesa, assim como dos postulados epistemológicos do filósofo Michel Foucault, a saber: discurso, parresia, franco-falar, poder-saber, verdade, efeito de sentido, ensino, formação docente, biopolítica, biopoder, governamentalidade e subjetivação. Nessa perspectiva, este trabalho encontra-se subdividido em cinco partes: método, resultados e discussões, conclusões, referências e anexos.

## Metodologia

A base teórica e metodológica desse estudo se ancora nos pressupostos da Análise do Discurso de vertente francesa, sobretudo no que tange os estudos de Michel Foucault e a aplicação do seu método arqueogenealógico.

Foucault é conhecido por ser um autor que passou por três fases ou etapas em seus escritos, a saber, a arqueológica, a genealógica e a ética e cultura de si. A constituição do método arqueogenealógico se deu com seus estudos, sobretudo, em Arqueologia do Saber, cujo direcionamento imperou sobre o saber como vetor-instrumento mobilizador dos discursos produzidos no entrelaçamento das relações sociais. Posteriormente, com a sua A Ordem do Discurso, enfoque é atribuído às relações de poder, articuladas dentro da esfera social e reproduzidas nos discursos. Diante disso, emergiu a nomenclatura do método arqueogenealógico, por congrega as análises sobre os estudos do saber e do poder nas relações dentro da sociedade (VEIGA-NETO, 2011).

Dando continuidade as atividades que foram executadas, além das análises dos documentos reguladores da educação nacional, também tivemos a oportunidade de investigar e comparar materialidades presentes em capas e matérias de revistas vinculadas à área educacional e ao discurso midiático.

Nesse sentido, ocorreram reuniões presenciais para discussão teórica e para a sistematização e apresentação de dados da pesquisa: coleta de materialidades a serem analisadas; momentos de estudo sistematizado de referências basilares para a constituição do trabalho; coleta, organização e apresentação de análises de objetos (materialidades).

Assim, essa pesquisa volta-se para o discurso como uma produção sóciohistórica, uma vez que nos interessa observar as operações mobilizadas pelos discursos a partir do agenciamento dos documentos oficiais da educação nacional. Tendo em vista que os discursos são espaços de operações de sentidos possíveis, entendemos a lei,

sobretudo, como essa produção discursiva que articula diversos discursos em torno da área educacional, em especial, acerca do sujeito-professor.

As atividades desenvolvidas seguiram o cronograma previsto no plano de trabalho, no sentido de atribuir coerência com o objetivo central da pesquisa. Não houve mudanças significativas no tocante ao que estava previamente traçado no plano de trabalho. Assim, realizamos: (i) pesquisa bibliográfica para se estudar e compreender as categorias analíticas do referencial teórico que constitui a pesquisa; (ii) aplicação dessas categorias em objetos/materialidades com foco nos estudos em análise do discurso fazendo diálogo com a questão do ensino e formação docente; (iii) coordenação de momentos de debate e discussão teórica acerca dos objetos e do referencial teórico; (iv) participação em eventos científicos, e (v) realização de Seminário Temático.

Face ao exposto, veremos no tópico seguinte os resultados e discussões acerca das análises realizadas no período da execução deste projeto de pesquisa.

## Resultados e Discussões

Os discursos são frutos de relações de poder, eles veiculam poder, e esse se torna um mecanismo de controle dos discursos. Desse modo, relações de poder, via discurso, são entendidas como relações múltiplas, variáveis, dinâmicas, fluídas, diversas e que, no entremeio dos discursos, fazem e se refazem a todo instante, visto que são assimétricas e multifacetadas (FOUCAULT, 2008).

Diante disso, consideramos que as relações de poder buscam sustentação em uma dada conjuntura de saber. Nessas condições de produção, e no tocante à atenção dada a questão educacional no Brasil, temos que o poder-saber é mobilizado como uma composição de força que busca definir o que, o como e o porquê das práticas sociais, das relações entre os sujeitos, das verdades que são produzidas e que circulam socialmente.

Os textos-guia da educação nacional são garantias oficiais que definem a maneira que o ensino se transfigura no país, determinam o seu aparelhamento, obrigatoriedade, oferta e todo o gerenciamento desse sistema, combinando conflitos e anseios definidos em um dado momento histórico e buscando atingir objetivos determinados.

Nessa perspectiva, os discursos investigados nos documentos legais da educação nacional embora tenham aparato legal não produzem somente efeitos de sentidos da ordem da confirmação, pois, eles são gerados em torno das relações de poder-saber atrelados as construções sociohistóricas, culturais, políticas e econômicas. Portanto,

esses discursos geram efeitos de sentidos múltiplos, dinâmicos e fluidos a respeito do professor, aluno e todo o ambiente educacional.

Sendo assim, as leis educacionais veiculam um discurso parresiástico, uma forma direta de dizer a verdade sobre a educação. Para melhor entendermos, de acordo com Foucault (2010, p. 43), parresia é: “[...] uma virtude, dever e técnica que devemos encontrar naquele que dirige a consciência dos outros e os ajuda a constituir sua relação consigo”. Aqui é possível encontrar as bases de um dizer que se pretende verdadeiro, já que para assim se constituir, o discurso torna-se um espaço de manobras, de interdição, de cerceamento, de mira e de segregação. Quando nos voltamos para os textos-guia, percebemos esse modo de gerenciar o sistema de ensino e, sobretudo, o sujeito-professor com essa fala franca e direta.

Na nossa proposta de leitura discursiva dos objetos legais, dentre os efeitos de sentidos possíveis, destacamos aqueles que assinalam uma marca-diretriz de homogeneização e generalização, já que tais documentos, uma vez fundados em uma base jurídico-legal, pretendem instituir uma verdade nacionalmente, isto é, os documentos voltam-se para a regulamentação do ensino no país com uma proposta generalizante e universal. Ainda que vislumbradas e mencionadas algumas peculiaridades e especificidades regionais ou locais para o ensino, o objetivo é o de determinar, via de regra, a oferta de ensino no país.

Nesse percurso, quanto ao processo de formação docente, constatamos a marcação de um conjunto de vontades de verdade, ou seja, as leis educacionais condicionando e gerenciando a formação do professor e instituindo vontades de verdade sobre esse profissional, além disso, definem a constituição de uma posição-sujeito moldada aos ditames das leis (FOUCAULT, 2006).

Portanto, discernir a extensão da discursividade dos documentos regimentares da educação consiste em percorrer os espaços possíveis pelo mecanismo da sujeição, ou seja, da produção de subjetividade e do abarcamento de suas consequências. É trilhar o caminho da imbricação de entendimentos, ou melhor, da observância da não dissolução do discurso, da sua estrutura e do seu acontecimento (PÊCHEUX, 2008). Dessa maneira, identificamos efeitos de sentidos (a partir da leitura dos documentos oficiais da educação nacional) sobre o sujeito-professor, sendo considerado o principal responsável e motivador das mudanças que ocorreram e devem acontecer na esfera educacional.

Destarte, o docente carrega consigo – e a ele é historicamente atribuída – uma missão hercúlea, isto é, esse sujeito passa a acumular responsabilidades no tocante às orientações e ensinamentos, o que acarreta no percurso profissional o cumprimento de uma missão messiânica de transformar vidas por meio da educação. Dessa forma, o

sujeito-professor é agenciado por meio de tais documentos oficiais, ou seja, tais profissionais são gerenciados e subjetivados, tendo que agir de uma maneira e não de outra em seu lugar, em decorrência dos ditames da lei.

Vale ressaltar que o discurso verdadeiro é resguardado e validado pela legislação educacional, em meio desses discursos emergem as relações de poder-saber, os interesses e as verdades institucionais. A respeito do discurso verdadeiro temos: “[...] que a necessidade de sua forma libertar do desejo e liberar do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la” (FOUCAULT, 2006, p. 20).

Nesse sentido, observamos o discurso parresiástico emergindo a partir das relações de poder-saber nos documentos regimentares da educação nacional, no que se refere ao dizer sobre a educação, apresentando uma fala verdadeira e direta, sem ornamentos retóricos, sobre as determinações legais para o funcionamento do sistema de ensino, gerando efeitos sentidos que tratam sobre a universalização, homogeneização e generalização, ou seja, os discursos educacionais são postulados em âmbito nacional, e tudo que é de base legal, regimentado na lei, deve ser cumprido por todas as instituições escolares do Brasil e por todos os docentes. Pois, como podemos considerar: “temos antes que admitir que o poder produz saber [...] poder e saber estão diretamente implicados”. (FOUCAULT, 2010, p. 30). Diante disso, os efeitos de sentido encontrados nos discursos legais da área educacional anseiam por uma aceitação comum, isto é, tem a aspiração de que todos os docentes, alunos, e a sociedade de modo geral, venham a atender os requisitos estabelecidos por essa legislação. O que temos aqui são vontades de verdade – aquilo que se quer fazer valer e aceitar como diretriz maior, como verdade, como discurso verdadeiro – funcionando estrategicamente, alicerçadas em saberes institucionais que, por sua vez, reclamam sua vinculação a determinados polos de poder.

Na configuração de seu texto-guia, a LDB institui que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL/MEC, 1996, p.1).

Dessa forma, os discursos presentes nas leis, tal como o exemplo anterior, são verdades diretas, por isso, parresiásticas. Observamos, mais uma vez, as marcas de

um discurso generalizante e que remete a questões humanitárias, no cuidar e garantir a educação para todos os cidadãos. Portanto, as práticas sociais, culturais, políticas e as relações de mercado de trabalho são imbricadas diretamente com a educação. Nesse caminho, o docente é o responsável por guiar e garantir o caminho da oferta educacional, buscando sempre contribuir para a sociedade, formando cidadãos que possam se engajar no mercado de trabalho, ou seja, sujeitos que consigam ser representantes da sociedade com vastas habilidades e competências. Há aqui uma mira discursiva determinada, uma pretensão de vontade de verdade incutida na crença – e na defesa – de que a educação só se efetiva quando cumpre uma relação intercambiada com o mercado de trabalho, haja vista que o aluno deve, ao final do ensino médio, estar preparado para ingressar no setor e aspirar por uma colocação profissional.

Fazendo menção ao texto da BNCC, para oportunizar efeitos de sentidos, podemos trazer:

Trata-se, portanto, da implantação de uma política educacional articulada e integrada. Para isso, o MEC será parceiro permanente dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, trabalhando em conjunto para garantir que as mudanças cheguem às salas de aula. As instituições escolares, as redes de ensino e os professores serão os grandes protagonistas dessa transformação (BRASIL/MEC, 2016, p. 6).

No fragmento acima, notamos a figura do professor como o sujeito protagonista das transformações educacionais, isto é, ele é responsabilizado pelo êxito, ou não, do ensino. Sendo a educação e o ensino tratados como sinônimos, além disso, sob a missão de estabelecer o bem nacional. Marcações como essas, assinalam os atravessamentos de discursos, de dizeres, e de práticas sociais. Sendo assim, os documentos de base legal conduzem a enunciação do discurso tradicionalista para o manto de proteção ofertado pelo Estado para todos os cidadãos, levando em consideração as medidas de seguridade social para garantir o bem comum.

A respeito das análises das materialidades do campo midiático, que versam sobre a temática das legislações educacionais, outro efeito de sentido possível diz respeito a condução de si, a uma política do cuidado de si, que leva à constituição da subjetividade do professor, tendo em vista os objetivos institucionais para sua formação e atuação profissional. Nessas condições, são encontrados efeitos de sentidos que dizem respeito ao comportamento do sujeito-professor, assim como a condução de sua carreira profissional, no sentido de alcançar êxito e legitimidade no mercado de trabalho.

Portanto, percebemos que, por meio do discurso oficial e legítimo sobre a educação, a partir da incursão midiática que se alcança, a dizibilidade sobre o ser professor, e sobre a escola como um todo, coloca em cena questões sobre o gerenciamento político do docente em formação pela produção da verdade.

## Conclusão

Nossa proposta de mobilizar conceitos da Análise do Discurso de vertente francesa, sobretudo, os de discurso, vontade de verdade, parresia, subjetividade e poder-saber com o olhar direcionado as discursividades dos textos oficiais da educação brasileira, nos permitiu mobilizar discussões sobre as múltiplas marcações de verdades, poderes e saberes que são historicamente produzidos e materializados na esfera social e que versam sobre o ambiente escolar, professor, aluno e todo o sistema de ensino. E, principalmente, nos proporcionou observar esses discursos gerando efeitos de sentidos dentro do ambiente social e na sua concretude.

Dessa maneira, a legislação educacional opera com um discurso amparado legalmente e constituído conforme relações de poderes e saberes. Os documentos investigados são produtores de verdades, e direcionadores da formação docente. Eles suscitam a existência de riscos – ao governo, à educação nacional, à escola, ao docente e ao aluno – materializando o discurso parresiástico.

Nessa perspectiva, o espaço de tensão pode ascender com os discursos contrários (da ordem da resistência) que questionam o modelo posto de idealização de um ensino que, muitas vezes, não apresenta uma aplicabilidade prática quando observamos as múltiplas realidades de ensino existentes no Brasil e suas especificidades e características.

Os discursos presentes nos documentos da área educacional são construções amplos e generalizantes, sempre versam sobre o sentido de que o professor é o protagonista da área educacional e que, a partir do seu comportamento, mudanças podem ocorrer na área educacional. Neste trajeto, nos deparamos com dizeres e enunciados que tratam do contínuo cuidado que o docente deve ter, quer seja em relação a atualização pedagógica, quer seja em relação a sua sensibilidade profissional face às mudanças e demandas que surgem no tempo presente.

Portanto, trabalhar com um vasto leque de conceitos da área da análise do discurso francesa e tentar conectar com os conceitos pedagógicos, da área educacional, nos proporcionou um enorme desafio, e ao final da pesquisa, percebemos que existem lacunas a serem trabalhadas. No entanto, tivemos a oportunidade de um enriquecimento teórico e prático, haja vista, a incursão epistemológica realizada, bem como o trabalho com materiais e objetos variados, os quais subsidiaram nossas análises e oportunizaram a verticalização teórica e metodológica em relação à teoria de base e à nossa sensibilidade e crítica às muitas verdades que são instituídas e vinculadas à posição-sujeito de professor no Brasil.

## Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de dezembro de 1996. Poder executivo, Brasília, 1996. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>: Acesso em: 06 ago. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em: 06 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. 7 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 3 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros: curso no Col1ège de France (1982-1983)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GREGOLIN, M. do R. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, M. R. BARONAS, R. (Orgs.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. & FUCHS (1975). "A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas". In: GADET & HAK (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. 3 ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5 ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2008.

VEIGA-NETO. Alfredo. **Foucault e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Anexos

Gelne

Apresentação de trabalho no GELNE

Apresentação de trabalho na ABRALIN 50

Seminário temático

Apresentação de trabalho semana universitária

Apresentação de trabalho na II Semana de Letras do Seridó

II Semana de Letras do Seridó



CÓDIGO: HS0162

AUTOR: MAILLY DAMARIS SILVA PEREIRA

ORIENTADOR: ANTONIO GENARIO PINHEIRO DOS SANTOS

TÍTULO: Discursividade e parresia na formação docente em Letras: a produção da verdade institucional em (dis)curso

Resumo

As mudanças nas leis de educação que ocorreram nos últimos anos fomentam questionamentos sobre a importância dos documentos normativos que marcam o fazer pedagógico do professor. Deste modo, o presente trabalho visa analisar a produção de verdade e os efeitos de parresia a partir dos quais o sujeito-professor passa a ser subjetivado no escopo da formação docente e da qualificação profissional. Entende-se que a elaboração e disposição de instrumentos oficiais oportuniza um efeito de sentido de gerenciamento e regulamentação da conduta do professor, na égide de íngremes relações de poder-saber que, por sua vez, marcam sua sujeição e subjetividade e mobilizam uma nova ordem da verdade no espaço da educação brasileira. Importa analisar a marcação discursiva dos textos oficiais (BNCC, LDB, PCN) que direcionam a atuação docente e oportunizam o trabalho com a verdade e com o efeito de parresia na universidade e na escola. Para isso, emprega-se o método arqueogenealógico de Michel Foucault, tanto no que tange ao empreendimento bibliográfico como no que diz respeito à disposição e tratamento dos objetos. A análise discursiva dos objetos permite desestabilizar o efeito de sentido de neutralidade e questionar a soberania do significante em prioridade à produtividade do sentido. Os resultados apontam para o espaço de sujeição dos agentes do ensino no escopo da disseminação de verdades que se pretendem universais e únicas, oportunizando a operação de uma biopolítica.

Palavras-chave: Parresia. Legislação educacional. Sentido. Discurso. Subjetividade.

TITLE: DISCURSIVITY AND PARRHESIA IN TEACHER EDUCATION IN LITERATURE: THE PRODUCTION OF INSTITUTIONAL TRUTH IN (DIS)COURSE

Abstract

The recent changes in the education legislation have brought up questions about the importance of legal and regulation documents that characterize the teacher pedagogic performance. Therefore, the present work aims to analyze the truth production and parresia effects according to which it occurs to the subject-teacher be subjectivated through the teacher education and their professional acting. We have that the construction and disposal of the official documents promote a meaning effect of management and regulation of teacher behavior, under deep power-knowledge relations, which in turn, determine and bring to bear a new order of truth to Brazilian education system. It is our interest to analyze the discursive marking of the legal official texts (BNCC, LDB, PCN) which address and make possible the work with truth and with the parresia meaning effects at the university and school. For this purpose, we use the

arqueogenealogic researching method, regarding to the bibliographic investigation as well as to objects, which were taken to be analyzed. The objects discursive analysis allows to unsettle the neutrality effect and question the significant self-determination, by prioritizing the meaning productivity. The results point to the subjectivation space in which the agents take part, and this occurs at the truth dissemination scenario, truths that are hoped to be universal and the unique ones, providing an operation of biopolitics.

Keywords: Parrhesia. Educational Legislation. Meaning. Discourse. Subjectivity.

## Introdução

Desde sua fundamentação e proposição, as leis funcionam como instrumento de controle amplamente utilizado na égide do governo, da incitação de políticas públicas e da manutenção da ordem social. São as leis quem vão garantir os ditos direitos e deveres do cidadão, de modo que o funcionamento do país seja assegurado. Qualquer alteração no que diz respeito aos direitos e garantias fundamentais mobiliza uma série de discursos e posições dos sujeitos legislados; seja de concordância, neutralidade, resistência ou outro. No que se refere às leis da educação, isso não é diferente, funcionando como guias de direcionamento prioritário e de obediência civil, são elas que vão legitimar ou não as práticas pedagógicas, assim como seu alcance, sua aplicabilidade, sua justificação, e ao longo dos anos, as alterações nessas leis foram alvos de discussões, reflexões e polêmicas. Os documentos aqui analisados datam desde 1996 até o ano de 2017, da mais antiga a mais recente, a justificativa para efetivação das leis é a necessidade de promover um ensino que esteja de acordo com as exigências sociais do seu tempo.

Os documentos criados nos últimos anos encontram justificativa de elaboração na necessidade de promover um sistema de ensino mais proativo e de qualidade, que corresponda às expectativas do mercado profissional. Além disso, fala-se na reestruturação do processo de formação docente no sentido de se buscar atender às renovadas demandas sociais e culturais que se impõem na contemporaneidade.

Os movimentos do governo em relação aos recentes documentos criados e dispostos, reacenderam o debate sobre o papel desses textos-guia na vida dos educadores. Nessa conjuntura, direcionamos um gesto de leitura discursiva para os documentos oficiais que regulamentam o ensino e a formação docente no Brasil, a fim de perceber a produção de verdades institucionais, atentando para a inscrição histórica da relação poder-saber e a clivagem institucional do sujeito, assim como refletir sobre os efeitos de gerenciamento na formação do sujeito-professor e os espaços de ocupação de posição-sujeito e de subjetivação.

O gesto de leitura aqui empreendido volta-se para a constituição discursiva de documentos regulamentadores da educação, tais como: a Lei de Diretrizes e Base da educação nacional (LDB), aprovada em dezembro de 1996 que surge, conforme é

explicitado na introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para consolidar e ampliar o dever público para a educação em geral, e os PCN, que surgem após a aprovação da LDB, e norteiam o fazer pedagógico adequando-o à lei de 1996. Além desses documentos, também importa fazer referência aos nortes assinalados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 para a educação infantil e fundamental.

Apresentados os objetos que subsidiam nosso prospecto de análise, nosso objetivo é analisar a produção da verdade e, em função disso, os efeitos de parresia atrelados às garantias institucionais, atentando para os modos de subjetivação do professor. Para isto, trabalhamos sob o viés da Análise do Discurso Francesa, ancorados na metodologia arqueogenealógica de Michel Foucault. Sendo assim, procuramos observar a produção do sentido enquanto efeito e o discurso agenciado em práticas que inscreve a leitura no trajeto da possibilidade. Para situarmos o leitor, mobilizamos os conceitos de Discurso, Poder-Saber, Subjetividade e Parresia.

## Metodologia

Nossos estudos se ancoram na abordagem teórica da Análise do Discurso Francesa, com enfoque na metodologia arqueogenealógica de Michel Foucault. Isto é, importa para nossa pesquisa a concepção de poder-saber, a qual só foi possível alcançar através das leituras de Arqueologia do Saber e Genealogia do poder, do filósofo já citado. Outros títulos dessa mesma autoria foram integrados à pesquisa, assim como a leitura de pesquisadores sobre as obras foucaultianas auxiliaram na compreensão de seus conceitos.

É a partir desses postulados que enxergamos os documentos jurídicos pelo viés discursivo. Importa, nessa conjuntura, questionar, conforme aponta Foucault (2009a), a irrupção de um dizer, de um discurso a partir de sua condição de acontecimento. Assim, podemos direcionar a pergunta foucaultiana fundamental: como e por que apareceu determinado enunciado e não outro em seu lugar?

O que se busca, nessa abordagem, não é justificar os discursos, mas fazer uma descrição sistemática de determinado discurso-objeto. O discurso não pode ser reduzido à sua materialidade, mas é constituído por meio dessa; é através da fala, das proposições, dos textos, da língua e outras, que os espaços de deslizem se oportunizam, é através da possibilidade de assinalar as diversas posições de sujeito que surgem os enunciados. Assim, as tramas dos discursos são compostas por sentidos prévios, constituídos através de outros dizeres e memórias construídas pela história e cultura.

Podemos dividir nossas atividades em três grandes blocos, o primeiro foi de contato com o objeto da pesquisa, o segundo foi a leitura dos textos teóricos e posteriormente, a análise discursiva sobre o objeto. Essa divisão é feita apenas para visualizar mais didaticamente a forma como trabalhamos.

Os textos oficiais que nos serviram como objeto foram a LDB, os PCN e a BNCC, mas esses não foram os únicos materiais a serem lidos e analisados. No decorrer da pesquisa, para exercício de análise, outros textos foram trabalhados, como a Constituição Federal, por exemplo. Além dos textos oficiais, também nos debruçamos com uma análise discursiva sobre os discursos midiáticos que se referiam às leis e normas, a fim de se entender e problematizar o conjunto de dizeres que circularam sobre os documentos reguladores e a educação nacional.

Essas análises nos renderam produções científicas que foram apresentadas em diferentes eventos locais e internacionais. Além das apresentações, também tivemos um artigo publicado na revista *Discursividades* (ISSN 2594-6269) do Departamento de Letras e Artes-DLA da Universidade Estadual da Paraíba.

Ditos os nossos métodos e passos, a seguir, explanaremos sobre as discussões e resultados que foram alcançados e mobilizados através desta pesquisa

## Resultados e Discussões

Lidamos com um campo do conhecimento que não se pretende exato e homogêneo, é um campo que permite furos, equívocos, espaços por onde os sentidos possam deslizar. Tais deslizamentos não são vistos como exceções ou desvios que se buscaríamos evitar e corrigir, mas como partes essenciais dos discursos.

Buscamos aqui alcançar a relação entre a formação docente e discurso, ascendendo uma discussão que trate de enxergar o que de histórico, de historicidade e com as demais condições que marcam e tangenciam a emergência de dizeres e sentidos que dizem respeito à prática docente. Esse olhar se efetiva a fim de se compreender como, através dos discursos, as representações e os sentidos de tais conceitos são criados pelos sujeitos, assim como as posições de sujeito que esses virão a ocupar.

Nessa conjuntura, lançamos mão da problematização ou dos conceitos atrelados à discussão foucaultiana; isto é, compreende-se que o que é materializado em discurso é sempre passível de uma interpretação outra, não pode ser tido como estável, pois o

campo dos sentidos é sempre fluido, sempre permite um outro olhar, pois é um campo inundado por concepções sociais, históricas e culturais.

Na sua *Arqueologia do Saber* (2009a), o autor teoriza sobre discurso enquanto prática que obedece a regras, não o discurso como signo de outra coisa, não como documento, mas na sua condição própria de monumento. Não se trata de buscar as interpretações, os outros discursos, mas de analisá-lo em seu volume próprio. Importa definir o discurso em sua especificidade, observar em que sentido o conjunto de regras utilizado é irreduzível, analisar as arestas exteriores do discurso como forma de salientá-lo.

Desse modo, o discurso está sempre atrelado a uma exterioridade, mas não é a simples tradução dessa. É possível analisar um discurso a partir das regularidades que ele apresenta, não procurando chegar a um ponto de partida original ou a um sentido cronológico, mas porque é a partir dessas regularidades que o sujeito vai ocupar determinadas posições no campo dos sentidos.

Nessa perspectiva, o sentido e o sujeito são desestabilizados, opostos a uma formação alcançável, a um já-lá, pois estão inscritos tanto no espaço de manutenção e repetição, quanto no de deslocamentos e rupturas. O discurso é constituído por um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, isto é, enunciados que se assemelham pelo sistema de dispersão e apresentam uma certa regularidade entre os objetos, os conceitos e os tipos de enunciação em que aparecem. É tido como um objeto de luta, de desejo, de conflito, de subjetividade, de exterioridade que toca o sujeito e as condições do seu dizer.

Em *A ordem do discurso*, Foucault (2006) apresenta que o discurso está na ordem das leis, que é a instituição, que vigia seu aparecimento e lhe concede lugar de honra e a mesma que o desarma. Os discursos são produzidos socialmente e seus efeitos de sentido vão ser mobilizados pelos sujeitos dentro do processo discursivo e constituídos pelas condições de produção. Desse modo, o sujeito professor e o discurso da instituição formadora estão diretamente ligados a essa máxima da ordem do dizer. O discurso que emerge das instituições serve para atender a uma ordem econômica, determinando as ações dos indivíduos de acordo com as regras sociais.

Esses discursos são constituídos em tramas de poder e de saber, em um escopo de tensão, de cerceamento e policiamento. Nesse trajeto, a materialização desse efeito de controle nos discursos se dá a partir de procedimentos e sistemas de exclusão. Trata-se da arriscada e perigosa ordem do discurso que aflige os sujeitos, determina os lugares do dizer, estabelece as zonas de poder, fossiliza as relações – institucionais, políticas, de obediência, de resistência, de recusa, de nulidade, e etc. – entre os sujeitos (FOUCAULT, 2006).

Conforme defende Foucault (2009b) sobre o poder, a instituição universidade constitui-se como espaço fortuito de produção de saber que implica diretamente em uma microfísica do poder (idem, 2009b), ou seja, é um cenário no qual práticas, comportamentos e atitudes são oportunizados por uma justificativa institucional. As práticas reguladoras apresentam que é preciso oferecer um espaço coerente de formação profissional, qualificação de recursos humanos e de atendimento às demandas sociais, pela alocação desses profissionais na rede de ensino.

Pelo viés foucaultiano, importa analisar a mecânica do poder, trata-se de um poder microscópico, pulverizado, distribuído por toda a sociedade. Não um poder ligado à repressão, à coerção e à interdição apenas, mas, como postula Veiga-Neto (2017, p. 143), um poder de positividade, de produtividade, isto é, aquele que rompe com o espaço da violência. Esses elementos não são antagônicos, mas sujeitos num mesmo jogo.

Para a manutenção do poder “o saber entra como condutor do poder, uma correia transmissora e naturalizadora do poder, de modo que haja consentimento – ainda que na ordem da resistência, do conflito e da tensão – de todos aqueles que estão na malha do poder” (VEIGA-NETO, 2017 p. 143). Sendo assim, o poder e o saber estão intrinsecamente ligados, por isso aparecem juntos, enquanto poder-saber. O poder vai ser transmitido pelos grandes aparelhos políticos e econômicos, através dos discursos regulares que se pretendem verdadeiros, como os discursos científicos e institucionais. Tem-se aqui um lugar de evidência para a verdade, aquilo que se encontra na ordem do verdadeiro.

Na perspectiva de investigação discursiva, a verdade não é uma entidade abstrata a ser alcançada, mas uma construção, funciona como um sistema de exclusão e está diretamente ligada ao poder. Foucault (2009b) fala sobre essa verdade como um conjunto de regras pelas quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui efeitos específicos de poder ao verdadeiro. Assim, a verdade se efetiva no acontecimento, na sua própria operação, é produzida de forma estratégica, numa relação de poder.

O dizer-verdadeiro produz uma relação entre o sujeito e a verdade, age sobre o sujeito de modo a transformá-lo. Por isso, constitui uma prática de si, a que Foucault vai chamar de Parresia. Em *Hermenêutica do Sujeito*, Foucault (2010a) discute a proposta da parresia como uma técnica ligada a liberdade do sujeito de dizer o discurso sem uma ornamentação, segundo um jogo que não só consiste em franqueza ou liberdade de palavra, mas em um trabalho de veridicção do está para ser enunciado.

A parresia exige do falante uma atitude moral e um procedimento técnico, nesse sentido, Foucault (2010a, p. 340) a define como antilisonja, pois “na parresia há efetivamente alguém que fala e que fala ao outro, mas fala ao outro de modo tal que o outro, diferentemente do que acontece na lisonja, poderá constituir consigo mesmo uma relação que é autônoma” que é, também independente, fundamentada, plena e, em função disso, satisfatória. Se dá enquanto fala engajada e perigosa, assume um compromisso com o dizer verdadeiro.

Tal conceito é apresentado na e pela relação com a coragem da verdade, uma vez que o sujeito que enuncia passa a ocupar uma posição de perigo. Diz respeito à verdade não como uma regularidade ou estrutura harmônica, mas como “ruptura e escândalo intempestivo” (GROS, 2013, p. 165).

As leis que gerenciam as práticas pedagógicas se apoiam no discurso científico e institucional para subjetivar o sujeito-professor. Dessa forma, as leis produzem efeitos que determinam a postura e as práticas que o sujeito-professor deve seguir, manter e defender para uma atuação profissional que se diga coerente, atual e engajada, além de transformadora e aplicada. Essa estratégia encontra sustentação na política e na conjuntura do governo e do gerenciamento do corpo social, através do que Foucault (2008, p. 143) vem propor como governamentalidade:

[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. [...].

A ideia de governamentalidade está atrelada à noção de Biopoder, que tem por central a problemática da população. Para gerenciar uma população, é preciso subjetivar os indivíduos, controlar suas ações para consigo e para com os outros. Nesse sentido, as leis determinam a constituição do sujeito-professor, a forma como ele vai ser visto socialmente, a posição que vai ocupar e a forma que vai enxergar a si mesmo.

Os documentos oficiais se alicerçam em vontades de verdade que buscam, por sua vez, tratar da formação docente por um princípio de totalização, isto é, discutem e balizam esse processo de formação pela máxima da generalização. Esse efeito pode ser alcançado, por exemplo, no capítulo II da Lei de Diretrizes e Base da educação nacional:

## TÍTULO II – Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL/MEC, 1996, p.1).

Podemos perceber também o apelo humanitário que é mobilizado sobre os princípios educacionais, atribuindo à educação o papel de indispensável na formação dos sujeitos. Esses textos normativos pertencem a uma hierarquia, de modo que sua emergência já pressupõe relações de poder e uma sustentação em saberes de ordem tradicional. Há uma vontade de verdade em direção a uma idealização de sociedade que pode ser alcançada através da educação. Os sujeitos da educação são subjetivados, no sentido do tratamento horizontal que se dá, como se todos tivessem as mesmas condições para alcançar o que a educação pode oferecer.

No que diz respeito ao profissional da educação, depois de elencar pontualmente as atribuições e formações que esse sujeito deve possuir, o documento vai assegurar a formação continuada por meio da lei. Essa garantia se apoia à vontade de verdade sobre a atuação do professor, um sujeito idealizado, que nunca para de aprender e de inovar, para cumprir sua função social, muitas vezes instituída pelo efeito vocacional da posição-sujeito de professor, que deve transformar e educar para a vida e para o trabalho.

Já os PCN foram criados com a justificativa da necessidade de organizar a educação do país. Destacamos o seguinte trecho:

o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. [...] Essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita. (BRASIL, MEC, 1998. p. 19)

Podemos notar efeitos generalizantes e parresíasticos que relacionam diretamente o fracasso escolar à forma de ensino do país antes do documento, além da forte vontade de verdade de que a elaboração e disposição dos Parâmetros traria eficácia na tentativa de reestruturação do ensino.

Tratando-se da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já na apresentação deste documento, podemos perceber a mobilidade de efeitos de parresia, há a afirmação de que “as instituições escolares, as redes de ensino e os professores serão os grandes protagonistas dessa transformação” (BRASIL/MEC, 2016, p. 6). Evidencia-se um efeito de visibilidade e de autonomia do professor, mostrando-se que, nessas condições, não se trata de uma intervenção governamental, mas do trabalho do professor que é, nesse efeito, independente, desvinculado de filiações político-partidárias, e consciente de seu papel na sociedade. Opera-se aqui com um princípio de inversão de uma ordem: não é a escola, o professor, a educação que precisam da ação do governo, mas esse último que se coloca na ordem de dependência dos frutos da ação dos primeiros.



## Conclusão

Como textos que se pretendem monossêmicos, as leis agregam certos conceitos como naturais, fixos, verdadeiros. Entretanto, tais conceitos não podem ser tão estáveis quando sua construção se fez/faz a partir de posições de poder determinadas. A leitura dos acontecimentos discursivos se justifica pela produção do documento na sua condição de monumento, ela se efetiva como sendo do nível da possibilidade: pode ser sempre outra, mas nunca qualquer uma.

Desse modo, pôde-se compreender que os discursos que regulamentam a educação, tanto norteiam as práticas pedagógicas, como surgem delas. Esse gesto de leitura discursiva sobre as leis que regem a educação nacional permitiu descentralizar saberes e desnaturalizar dizeres que se pretendem verdadeiros, de modo a compreendê-los enquanto produtos historicamente construídos, frutos de um discurso interessado. E ainda refletir sobre as formas de subjetividade atreladas a uma base política, que se dá por meio de formas de enunciação, através dos regimes de verdade, notadamente pela técnica da parresia.

Podemos dizer que uma vez apoiados nas nomenclaturas dos textos jurídicos, tais documentos vão ter efeitos parresiásticos, pois vão ser mobilizados a partir de um trajeto de positividade, objetividade que produz, que veicula, que mobiliza, buscando alcançar, pelo efeito de universalidade e uniformização que pretendem, um lugar distante de uma arte retórica ou de uma técnica de lisonja.

Em suma, como marca de um discurso que se pretende monossêmico, e uma vez inscrito nas condições de emergência do texto legal, o enunciado é mobilizado em um trajeto de legitimidade e oficialização, a fim de se distanciar de uma leitura da possibilidade, isto é, a constituição linguística do texto legal ignora sua marcação sóciohistórica e busca vincular-se ao efeito de linearidade do que é dito, e às implicações daí decorrentes. Neste caso, a leitura busca um sentido já-lá, cuja operação se dá no espaço de estabilização.

A abordagem discursiva desses objetos questiona essa estabilidade e oferece o sentido numa suspeição, sob a condição de possibilidade – o sentido como um efeito e não como um construto dado a priori.

## Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Presidência da República. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de dezembro de 1996. Poder executivo, Brasília, 1996. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>: Acesso em: 06 ago. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em: 06 ago. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <<portal.mec.gov.br>> Acesso em: 06 ago. 2018.

GROS, Frédéric. A parresia em Foucault (1982-1984). In: \_\_\_\_\_. Foucault: a coragem da verdade. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do Saber. 7 ed. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

\_\_\_\_\_. A hermenêutica do sujeito. 2. ed. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

\_\_\_\_\_. Michel. A ordem do discurso. 3 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009b.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: FREYFUS, Herbet. RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

\_\_\_\_\_. Segurança, território, população. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis. RJ: Vozes, 2010c.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a educação. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Anexos

Abralin

Gelne

Semana de Letras

Semana Universitária- Comunicação Oral

Semana Universitária- Oficina

CÓDIGO: HS0581

AUTOR: ANA BEATRIZ DIAS

ORIENTADOR: MARCIO RENATO PINHEIRO DA SILVA

TÍTULO: ENGAJAMENTO SOCIAL E LINGUAGEM NO LIVRO "TRANSPOSIÇÃO", DE  
ORIDES FONTELA

Resumo

De uma poética marcadamente densa e abstrata que aponta uma genialidade de grandes, Orides Fontela ainda não ganhou seu espaço de reconhecimento na literatura brasileira, em especial, na poesia brasileira. Dada a complexidade de sua obra, que mistura o interesse profundo pela linguagem e a filosofia, o presente estudo se dispôs a investigar uma possível relação com o social. O que aparentemente não ocorreu. Durante o desenvolver-se do trabalho, no entanto, verificou-se que a linguagem funciona como um instrumento de função dupla, dada que ao mesmo tempo em que serve de meio para fugir do que é social, a linguagem assume sua essência de comunicação. Outro fator que se liga a isso é o teor filosófico, que permite uma meditação sobre um objeto comum ao coletivo. Para tanto, o trabalho se debruça nos pressupostos de Adorno (2003), e no que este reflete a respeito no ensaio "Palestra sobre lírica e sociedade", e para incrementar a discussão reflete-se ainda sobre os dizeres de Luiz Costa Lima (1980) a cerca da poética como representação social.

Palavras-chave: Orides Fontela. Sociedade. Linguagem. Filosofia.

TITLE: SOCIAL ENGAGEMENT AND LANGUAGE IN THE BOOK "TRANSPOSITION",  
ORIDES FONTELA

Abstract

From a markedly dense and abstract poetics that points to a genius of great, Orides Fontela has not yet gained its space of recognition in Brazilian literature, especially in Brazilian poetry. Given the complexity of his work, which mixes deep interest in language and philosophy, the present study set out to investigate a possible relationship with the social. What apparently does not occur. During the course of the work, however, it was found that language functions as a dual-function instrument, since while it serves as a means to escape from what is social, language assumes its essence of communication. Another factor linked to this is the philosophical content, which allows a meditation on a common object to the collective. To this end, the work focuses on the assumptions of Adorno (2003), and what he reflects on in the essay "Lecture about Poetry and Society", and to further the discussion is reflected on the words of Luiz Costa Lima (1980) about poetics as social representation.

Keywords: Orides Fontela. Society. Language. Philosophy.

## Introdução

De acordo com Anaterria de Farias, em sua monografia “Entre o verso e o real inefável: os modos do silêncio em Orides Fontela”, a poética de Orides Fontela é fortemente marcada pela concisão e pela busca da essência da linguagem. De modo geral, “Sua obra é definida como concisa e contundente, em diversos aspectos, como também metafísica ou filosófica.” (FARIAS, p. 5). Orides Fontela trabalha com a desconstrução da palavra poética, visando uma consciência absoluta, uma “lucidez” marcante em sua obra, que contrasta com sua vida caótica e problemática. Detestava quando publicavam a respeito de sua pessoa, e não sobre sua poesia: “O eu lírico é uma coisa, o eu real infelizmente é outra” (CASTRO, 2015, p 34). Outro aspecto importante a ser elencado é a relação entre ser, tempo e palavra, além de sua obsessão pelos símbolos: “Alheia à poesia revolucionária dos engajados, nos anos 60, e passando longe dos experimentalismos da poesia tropicalista e marginal da década de 70, Orides segue a trilha aberta pelos modernistas, onde a poesia se faz arte da palavra, dialogando com poetas como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.” (FARIA, 2014, p. 23). Sua busca pela essência da linguagem a leva a escrever sobre o próprio fazer poético, o que torna sua poesia uma metapoética, claramente apreciada no poema “Penélope”, presente no livro *Alba* (1983). Neste, ao fazer uma alusão ao mito grego, a poeta se utiliza do tecer e destecer da heroína mitológica para construir o poema ao mesmo tempo em que o desconstrói: é a imagem da tecedeira simbolicamente representando o fazer poético e seu trabalho com as palavras e a linguagem. Na mitologia, a personagem “Penélope” tece para fugir do casamento com outro homem porque ainda amava Ulisses (o casamento aqui colocado como algo social). Relacionando isso ao fazer poético de Orides, é possível analisar as estruturas densas, abstratas, mitológicas e simbólicas, além do rompimento com o eu lírico romântico, como uma espécie de fuga ao que é social. Penélope tecia, Orides, também, mesmo que metaforicamente. É objetivo deste trabalho analisar de que maneira o que é social aparece em seus poemas, especialmente, os do seu primeiro livro, “Transposição”. Para este fim, o trabalho se debruça nos pressupostos de ADORNO (2003); nas discussões feitas em “Palestra sobre lírica e sociedade”, e na reflexão sobre a poética como representação social a partir do que postula LIMA (1980).

## Metodologia

Marcada por sua densidade, embora curta e fragmentada, a poética de Orides Fontela se destaca pela busca, quase obsessiva, por uma linguagem em essência, que marca seu trabalho com as palavras – a construção poética. A preocupação com o fazer poético se desenvolve a partir de influências modernistas, como Drummond e João Cabral, e ganha, de forma peculiar, uma nova roupagem. De acordo com Bucioli, “Em busca da essência da palavra, o eu-lírico explora o inesgotável universo da linguagem, transpondo sentidos e formas para expressar a tensão entre existência, essência e poesia.” (p. 33). Ou seja, ao adentrar no universo da linguagem, Orides Fontela transpõe sentidos, abstraindo seus signos, tornando-os complexos. De teor fortemente filosófico, é importante destacar que sua poesia não apenas expressa uma tensão, mas também reflete sobre essa tensão entre existência, essência e poesia, sugerida nos vazios e silêncios de seus poemas. Feita essa primeira (e breve) discussão sobre a linguagem

nos poemas de Orides Fontela, o presente trabalho tem por objetivo investigar uma possível relação que os poemas têm com a sociedade, trabalhando, assim, com a hipótese de que a linguagem, mesmo sendo utilizada como meio pelo qual o eu lírico distancia-se do social, é, também, e essencialmente, o meio que estreita essa relação. O trabalho fundamenta-se nos pressupostos de Adorno em “Palestra sobre lírica e sociedade” e no que postula Lima sobre a poética como representação social, e se desenvolve por meio de reflexões e discussões dos conhecimentos teóricos que norteiam as análises de poemas do livro “Transposição”, de 1969.

## Resultados e Discussões

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM/ POEISA/ E SOCIEDADE

Para Adorno (2003), a exigência de uma linguagem pura e subjetiva da poesia está associada a uma busca pela humanização, já que o mergulho no eu nos poemas líricos se dá, justamente, em oposição à coisificação do mundo; tudo gira em torno do que é material. O poeta, então, em uma espécie de fuga ao mundo que se tornou hostil, refugia-se na liberdade proposta pelas palavras, pois ali encontra outra possibilidade de realidade desmaterializada. Nesse sentido, Adorno (ano) afirma também que conceitos sociais não devem ser levados de fora para dentro de uma obra, mas que o leitor ou crítico deve interpretar o que de social pode emergir dela. Por isso, “essa exigência feita à lírica, a exigência da palavra virginal, é em si mesma social.” (ADORNO, 2003, p. 69)

Posto isso, ao apresentar um rompimento com eu lírico, ao tratar de algo externo a si, e nunca voltado para uma expressão de sentimento, assim como a busca por uma linguagem pura – a poética de Orides Fontela, aponta para o social na medida em que foge dele. A tentativa de rompimento com a comunicação, com a expressão, configura-se em atitude de protesto ao social, o que está fortemente presente no aspecto simbólico e abstrato de toda sua construção poética.

### ANÁLISE DO POEMA DISPERSÃO

De acordo com Adorno (2003), mesmo quando uma obra literária se volta para o interior de si mesma e distancia-se da sociedade, ela torna a linguagem como meio. Nesse sentido, a linguagem ainda é uma forma de representação social, mesmo que apareça em forma de símbolos e metáforas, pois permite a fuga do real para uma realidade fictícia:

[...] seu efeito sobre outros que não o poeta em monólogo consigo mesmo -, isso só ocorre se a obra literária, ao retrair-se e recolher-se em si mesma, em seu distanciamento da superfície social, for motivada socialmente, por sobre a cabeça do autor. O meio para isso, porém, é a linguagem. (ADORNO, 2003, p. 74)

Essa fuga é observada na poética da Orides Fontela através da busca, de forma obsessiva, por uma essência da linguagem, por criações de símbolos e por capturar o real por meio das palavras. Uma poética que, devido às abstrações, torna-se estranha e densa, econômica na forma e complexa em sua semântica. Nesse sentido, é uma poética que se interioriza. No poema “Dispersão”, do livro “Transposição”, tem-se uma voz lírica que parece adentrar em um interior que não o do sujeito – “em céus mais infinitos”. O que sugere um distanciamento do sujeito lírico em favor dessa busca pela

linguagem pura que fale por si só, partindo de uma visão ou perspectiva da sociedade, por meio de objetos comuns a todos. Como os símbolos Oridianos são extremamente abstratos, torna-se difícil, quase impossível defini-los. Isto, embora Adorno siga afirmando que “a linguagem se molde inteiramente aos impulsos subjetivos; (...) Mas ela continua sendo, por outro lado, o meio dos conceitos, algo que estabelece uma inelutável referência ao universal e à sociedade.” (ADORNO, p. 74). Mesmo que os símbolos de Orídes nasçam de abstrações e mais abstrações, parecem carecer de (e/ou buscar) uma definição, isto é uma maneira de socialização. As aves são mesmo aves? Ou simbolizam outra coisa? Uma poética selvagem que incomoda por incitar a definição das palavras ao passo que a impede. Quase um colapso linguístico. É válido aqui ressaltar que os poemas de Orídes Fontela são, também, considerados filosóficos. Tornando possível traçar uma ponte com a filosofia. A respeito da definição da palavra “coisa”, é possível estabelecer uma forte relação com o que postula o filósofo Heidegger, que formula acerca de tal palavra dois conceitos:

“Torna-se agora claro que compreendemos a palavra- «coisa» num sentido restrito e num sentido lato. Coisa em sentido restrito significa o disponível, o visível, etc., o que está ao alcance da mão. Coisa em sentido lato significa qualquer assunto, qualquer coisa que aconteça, de um modo ou de outro, as coisas que se passam «no mundo», acontecimentos, eventos.” (HEIDEGGER, 1987, p. 16 – 17)

Os símbolos da Orídes, assim como sua construção poética, seriam iluminados, então, por essa ideia sobre a palavra “coisa”. Seus símbolos, aparentemente, poderiam ser essa “coisa” restrita, em seu sentido de visibilidade, (As aves), mas se tratando de abstrações e de poesia, podem ser a coisa em seu sentido lato (qualquer coisa que aconteça no mundo). Basta observar que seus símbolos parecem viver de ação:

Como a poesia de Orídes vive sobretudo da ação dos símbolos - ação quase exclusiva e incontrastada -, decanta-se nela uma realidade simbólica tão unificada que se torna, a seu modo, vivencial: um acontecimento, entre outros. Falar os símbolos equivale, aqui, a vivê-los; simbolizar, aqui, é viver um acontecimento completo em seus próprios limites. (VILLAÇA, 2015, p.299)

Torna-se possível a análise de que são, em sua maioria, um acontecimento, algo que se passa no mundo, mas que parte de uma coisa em seu sentido restrito, já que assim se aproxima mais do uso da língua, como a “dispersão”, a “fala”, a “destruição”, poema, este, que coloca “a coisa contra a coisa” (possivelmente nesse sentido lato, das coisas que se passam no mundo). A marca da influência de tal filosofia é notada quando comparamos as seguintes frases: “Quer-se ter a ciência ainda mais perto da vida? Penso que ela está já tão perto que a esmaga.” (Heidegger) e “a coisa contra a vida”. Utiliza a palavra “coisa” porque buscar o significado das coisas ultrapassa os conhecimentos da ciência, levantando a questão se não há, antes da ciência, um saber que a limita, segundo Heidegger.

Posto essa reflexão acerca da coisa e sua relação com os símbolos da Orídes Fontela, é feito, agora, o fechamento da análise do poema Dispersão, observando que o título, ao passo que dá uma pista do que trata o poema, introduz-nos nele, quando observamos as palavras “dispersaram”, “distâncias”, “fugiram” e “perderam-se”. A sensação é de que giram em torno de uma ideia (ação), havendo, assim, uma repetição da ideia de distância. Essa ideia parece dizer respeito a seres (da natureza) “As aves” que se ligam à existência, ao tempo e ao ser. Ainda na filosofia de Heidegger, a coisa está intimamente ligada ao espaço e ao tempo; sendo assim, parece emergir, do poema,

uma filosofia sobre a existência, uma existência em essência, que vai além, além das palavras, além das aparências. A “coisa” que são “As aves”, em seu espaço “Céus mais infinitos”, em “linhas puras de ser no tempo”, findam por se perder na existência. É o próprio existir. Sobre como o social deve aparecer em uma obra, Adorno aborda: “O procedimento tem de ser conforme a linguagem da filosofia, imanente. Conceitos sociais não devem ser trazidos de fora às composições líricas, mas sim devem surgir da rigorosa intuição das mesmas.” (P. 64) Em análise, podemos dizer que o social está presente na sugestão das distâncias e na filosofia, no sentido de reflexão, da existência, já que “das linhas puras de ser no tempo” é plural, e não singular, levantando a ideia de um coletivo, o que faz emergir uma reflexão sobre o existir coletivo, e não apenas de um sujeito lírico. Em outras palavras, não se trata de uma reflexão subjetiva centrada em um “eu”, comum em muitos poemas românticos, pois, por ser fortemente influenciada pelos modernistas, Ordes traz em suas obras uma consciência antirromântica. Antes, trata-se de uma reflexão sobre a existência, como um objeto comum a todos, e por isso, social.

Em outros poemas, como em “Ludismo”, o objeto comum a todos é o brinquedo. A partir do lúdico, da brincadeira, a poeta tece uma reflexão sobre a existência, mas não qualquer existir, trata-se do existir entre muitos fragmentos. Um ser singular que se torna plural, mas que, ainda sim, é carregado de singularidades. “Mundos frágeis adquiridos / no despedaçamento de um só.” De que mundos trata a poeta? Do ser. Identificado em “contra a forma anterior do espelho” e “no exercício do jogo / esgotando os níveis do ser.” Em síntese, todo o poema parece uma grande metáfora de uma fragmentação do ser que, ao dividir-se, multiplica-se, e, ao multiplicar-se, transcende. Outro destaque que merece atenção é o jogo com as palavras que, na dinâmica do poema, destroem para construir – mesma dinâmica utilizada a partir da imagem de tecedeira, no poema Penélope, do livro “Alba”. Novamente, no poema “Fala”, a poeta se utiliza de uma coisa comum a todos: a fala. E, entre a forma curta e fragmentada de seus versos, novamente a existência aparece em reflexões sobre o ser (“excessiva vivência / consciência demais do ser”), e repete-se a ideia do quebrar-se “Tão real que nos despedaça.” Nesse verso, atenta-se para o pronome pessoal oblíquo “nos”, que faz emergir do poema a pluralidade. Medita-se e compara-se o Ser com a Palavra, dois temas frequentemente buscados pela poeta. Nos versos, “o ser é excessivamente lúcido / e a palavra é densa e nos fere”, a comparação entre palavra e ser os difere (um é claro e outro denso), pressupondo a escuridão e, nesse sentido, “nos fere”. E, por ferir, distancia-se.

Diante de tais considerações, é possível, ainda, inferir e refletir, de acordo com Lima (1980), a concepção de linguagem como meio de representação, que leva em consideração o homem como um ser simbólico inserido em uma dada cultura, e que usa de várias formas de representações para firmar diferenças e/ou semelhanças com os outros. Dialogando com Adorno, mesmo que a obra literária seja encarada como um lugar de fuga, isso não contraria mas, antes, complementa a concepção de Lima (1980) da produção poética como uma produção simbólica das ações sociais. Na poética de Ordes Fontela, mesmo quando trata de objetos comuns a todos, e não a expressão de algo, por meio de abstrações e símbolos, ainda assim, há uma representação do que é social. A própria fuga motivada pela sociedade leva a uma representação simbólica. Ainda que a autora faça uso da abstração para romper com o social, a própria linguagem a entrega.

Conclusão



Dada à investigação acerca da linguagem, como meio de relação e fuga ao social nos poemas de Orides Fontela, analisou-se, não somente aspectos formais (estruturais) ligados a linguagem, como o emprego de palavras no plural e o uso de pronomes oblíquos, como também foram analisados aspectos informais, como a interpretação a partir de uma perspectiva filosófica, sugerida pela própria poética. Feita as análises, comprova-se a tese de que, sim, apesar das fortes abstrações e trabalho complexo com a linguagem, e ainda assim, os poemas conseguem uma relação com o social, mesmo que indiretamente, A língua (linguagem) é essencialmente comunicativa, especialmente, se estudada em determinado contexto, nesse caso, o próprio poema se constrói como um meio de contextualização, haja vista que não se trata de palavras soltas, muito embora, artifícios poéticos causem essa impressão, o poema como um todo passa uma mensagem, é passível de interpretações e ganha sentidos nas mãos do leitor e crítico. Em outras palavras, a linguagem atinge sua finalidade: a de comunicar algo. Sendo assim, o social emerge a partir da sugestão, da reflexão a partir dos elementos linguísticos fornecidos, que levam a uma ideia de coletividade.

#### Referências

ADORNO, Theodor W. **Palestra sobre lírica e sociedade**. In: \_ Notas de literatura. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. p. 65-90.

BUCIOLI, Cleri Aparecida Biotto. **Entretecer e tramar uma teia poética: a poesia de Orides Fontela**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

FARIA, Anaterria Gomes Engelhardt Barreto de. **Entre o verbo e o real inefável: Os modos do silêncio em Orides Fontela**. Monografia apresentada à disciplina Orientação Monográfica II do Curso de Letras – Português da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel. Curitiba, 2014.

FONTELA, Orides. **Poesia Reunida [1969 – 1996]**. São Paulo: Cosac Naify. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?: Doutrina de Kant dos princípios transcendentais**. Trad. Carlos Marujão. Lisboa: Edições 70, 1987.

LIMA, Luiz Costa. **Mimese e Modernidade: Formas das sombras**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

VILLAÇA, Alcides. **Símbolo e acontecimento na poesia de Orides**. Estudos avançados. Vol. 29. Nº 85, 2015. p. 295-312.

CÓDIGO: HS0860

AUTOR: EDNA GABRIELA PONTES BEZERRA

ORIENTADOR: MARCIO RENATO PINHEIRO DA SILVA

TÍTULO: A ANÁLISE DA POÉTICA DE LEMINSKI: O SOCIAL PELA LINGUAGEM PARÓDICA

Resumo

Este trabalho se propõe a estudar a poesia de Paulo Leminski em relação ao engajamento social, tendo, como principal suporte teórico, a conferência “Palestra sobre Lírica e Sociedade”, de Theodor W. Adorno. Dessa forma, parte-se de uma análise geral da poesia Leminskiana, debruçando-se sob o contexto de produção e buscando compreender a relação com as concepções poéticas modernistas e movimentos decorrentes, fundamentado nas considerações de Ítalo Moriconi (2002). Esse entendimento permite-nos uma visualização inicial do propósito do trabalho, uma vez que busca estabelecer uma relação entre as características próprias do período de produção, concepção e construção poéticas de Leminski, objetivando o diálogo entre lírica e sociedade. A partir dessas considerações, o trabalho procura pautar-se ainda nos pressupostos do teórico e pesquisador Affonso de Santana (2001), no livro “Paródia, paráfrase e cia”, na tentativa de construir uma relação entre paródia e linguagem. Para tanto, o estudo se vale também das ponderações feitas pelo próprio Leminski no livro “Os sentidos da paixão” (2002), apresentando uma relação de apropriação entre o poeta e a linguagem. Nesse sentido, a apropriação é entendida a partir de um processo subjetivo em que a palavra age sobre o poeta, e ele, por sua vez, oferece-lhe novas possibilidades, (re)significando-a. O teor social da poética Leminskiana é, portanto, analisado partindo da relação de efeito desse processo individual da linguagem com o coletivo.

Palavras-chave: Paulo Leminski. Poética. Linguagem. Paródia.

TITLE: THE ANALYSIS OF LEMINSKI'S POETIC: THE SOCIAL BY THE PARODIC LANGUAGE

Abstract

This work aims to study Paul Leminski's poetry in relation to social engagement, having, as main theoretical support, the Conference "Lecture on Lyrical and society" by Theodor W. Adorno. Thus, it is part of a general analysis of Leminski's poetry, focusing on the context of production and trying to understand its link with the modern poetry through parody. In the sense, parodic appropriation is understood as a subjective process in which the word acts on the poet as well as he constructs new meanings. The social content of Leminski's poetry is, therefore, analyzed based on the relationship of this appropriation with the collectivity.

Keywords: Paul Leminski. Poetry. Parody. Society.

Introdução

“Leminski é samurai em seus caprichos e malandro em seus relaxos.” (MOISÉS, 2000, p. 235).

Muito se procura estudar a poesia de Leminski partindo da percepção dos aspectos estéticos de sua produção poética. Fator incontestável, ela emerge em um período de poesia “rebelde”, fruto de um longo processo de reformulação da construção poética brasileira. A partir do que o próprio Leminski (2002) afirma, o poeta é dotado de certa marginalidade; dessa forma, os aspectos formais corroboram para a construção do perfil marginal de sua poesia. Considere-se, então, esses aspectos como recursos da sua produção lírica. Baseado nos postulados de Adorno (2003), a poesia encontra sua participação no universal a partir da individuação do poeta, isto é, de uma relação com a linguagem que permite novas experimentações, as quais, no caso de Leminski, transbordam parodicamente em sua poesia. Longe de ser uma construção de cunho apenas subjetivo e de experiências pessoais, o poeta é consciente de seu fazer poético, constrói, quebra, reinventa por meio de um longo e cuidadoso exercício de linguagem.

## Metodologia

A lírica de Leminski é analisada no presente estudo a partir de dois grandes planos formais. Os postulados de Italo Moriconi (2002) serviram de embasamento para a compreensão do contexto de produção de sua poesia e da forma como isto reflete esteticamente em seu fazer poético. Como reflexo das características de cunho estrutural, coube a análise da construção semântica dos signos dispostos na sua poesia por meio de uma interpretação paródica da linguagem, fundamentada nos pressupostos do teórico Affonso de Sant’Anna no livro “Paródia, paráfrase e cia” (2001). Essa análise parte, no entanto, de um estudo da conferência “Palestra sobre Lírica e Sociedade”, de Theodor W. Adorno, que direcionou todo o trabalho. Pois, o estudo do social na poesia de Leminski é construído a partir do entendimento da linguagem enquanto fator essencialmente social. Mediante essas características estéticas e de concepção da linguagem, o estudo também reflete sobre os aspectos satíricos da poesia Leminskiana, fruto dessas características de composição. A concepção do próprio Leminski acerca da relação poeta/linguagem em um dos capítulos do livro “Os sentidos da paixão” também norteou esse estudo, auxiliando na percepção da linguagem paródica. A partir desse estudo bibliográfico, o trabalho, por fim, analisa dois poemas da obra “Quarenta Clics em Curitiba”, de 1976, apresentando resultados de valor qualitativo.

## Resultados e Discussões

A vida e a produção poética de Paulo Leminski dão vazão a diferentes olhares curiosos. Sua poesia multifacetada permite estabelecer possíveis relações com aspectos da sua formação intelectual e também pessoal. A produção poética de Leminski apresenta características de escrita muito próprias, que ganharam ainda mais reconhecimento estético no período da conhecida geração mimeógrafo e da poesia marginal.

A década de 70 foi um período histórico e político conflituoso, que deu margem para a criação de uma poética rebelde, de poetas inconformados, uma poesia marcada pelo coloquialismo, brevidade, críticas e ironias. Além da grande produção artística dos poetas marginais, a criação literária brasileira sofreu fortes influências das vanguardas europeias. Especialmente por volta dos anos 50, poetas concretistas como Décio Pignatari e os irmãos Campos foram grandes expoentes e influenciadores na criação poética de outros poetas, inclusive de Paulo Leminski.

Esses são aspectos importantes para entender o arcabouço que envolve a criação literária Leminskiana. No entanto, Paulo Cesar e Wellington Gomes (2015), em "versos (in) versos: uma análise da sátira lírica na poesia de Paulo Leminski", afirmam que o poeta consegue filtrar, com maestria, as concepções do grupo da geração mimeógrafo, adaptando-as. Os traços da corrente concretista, por sua vez, saltam aos olhos em boa parte da criação poética de Leminski, mas não se esgotam em si mesmos.

É interessante notar como a poesia de Leminski, assim como de outros autores que beberam na fonte das vanguardas do século XX, rompe com tradições estéticas e busca construir sua liberdade formal. Todavia, Paulo Cesar e Wellington (2015, p. 01) apresentam a seguinte conclusão: "Antes de ser o contraponto entre o erudito e o popular, o concretismo e a poesia marginal, a arte literária de Leminski tenta comunicar, em poucos versos, a inversão propositada do lirismo por meio da sátira de costumes e ideias".

Tal percepção da sua obra nos dá respaldo para uma visão analítica que procura se debruçar ainda mais na lírica do Samurai malandro. Tomando como ponto de partida esses aspectos, esse estudo procura identificar a linguagem lírica e social e a sátira na poética de Leminski, bem como o processo de sua construção.

O pesquisador Fabrício Marques (1998, p. 70) aponta que Paulo Leminski é um poeta-crítico, uma vez que "ele se vale, para articular o real, de um certo humor associado à ironia romântica (na medida em que há presentificação do autor na obra, ao mesmo tempo em que esse se conscientiza do aspecto criador do fazer literário)". Apesar dos fortes traços sociais associados à sátira humorística na lírica leminskiana, a sua poesia não se esgota na mera transposição de temáticas sociais para dentro dos seus poemas. Afinal, como afirma Adorno (2003, p. 66),

O teor de uma poesia não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em razão da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal.

A concepção entre lírica e sociedade, sistematizada teoricamente por Adorno, permite-nos estabelecer uma relação com o que é proposto e identificado nos poemas do Paulo Leminski. A construção dessa poética, que emerge do pessoal para o coletivo por meio da linguagem, é aquilo que Adorno aponta como sendo essencialmente social. Leminski brinca com as palavras e, a partir disso, aproxima-se do que o teórico apresenta como a universalidade do teor lírico: "a composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal". (2003, p.66)

No livro "Paródia, paráfrase e cia" (2001), o teórico e pesquisador Affonso de Sant'Anna desenvolve uma discussão minuciosa acerca dos fenômenos linguísticos que compõem o seu corpus de pesquisa. Entre os fenômenos que são discutidos no livro, nos

valeremos especialmente dos conceitos de paródia e paráfrase, desenvolvidos de forma muito prática pelo autor.

Na tentativa de se fazer entender, Affonso procura estabelecer uma relação de tensão entre os conceitos dispostos no livro. Entre as muitas concepções teóricas que o autor aponta acerca da paráfrase, em uma delas, ele a apresenta como um discurso sem voz, uma vez que é uma espécie de revozeamento da fala do outro. Para se compreender a paródia, por sua vez, ele se vale da psicanálise, levando em consideração que esse fenômeno pode ser posto como uma re-apresentação de algo recalcado, como um novo jeito de ver o tradicional.

Diante dessas afirmações, é interessante retomar alguns aspectos da poética do século XX. Para tanto, é mister refletir sobre o que diz Italo Moriconi (2002) acerca da poesia feita nesse período:

“O modernismo foi no Brasil um movimento profundamente comprometido com a tradição. Fundou uma nova tradição, ao resgatar um passado colonial que jazia praticamente enterrado e esquecido.” (MORICONI, 2002, p.32)

Assim posto, a poesia dos poetas modernistas esteve comprometida, entre suas ambições, na tentativa de estabelecer e/ou reconstruir a concepção poética que se primava. Moriconi aponta o modernismo em três fases, dos anos 20, de 30 a 45 e o modernismo dos anos 40 a 60. No estudo em questão, interessa-nos, especialmente, este último e as produções aí decorrentes.

Diante de toda produção propriamente modernista, é uma tarefa ainda problemática definir a poesia produzida após esse período. O pesquisador Moriconi retoma uma poesia do Augusto de Campos, que apresenta a poesia pós Drummond, Cecília e Cabral como “pós-tudo”, ou mesmo, nas palavras do escritor americano John Barth, “Literatura da exaustão”.

A ideia por trás dessas expressões aponta uma crítica acerca da relevância de se fazer poesia depois de uma experimentação poética grandiosa, o que instiga o interesse acerca do que poetas como Leminski tem a dizer, e ainda como o dizem.

Com a efervescência da cultura pop, por volta da segunda metade do século XX, dos pós-modernos e pós-canônicos, e o teor desconstrutor dessa poesia, como diria o próprio Leminski (2002, p. 284-285), “o poeta seria, mais ou menos, um ser dotado de erro, e daí essa tradição de marginalidade, essa tradição, moderna, romântica, do século XX pra cá, do poeta como marginal.”

Diante desses processos de mudança e, ao mesmo tempo, desse sentimento de marginalidade, desconstrução e rompimento, Leminski, por meio da linguagem, mais do que se apresentar enquanto um poeta desconstrutor, ele se apropria da linguagem, constrói e reinventa.

A concepção do fazer poético parte, então, de um entendimento da palavra enquanto materialidade, isto é, como uma coisa no mundo. No livro “Os sentidos da paixão” (2002), Leminski apresenta a relação poeta/linguagem como uma espécie de troca, em que a linguagem age sobre o poeta, causando sofrimento; o poeta, por sua vez, em um determinado momento, retribui a ação que sofreu, permitindo à linguagem novas possibilidades. O poeta, que antes era uma “vítima linguística”, “Agora, passa a ser

algoz, passa a torturá-la, a quebrá-la, passa prum outro momento de sua paixão” (2002, p. 289). Retomemos então ao que disse Adorno acerca do teor lírico, em que o poeta parte do individual ao coletivo, é um processo subjetivo e particular que, no caso de Leminski, reverbera no social.

Faz-se necessário rever também a fala de Affonso sobre a paródia. Ele apresenta uma analogia em que a paródia se assemelha a um filho rebelde, uma vez que concede ao texto determinada independência, valendo-se novamente da psicanálise para encará-la como um “ato de insubordinação contra o simbólico” (2001, p. 32). Partindo ainda dos pressupostos de Affonso, o teórico afirma que a literatura se apropria de diferentes linguagens para realização de seus fins, neste caso, busca-se perceber a linguagem paródica da poesia Leminskiana. Entendida essa apropriação e relação de poeta/linguagem, o nosso olhar estará voltado para a análise da poesia e da capacidade, que o próprio Leminski aponta como sendo a capacidade do poeta de partir a palavra, diria quase que de (re)significá-la.

A partir das considerações feitas, tem-se uma ideia geral acerca de como venha ser construída a poética Leminskiana, uma vez que nos valem de muitos fatores sociais para entendê-la. É interessante, no entanto, nos determos à análise da intencionalidade da poesia de Leminski, e, para tanto, cabe a análise de um dos poemas do seu livro “Quarenta clics em curitiba” (1976).

Depois de hoje

a vida não vai ser mais a mesma

a menos que eu insista em me enganar

aliás

depois de ontem

também foi assim

anteontem

antes

amanhã

Os aspectos formais próprios da poesia moderna são facilmente percebidos: versos livres, ausência de rimas, em resumo, uma fuga aos aspectos da poesia tradicional. Essas características, apesar de não imprescindíveis, corroboram para a análise da intencionalidade de sua poesia. Leminski é consciente do seu fazer poético. Retomando o que ele disse no livro “Os sentidos da paixão”, considera o poeta como, nas palavras dele, “craque”, quando este consegue transformar algo que recebe em algo particularmente seu, conseguindo comunicar isto com maestria, o que ele considera um forte aspecto da poesia vanguardista. O poeta defende, ainda, que o verso é uma entidade artística, isto é, tem sua particularidade, séria, consciente e consistente. Apesar das poucas palavras, a poesia de Leminski tem muito a dizer, conforme afirma Leyla Perrone (2000, p. 239): “Leminski pingou um poema em nosso olho e passou.

Passou rápido, porque ele morava no olho do furacão. A vida era intensa, mas a poesia era paciente trabalho de linguagem.”

A partir do contraponto entre a forma e o conteúdo, Leminski encontra um equilíbrio, uma vez que sua poesia transpõe nos dois sentidos do seu fazer. Nesse trabalho cuidadoso de linguagem, Leminski se utiliza de um jogo simbólico de quebra por intermédio da paródia. As palavras dispostas na sua poesia têm um alto poder de alcance, apesar de o próprio autor considerar que na poesia não há um destinatário específico, reconhece que a palavra é um veículo de transposição. O que Leminski faz é se apropriar das palavras e reapresentá-las conseguindo estabelecer uma relação com o real, e, conseqüentemente, com o potencial “destinatário”. Isso é possível através de um processo de identificação que o conteúdo de sua poesia, aparentemente despropositado, oferece.

Sob essa perspectiva, a poesia de Leminski pode ser estudada a partir de um ponto em comum, que permite uma identificação coletiva. No caso do poema em questão, em uma primeira leitura, permite-nos a inferência de que o poema versa sobre a temática da procrastinação. Essa ideia fica mais clara a partir do quarto verso, por meio do uso do advérbio “aliás”. Apesar da temática ser relativamente clara, o poeta se utiliza dela para apresentar um conceito que a transcende. Retomando o que disseram os pesquisadores Paulo Cesar e Wellington Gomes (2015), Leminski, em suas poesias, constrói o seu lirismo a partir da sátira de costumes e ideias, recurso usado em consonância com a tentativa de rompimento com a normatividade estética, uma vez que se utiliza de um conceito geral; através de um processo de apropriação, sua poesia transborda os signos (re)significados.

As palavras dispostas nos dois últimos versos (antes e amanhã) serão, especialmente, enfocadas na análise da proposta de estudo da linguagem paródica da poesia de Leminski. Todo o poema parece convergir para um grande “desfecho”, em que as palavras retomam a ideia central do poema, ao mesmo tempo em que abarcam e oferecem uma nova experimentação que parte do poeta para o leitor. O primeiro verso do poema faz a marcação de um objetivo que é construído, ou melhor, desconstruído, o uso das palavras “ontem” e “anteontem” auxiliam na clareza da temática, enfatizando um processo repetitivo, que provoca uma espécie de ciclo vicioso e uma possível frustração, permitindo, assim, a percepção de uma linha tênue de humor.

Sem a percepção do processo de (re)significação, os possíveis efeitos são, em certo grau, previsíveis; porém, são acrescidos de valor semântico, o que acontece nos dois últimos versos. Retomando o que disse Affonso de Sant’Anna, a paródia é uma espécie de (re)apresentação de algo recalcado, possibilitando um novo jeito de ver o tradicional. A partir do momento em que Leminski se apropria do conceito comum (procrastinação), ele constrói um tom de humor satírico em volta dele, podendo ser possivelmente associado à construção poética dos poetas marginais, uma vez que a poesia do período, constantemente, satirizava questões referentes ao contexto da época. O que é construído aqui, no entanto, não é denúncia, é fruto de uma percepção cuidadosa dos aspectos banais da vida.

Os dois últimos versos justificam esse contraponto, uma vez que as palavras “antes” e “amanhã”, ao mesmo tempo que se encarregam de auxiliar na produção do efeito de incômodo e identificação no leitor, reflexo da forma como ele expõe algo inerente ao ser humano, provoca a reflexão no momento em que os signos são quebrados, isto é, até que ponto o “Amanhã” representa apenas o dia após o hoje?, ou mesmo, qual o limiar

que estabelece o que venha a ser o antes. Está relacionado a algo além do signo linguístico em sua significação “básica”, é fruto do processo cuidadoso e relação apaixonada com a linguagem, discutida pelo poeta em “Os sentidos da paixão”. Conforme afirma Leyla Perrone:

Leminski pagou e recebeu inteira. A multiplicidade de tarefas, de línguas, de gêneros, de veículos em que ele circulava deixa, paradoxalmente, a lembrança de uma inteireza: a integridade de uma vocação de poeta que ele, obstinadamente, cumpriu”. (2000, p. 240)

Esse processo de construção pode ser percebido em outros poemas do Leminski. A análise do seguinte poema, por exemplo, presente no mesmo livro que o poema anterior, “quarenta clics em Curitiba” (1976), permite a percepção desse processo.

Achar

a porta que esqueceram de fechar.

O beco com saída.

A porta sem chave.

A vida.

Neste poema, a temática não é tão clara quanto no anterior; é a partir de uma análise mais cuidadosa que se nota sobre o que versa o poema. O primeiro verso, “Achar”, é um verbo de ação, que, neste caso, exige uma sequência de fatos que justifiquem seu uso. Nos versos seguintes, tem-se essa justificativa, mais precisamente no segundo, terceiro e quarto versos. No entanto, é somente no último verso (A vida), que a percepção da temática proposta fica mais nítida. Mais do que continuidade do verso inicial, os versos seguintes podem ser analisados como preâmbulo do quinto verso, ou mesmo como uma espécie de metáfora para a ideia exposta no verso final. A percepção dos aspectos metafóricos acontece em sintonia com o processo de construção da linguagem paródica, uma vez que o poeta se utiliza de ideias comuns como a de “beco sem saída”, (re) apresentando-a, auxiliando, ainda, na construção da atmosfera reflexiva que o poema propõe acerca da vida. A ideia posta no quarto verso, “A porta sem chave”, também permite-nos perceber uma certa quebra de expectativa, uma vez que há uma desconstrução no sentido popular de se procurar “a chave que abre a porta” para a vida.

Como consequência do processo paródico de quebra da palavra, os signos tomam nova “forma”. Ao mesmo tempo em que o leitor consegue recuperar alguns conceitos, sendo capaz de perceber um certo tom humorístico, depara-se com uma experimentação da palavra que ultrapassa o trocadilho, mas parte de uma percepção particular de determinado tema — a vida.

Conclusão



Mediante os estudos desenvolvidos neste trabalho, chega-se à algumas conclusões e ao reconhecimento de alguns fatos. A compreensão da linguagem enquanto fator social, percebida a partir do estudo dos postulados de Adorno, é o ponto de partida que justifica todo o percurso teórico. O trabalho considera o estudo de Italo Moriconi acerca dos aspectos da poesia do século XX, que permitiu a percepção das características estéticas modernas e pós-modernas como fortes traços da construção poética Leminskiana, fator que deu margem para a análise do social em sua poesia. Dessa forma, foi a partir do entendimento desses aspectos de valor estético, propriamente desconstrutores, de onde emergiu a lírica de Leminski, que o trabalho se propôs a analisar sua poética sob outro ângulo, buscando estabelecer uma linha de pensamento que une os aspectos de cunho formal e de conteúdo. Considerando, então, os estudos acerca da linguagem, bem como da paródia e da relação do poeta com a primeira, tem-se que, nos poemas analisados, a poética de Leminski é construída a partir da apropriação do real, do comum, que, por intermédio do processo particular e paródico da linguagem, consegue conferir novas possibilidades ao signo, e, conseqüentemente ao leitor, que, através da leitura, mais do que identificação, é imbuído de uma nova experimentação da linguagem, reflexo da individualidade do poeta que transborda no coletivo, permitindo enxergar o tradicional sob outra perspectiva.

#### Referências

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo, Duas Cidades, Ed.34, 2003.

LEMINSKI, Paulo. Poesia: a paixão da linguagem. In: CARDOSO, Sérgio. **Os sentidos da paixão**. São Paulo, Companhia das letras, ed. 12, 2002.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo, companhia das letras, ed. 1, 2013

MORICONI, Italo. **Como e por que ler poesia do século XX**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, Fabrício Marques. **Uma vivência de despaisamento**. Aletria, 1998.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia**. São Paulo, Editora Ática, 2001.

SOARES, Paulo Cesar Ferreira; SOUZA, Wellington Gomes de. **Versos (in) versos: uma análise da sátira lírica na poesia de Paulo Leminski**. Macabéa, 2015.

CÓDIGO: HS0935

AUTOR: MELISSA LEANDRA DANTAS

ORIENTADOR: MARCIO RENATO PINHEIRO DA SILVA

TÍTULO: O SAGRADO E O PROFANO EM “POEMAS MALDITOS, GOZOSOS E DEVOTOS”, DE HILDA HILST

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar poemas da escritora brasileira Hilda Hilst, retirados do livro “Poemas malditos, gozosos e devotos”, publicado em 1984. Sendo assim, Theodor W Adorno argumenta, em “Palestra sobre lírica e sociedade”, que é impossível que uma obra lírica não contenha o social em si, haja vista que, para ser entendida, ela precisa atingir a voz universal. Nesse sentido, pretende-se analisar o que há de social nesses poemas, com ênfase na sua relação com o sagrado e o profano. Para tanto, esta pesquisa se fundamenta nos estudos de Fabrice Hadjadj (2017), George Baitalle (2004), Mircea Eliade (2013) e Cleide Maria de Oliveira (2014), além do já citado Theodor W. Adorno (2003). Por fim, o estudo revela que, nesse conjunto de poemas, o eu-lírico, cuja voz é feminina, utiliza o profano para se aproximar do sagrado. Assim, é encontrado, com frequência, o relato da necessidade do divino e aproximação de Deus através do erotismo, representando uma busca pela necessidade de entender a sua própria fé e a si mesma.

Palavras-chave: Hilda Hilst. Lírica. Sociedade. Profano. Sagrado.

TITLE: THE PROFANE AND THE SACRED IN “POEMAS MALDITOS, GOZOSOS E DEVOTOS”, BY HILDA HILST

Abstract

The present work aims to analyze poems of the Brazilian writer Hilda Hilst, taken from the book “Poemas malditos, gozosos e devotos”, published in 1984. In doing so, Theodor W Adorno argues, in “Lyric poetry and society”, that it is impossible that a lyric work does not contain the social itself, given that, in order to be understood, it needs to reach the universal voice. In this sense, we intend to analyze what is social in these poems, with emphasis on their relationship with the sacred and the profane. For that, this research is found the studies of Fabrice Hadjadj (2017), George Baitalle (2004), Mircea Eliade (2013) and Cleide Maria de Oliveira (2014), besides the aforementioned Theodor W. Adorno (2012). Finally, the study reveals that, in this set of poems, the poetic persona, whose voice is feminine, uses the profane to approach the sacred. Thus, it is often found the account of the necessity of the divine and the approximation of God through eroticism, representing a search for the need to understand his own faith and herself.

Keywords: Hilda Hilst. Lyric. Society. Profane. Sacred.

## Introdução

Em “Palestra sobre lírica e sociedade”, Adorno postula que a obra lírica, ainda que expresse a individualidade e a subjetividade do eu-lírico, também expressa a voz da humanidade. Isso porque, de acordo com ele, para que a obra seja entendida, é necessário que ela tenha algo de social. Além disso, ele acredita que o autor, ainda que inconscientemente, sempre é influenciado por algo da comunidade em que vive, de modo que é impossível ficar imune a isso. Partindo desses pressupostos, o presente trabalho consiste na análise de alguns textos selecionados do livro “Poemas Malditos Devotos e Gozosos”, publicado por Hilda Hilst em 1984. Nesse sentido, o que se pretende é mapear seu teor social a partir da tentativa de se aproximar de Deus.

Sendo assim, esta pesquisa é relevante no que diz respeito ao estudo do social na obra lírica da escritora Hilda Hilst, cujas obras são conhecidas por temas extremamente subjetivos e que, por isso mesmo, representam questões vividas pelo ser humano. Nesse sentido, o eu-lírico, em seus poemas, aborda temas delicados como o amor e o desejo. Neste trabalho, será analisada a relação entre o sagrado e o profano na busca por Deus.

## Metodologia

Metodologicamente, o trabalho tem como corpus os poemas III, VIII e IX, retirados do livro “Poemas malditos, gozosos e devotos” de Hilda Hilst. Nesse sentido, o que se pretende é fazer uma análise quanto ao lado social desses poemas, principalmente no que diz respeito a relação entre o sagrado e o profano. Nessa perspectiva, teoricamente nos fundamentamos em Fabrice Hadjadj (2017), George Baitalle (2004) no que diz respeito ao erótico e sua relação com o sagrado, Cleide Maria de Oliveira (2014), no que se refere aos poemas líricos da escritora Hilda Hilst e sua relação com o sagrado, e Theodor W. Adorno (2012), filósofo que reflete sobre o social na obra lírica.

## Resultados e Discussões

Portanto, como fundamentação teórica deste trabalho, é importante refletir sobre o social na obra lírica. Sendo assim, em “Palestra sobre lírica e sociedade”, o filósofo Adorno argumenta que, mesmo em um texto lírico extremamente subjetivo, há a voz da sociedade. Isso porque, para que certa obra literária seja entendida, ela precisa não só atingir o indivíduo em sua solidão, mas também a voz da humanidade:

A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar para mais fundo para dentro dela. É isso o que se deve esperar, e até a mais simples reflexão caminha nesse sentido. Pois o teor (Gehalt) de um poema não é mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da sua especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal (ADORNO, 2003, p. 66).

Dessa forma, estando o autor inserido na vida em sociedade, é inevitável que ele deixe de lado questões do contexto em que se vive. Portanto, mesmo quando um poema aborda questões individuais, ele também aborda, mesmo que não seja sua intenção, questões do contexto em que ele está inserido. Sendo assim, o autor, ainda que em sua solidão, expressa a voz da humanidade, e somente quando se enxerga essa voz se pode entender aquilo que o poema diz (ADORNO, 2003).

Nessa perspectiva, a obra lírica que expressa a solidão sofre influências da sociedade individualista da qual ela advém. Assim, sua capacidade de criar vínculos universais vem dessa individualização, da qual o autor não tem mais poder depois que ela está posta no poema. Nesse sentido, a interpretação sobre o lado social de um poema lírico não deve questionar acerca da posição social da obra ou do autor e, sim, deve ser analisado como o todo da sociedade aparece no poema. Ou seja, as obras devem ser analisadas a partir delas mesmas, sem trazer conceitos, pensamentos ou contextos que estão fora (ADORNO, 2003).

### **O sagrado e o profano**

O sagrado e o profano representam duas formas de ser no mundo. Desse modo, o sagrado, que se opõe ao profano, é algo que transcende este mundo, santificando-o. Já o profano é tudo que se opõem a esse tempo sagrado limitando-se ao mundo material (ELIADE, 2013).

Dessa maneira, para o sagrado, o espaço é não-homogêneo. Sendo assim, enquanto o espaço profano é desorganizado e sem estrutura, o espaço sagrado é tudo que se configura como o único espaço real cuja manifestação se dá através de uma ruptura, revelando um ponto absoluto do mundo, que não só serve de orientação para o homem religioso, mas também para fundar o mundo. Nessa perspectiva, pode-se concluir que, para o profano, o espaço é homogêneo. Isso quer dizer que, por não haver qualquer tipo de ruptura nesse tempo, não há nenhum ponto fixo que oriente o homem que vive no tempo profano. Sendo assim, o homem que não é religioso vive experiências muito diferentes das do sagrado. No entanto, ainda assim, não consegue se desprender completamente do tempo religioso, tendo em vista que é o tempo sagrado que forma o mundo (ELIADE, 2013). Vale dizer que a expressão poética configura um desses redutos do sagrado em um mundo profano.

### **O erotismo e o sagrado**

O erotismo está ligado à morte e à continuidade do ser. Pois, enquanto a descontinuidade da vida permanece sendo uma incógnita para o homem, o erotismo a desafia. Em outras palavras, a inquietação do ser humano diante a morte é a preocupação com o fim da vida. Por isso, ao longo dela, buscamos a sensação de continuidade, que encontramos no erotismo e na busca do divino (BATAILLE, 2004).

Assim, de acordo com Hadjadj (2017) a Encarnação é um mistério de Deus que atinge o ser humano não devido à sabedoria, mas sim pela carne e pelo ato sexual. Isso acontece, por exemplo, ao nos tornamos um só corpo no matrimônio, representando a relação que é feita na teologia entre o Verbo e a carne. Dessa forma, o Verbo penetra a todos, o que resulta em dizer que há uma pornografia divina.

Nessa perspectiva, os resultados desta pesquisa demonstram que o livro “Poemas malditos, devotos e gozosos”, da escritora brasileira Hilda Hilst, publicado em 1984,

apresenta um eu-lírico que está em uma busca constante por Deus, querendo aproximar-se dele. A sensação de dúvida e de querer aproximar-se do que essa entidade é faz parte de algo muito comum para a sociedade em que vivemos, na qual muito se teoriza sobre Deus.

No entanto, a maneira como Hilda Hilst demonstra suas percepções acerca disso é bastante singular. Nela, a autora mostra suas impressões com muita leveza, dando a voz um eu-lírico que busca uma forma de se aproximar de Deus e, ao mesmo tempo, tenta entender a sua própria fé. Esse eu-lírico ganha a voz de uma mulher que se reconhece pecadora e que se entrega a ele em todos os sentidos. Dessa forma, a busca do sagrado é uma tentativa desesperada de sentir Deus e poder contemplar a sua face.

Portanto, o que acontece nos poemas de Hilst é um jogo entre profano e sagrado, mundo material e mundo místico. Assim, a busca pelo ausente se dá através da entrega total do eu-lírico, que transita entre esses dois mundos.

### **Obra lírica de Hilda Hilst e sua relação com o sagrado e o profano**

A obra da escritora Hilda Hilst revela um erotismo com um alto teor de influência do amor cortês, e, principalmente, da lírica medieval:

De forma simétrica a esse erotismo com sabor medieval, em que a voz feminina canta a coita amorosa, chama atenção na lírica hilstiana (mas não apenas na lírica) certo apelo místico de viés apofático, e o insistente chamamento a uma presença amorosa, porém, ausente, da qual os rastros são apenas as feridas e lacunas abertas por um desejo que se alimenta do humano amor, mas que nele não encontra repouso (OLIVEIRA, 2014, p. 270).

Nesse sentido, essas características estão muito presentes no conjunto de poemas do livro “Poemas malditos, gozosos e devotos” publicado em 1984 por Hilda Hilst. Principalmente no que diz respeito a voz feminina narrando a coita amorosa e a presença de um desejo por algo que está fora de alcance e que se alimenta do amor do eu-lírico, que no conjunto de poemas escolhido, é representado pela imagem de Deus.

Nessa premissa, a maneira que o eu-lírico busca essa aproximação é transformando esse Deus em algo mais simples, mais pessoal e mística, menos institucionalizado deixando de lado todos os paradigmas e tabus. Desse modo, também o nomeia de diferentes modos, e busca o sagrado através da sua própria carne. Portanto, o profano trazido para os poemas serve tanto para se demonstrar inferior, sendo também um sinal de submissão a Deus, quanto para se aproximar do sagrado (COELHO, 2010):

O mundo sagrado, portanto, tal como o assassinio, a guerra, a festa e o erotismo, pertence exclusivamente ao mundo dos excessos que a razão se esforça para conter. O impulso do sujeito em direção à divindade é mesmo em direção ao objeto de desejo sensual: a nostalgia da continuidade, e é a violência que colocará, portanto, um fim à descontinuidade da razão humana. Por isso Bataille afirma que o erotismo é essencialmente sagrado, uma vez que aponta para um estado – infinito e ilimitado – que está além da ordem estabelecida e do isolamento do ser (SAMPAIO, 2015, p. 181).

Em alguns versos dos poemas encontrados no livro “ Poemas malditos, gozosos e devotos” também são trazidos diversos elementos da religião cristã. Por exemplo, nos versos “Pés burilados / Luz alabastro / Mandou seu filho / Ser trepassado”, que fazem

menção à crucificação de Jesus ou a São Sebastião. Este último teve seu corpo trespassado por flechas ao se negar a renunciar a Jesus Cristo. Mas, ao analisarmos os poemas com mais profundidade, podemos observar que o eu-lírico utiliza esses termos para criticar, como se ele considerasse que essas imagens são invenções ou que certos termos só servem para afastar o ser humano de Deus. Como se, na opinião do eu-lírico, essa aproximação fosse algo que não precise ser tão complicado, e Deus estivesse mais perto de nós do que imaginamos:

Daí nasce uma nova perspectiva sobre o Sagrado, que passa a ser visto como objeto de uma interdição. Interdito que, ao modo dos demais, atemoriza mas também fascina, pois, se os homens temem seus deuses, eles também o veneram, e a transgressão conduz à devoção (SAMPAIO, 2015, p 181).

Em contrapartida, também podemos perceber que a imagem construída dessa divindade é a de um Deus como o retratado no Antigo Testamento, um Deus impiedoso e superior (COELHO, 2010): “É rígido e mata / Com seu corpo-estaca / Ama mas crucifica”. Esse Deus parece estar mais distante do eu-lírico, haja vista que os pecados o afastam do sagrado, e o eu-lírico se sente preso ao mundo do profano.

Dessa forma, o eu-lírico sente-se incompleto e inferior: incompleto pela angústia da dúvida, e inferior pelos pecados que o distanciam do sagrado. Em contraste com a imagem do eu-lírico como uma serva entregue e impura: “Caio sobre teu colo / Me retalhas. / Quem sou? Tralhas, do teu divino humor”. O que também nos faz perceber que a voz do eu-lírico parece questionar Deus quanto à sua bondade, e até mesmo existência, alegando “E digo sem cerimônias / Que vives porque te penso”. Nessas horas, os poemas têm um sentido mais desafiador, como se estivesse tentando enfrenta-lo a fim de obter algum sinal. Neste caso, podemos perceber uma divisão do “ser em si” e do “ser para o outro”. Tendo em vista que o eu-lírico considera que, se Deus não for entendido como um ser que existe para ele, ou seja, um “ser para o outro”, Ele não existiria. Mas e “em si”, sem ter relação com o eu-lírico, continuaria a existir?

Nesse sentido, podemos dizer que o eu-lírico não só o desafia como afirma que Deus só existe na sua cabeça, como se sua existência dependesse dele. Assim, ambos podem ser uma coisa só e essa necessidade de Deus é uma necessidade que permeia o autoconhecimento e a reafirmação do ser humano. Nessa premissa, para se aproximar desse divino, nesse ato de dependência que é estabelecido entre os dois, o eu-lírico traz o erotismo para os seus poemas, que dá a ele a sensação de continuidade própria ao sagrado: “Me devoras/Com teus dentes ocos./A ti me incorporo”.

III

Caio sobre teu colo

Me retalhas.

Quem sou?

Tralhas, do teu divino humor.

Coronhadas exatas

De tuas mãos sagradas.

Me queres esbatida, gasta

E antegozas o gosto

De um trêmulo Nada.

Me devoras

Com teus dentes ocos.

A ti me incorporo

A contragosto.

Sou agora fúria

E descontrolo.

Agito-me desordenada

Nos teus moles.

Sou façanha

Escuro pulsante

Fera doente.

À tua semelhança:

Homem (HILST, 2017).

Nesse poema, o eu-lírico, cuja voz é feminina, é uma serva que, ao entregar-se, sente-se diminuída por esse ser que a possui: “Caio sobre teu colo / Me retalhas. / Quem sou? / Tralhas, do teu divino humor”. Por fim, essa experiência de entrega resulta em uma espécie de confronto dessa serva que se entrega e um Deus que se alimenta, de modo que se fundem em um só.

A expressão “divino humor” tem relação com a expressão muito conhecida “divino amor”, que consiste no amor Cristão. Assim, a expressão utilizada pelo eu-lírico nos dá a compreensão de que esse ser divino é instável, e a trata da pior forma possível, como se ela fosse uma tralha mesmo. E é assim que o eu-lírico se sente, totalmente entregue, impura e humilhada, ou seja, essa expressão é irônica, já que ela, muito pelo contrário, não é tratada com amor diante de sua submissão.

Apesar de ter-se entregado, o eu-lírico aparenta ter feito isso por obrigação, como se não tivesse alternativa a não ser de entregar-se diante do Divino. No entanto, a pessoa a quem se entrega a machuca: “Coronhadas exatas / De tuas mãos sagradas. / Me queres esbatida, gasta / E antegozas o gosto / De um trêmulo Nada”. Como se o sofrimento dela fosse algo necessário para se aproximar do Outro, tendo em vista que o sacrifício tem a função de estabelecer uma relação com o sagrado. Mas essa

experiência machuca, e o poema nos dá a sensação de que, como acontece no erotismo, a voz feminina é tomada e o eu-lírico entrega-se contra sua vontade e a ele se mistura “A ti me incorporo / A contragosto”.

Em seguida, a voz feminina demonstra finalmente tentar resistir, mesmo que Aquele que a subjuga seja tão maior que ela: “Sou agora fúria / E descontrolo. / Agito-me desordenada / Nos teus moles”. Isso tendo em vista a dominação desse Ser, que a machuca e a usa como que por um capricho: “Sou façanha / Escuro pulsante / Fera doente”. Nesse trecho, podemos perceber que essa dominação que ocorre entre Deus e o eu-lírico segue a premissa de Bataille (2004) sobre o que acontece na relação entre o erotismo e o sagrado, que é a sensação de continuidade do ser.

Para tanto, é necessário ressaltar que, no Velho Testamento, é comum essa sugestão da relação amorosa entre Deus (elemento masculino) e seu povo (elemento feminino). Assim, o eu-lírico vive essa experiência, que, apesar de machucar, aproxima-a e até a funde, tornando-se, assim como ela, mais humano: “À tua semelhança: / Homem.”

Nessa perspectiva, esse verso também tem relação com o livro de Gênesis e a passagem na qual Deus cria o mundo e ao homem à sua imagem e semelhança. Por isso, podemos dizer que o eu-lírico, ao se fundir a Deus, reafirma a sua humanidade. Então, de repente, o Outro é o próprio eu-lírico, como se de alguma forma ele já estivesse dentro dele.

O poema intitulado “VIII” também segue essa premissa, sendo a voz do eu-lírico também feminina: “Mas deixa-me amar a ti, neste texto / Com os enlevos / De uma mulher que só sabe o homem”. Também são sugeridas relações entre ela e o ser divino: “Mas tu sabes da delícia da carne / Dos encaixes que inventaste” para senti-lo. Segundo o eu-lírico, o mundo do profano é o único que ele conhece e tem. Por isso, sua vontade é conhecer a Deus ainda nele “Dizer que vou te conhecer a fundo/ Sem as bênçãos da carne, no depois, / Me parece a mim magra promessa”. Assim, o termo “as bênçãos da carne” é suscitado como algo que seria indispensável ao eu-lírico, ou seja, algo que, segundo ele, poderia diminuir a sensação de conhecê-lo. Dessa forma, podemos perceber que a relação entre o tocar e o sentir se encontram associados, na medida em que, para essa mulher, não há como sentir sem tocar o sagrado, remetendo a algo que foi discutido por Fabrice Hadjadj no livro “A profundidade dos sexos”:

Ora, o que acontece quando toco? Sou eu mesmo tocado. [...] Apenas pelo tato vivencio diretamente meu corpo como meu. E o vivencio por inteiro, pois o tato não está localizado em um órgão, antes estende-se por todo o meu esforço carnal. Porém, ter o tato mais fino é sentir-se e sentir o mundo de modo mais radicalmente que todos os outros animais...(HADJAD, 2017, p. 78)

Dessa forma, para Hadjadj (2017), o toque imprime algo extremamente único do ser humano e que permite ao homem conhecer o mundo e a si mesmo, já que o tocar permite distinguir o eu e o outro. Assim, podemos perceber que, neste poema, a voz feminina tem necessidade de ser tocada, o que pode ser interpretado como uma necessidade própria de reconhecer a si mesmo através do toque do Outro.

Desse modo, no poema intitulado “IX”, o eu-lírico também sente essa necessidade de tocar a esse Ser. Nesse sentido, podemos observar que o eu-lírico se dirige a Jesus, pedindo-lhe para tocar a sua boca através da atadura que é feita de linho que a cobre. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que esse linho não é um linho qualquer; ele é



luminescente, o que imprime a pureza desse Ser. Em seguida, o eu-lírico sugere tocar essas ataduras de um modo carnal, sugerindo sentir as espessuras de seu corpo. Nesse sentido, o toque segue a mesma premissa do poema anterior, no qual é a partir dele que pretende se aproximar dessa divindade: “Poderia ao menos tocar/ As ataduras de tua boca?”, o que se relaciona com o sentir também “Poderia através/ Sentir teus dentes?”. Sendo assim, podemos notar que o tocar e o sentir são sensações que se relacionam como iguais, permitindo que o poema atinja, além de tudo, um teor erótico que reflete a percepção de que é através do toque que se pretende atingir essa sensação de continuidade e de conhecer ao sagrado. Sendo assim, a busca por essa sensação parece ser uma necessidade e, além de tudo, um pedido de aproximação: “Me permitirias te sentir a língua/ Essa peça que alisa nossas nucas/ E fere rubra/ Nossas humanas delicadas espessuras?”.

## Conclusão

Percebemos que, no conjunto de poemas da escritora Hilda Hilst analisados ao longo deste trabalho, encontra-se a voz de um eu-lírico que demonstra uma necessidade de se aproximar do que há de sagrado. Sendo assim, ao se encontrar preso no tempo profano, o eu-lírico busca atingir o sagrado através da relação erótica com Deus, a fim de torná-lo mais próximo de sua condição humana.

Dessa forma, concluímos, a partir desse estudo, que a relação que há entre o profano e o sagrado no conjunto de poemas analisados pode ser entendida como social. Isto, tendo em vista a busca do eu-lírico pelo valor e sentido da vida, além da experiência humana como um todo. Sendo assim, ele se utiliza de fundamentos da cultura e da civilização ocidental que são Deus e a tradição judaico-cristã para se distanciar do cotidiano simples e banal com o intuito de comunicar, até mesmo de se apropriar desses pilares.

Contudo, apesar disso, o eu-lírico desafia a forma como a cultura ocidental se relaciona com Deus ao se utilizar do profano e do erótico para alcançar o sagrado. Nesse sentido, a poeta revela uma voz dissonante, que não deixa até mesmo de ser uma crítica social, ao se opor às concepções usuais relacionados ao sagrado e que são base da cultura das civilizações ocidentais.

Concomitantemente, essa crítica que a autora faz à concepção de sagrado acaba por se aproximar de concepções similares às da antiguidade, como por exemplo algumas vertentes do cristianismo que foram dissipadas por Roma considerando-as heréticas. Isso reflete uma afinidade da Hilst ao Gnosticismo (cf. WILLER, 2010). Dessa forma, a autora traz para os seus poemas, a voz silenciada dessas concepções sufocadas pela tradição apostólico-romana. Nesse sentido, trata-se de um gesto social, de crítica e de recuperação histórica.

## Referências

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In:\_\_. **Notas de literatura**. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003. p. 65-90.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**: ensaio. São Paulo: Arx, 2004.

COELHO, Kamilla Kristina Sousa França. **DEUS**: A FONTE DE PRAZER HILSTIANA. Revista Odisseia, Ppgel - UFRN, n. 6, p.1-6, 10 jul. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/download/2067/1501>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3. ed. São Paulo: WMC Martins Fontes, 2013.

HADJADJ, Fabrice. **A profundidade dos sexos**: por uma mística da carne. São Paulo: É Realizações, 2017.

HILST, Hilda. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MEMÓRIA SELETIVA: DO TEMPO. **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1999. p. 8-12.

OLIVEIRA, Cleide Maria de. Bifrontes valias do divino na lírica de Hilda Hilst. In: CABRAL, Jimmy Sudário; BINGEMER, Maria Clara (Org). **Finitude e mistério**: mística e literatura Moderna. Rio de Janeiro: PUC-RJ; Mauad X, 2014. p. 269 - 289.

SAMPAIO, Higor. Os ofícios do sacro em Poemas malditos, gozosos e devotos de Hilda Hilst. In: REGUERA, Nilze Maria de Azeredo; BUSATO, Sussana (Orgs). **Em torno de Hilda Hilst**. Unesp digital: São Paulo, 2015, p. 177-203.

WILLER, Cláudio. Gnósticos brasileiros, do simbolismo até hoje. In: \_\_\_\_\_. **Um obscuro encanto**: Gnose, Gnosticismo e poesia moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 417-435).

CÓDIGO: HS1105

AUTOR: ADAILSON JOSÉ DA SILVA SANTOS

ORIENTADOR: ANA MARIA DE OLIVEIRA PAZ

TÍTULO: ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DE GRAMÁTICA EM TERMOS DE ESTRUTURAÇÃO E LEGIBILIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Resumo

Tendo em vista o fato de o professor construir enunciados de questões de textos avaliativos e, por vezes, selecioná-los em livros didáticos adotados, este trabalho de pesquisa objetivou analisar as questões de livros didáticos de Língua Portuguesa referentes ao conteúdo de gramática, especificamente em termos de construção e legibilidade. Para tanto, escolhemos como objeto de investigação dois livros didáticos, sendo um do 6º e outro do 9º ano respectivamente. Em termos metodológicos, trata-se de investigação de natureza documental (GIL, 2002) e segue uma abordagem de dados de caráter quantiquantitativa (CRESWELL; CLARK, 2013). Teoricamente, apoia-se nos estudos de Travaglia (1991) e Paz (2001) assim como nos pressupostos de Kato (1985); Bezerra (2001) e Moretto (2007). Os resultados apontaram para uma predominância de enunciados de questões que não contemplam, em sua estrutura composicional, todas as categorias constitutivas de textos de natureza injuntiva, conforme propõe Travaglia (1991). Assim sendo, a ausência da categoria de justificativa, explicação ou incentivo pode comprometer a legibilidade do enunciado, gerando dificuldades de compreensão para o aluno, ao produzir suas respostas.

Palavras-chave: Legibilidade. Livro didático. Pesquisa documental.

TITLE: ANALYSIS OF GRAMMAR STATEMENTS IN TERMS OF STRUCTURING AND LEGIBILITY IN PORTUGUESE LANGUAGE TEXTBOOKS

Abstract

Bearing in mind the fact that the teacher builds questions statements from evaluative texts and, sometimes, selects them from textbooks in use, this research study has aimed to analyze the issues about Portuguese Language textbooks regarding to the grammar content, specifically in terms of construction and legibility. For this purpose, we have chosen two textbooks as research object: one from the 6th grade and another from the 9th grade respectively. In methodological terms, it is a documental investigation (GIL, 2002) and follows a quanti-qualitative data approach (CRESWELL; CLARK, 2013). Theoretically, it relies on the studies of Travaglia (1991) and Paz (2001) as well as on the assumptions of Kato (1985); Bezerra (2001) and Moretto (2007). The results have pointed out to a predominance of issues statements that do not include, in their

compositional structure, all the constitutive categories of injunctive nature texts, as proposed by Travaglia (1991). Thus, the absence of the justification, explanation or incentive category can endanger the legibility of the uttering, creating such comprehension difficulties for the students when they are producing their answers.

Keywords: Legibility. Textbook. Documentary research.

## Introdução

As avaliações escritas são instrumentos utilizados pelo professor no intuito de verificar o desempenho do aluno em relação aos conteúdos curriculares ministrados. Se observarmos, no entanto, a construção dos enunciados, comandos ou instruções propostas nas questões que constituem essas atividades de avaliação, podemos perceber que o entendimento de seus textos representa, por vezes, tarefa de difícil realização para aqueles que precisam apresentar respostas adequadas às construções pouco elaboradas de seu enunciador. Essa questão conduz o professor a, no decorrer dos eventos de aplicação de provas, intervir oralmente, no sentido de favorecer o entendimento das solicitações feitas nos enunciados. Em face de o professor construir enunciados de questões desses textos avaliativos e, por vezes, selecioná-los em livros didáticos adotados, esta pesquisa objetiva analisar, em termos composicionais, os enunciados de questões de livros didáticos de Língua Portuguesa referentes aos conteúdos de gramática possivelmente utilizados pelo professor para constituir suas atividades de avaliação da aprendizagem dos alunos, levando em conta a construção e a legibilidade desses enunciados.

Nesse sentido, podemos compreender o livro didático de Língua Portuguesa, como um artefato organizado por unidades que apresentam conteúdos e atividades destinados a guiar professores e alunos, especialmente no ambiente da sala de aula, tornando-se, na grande maioria das vezes, o recurso mais importante para o ensino e aprendizagem em boa parte das escolas brasileiras, daí a importância atribuída ao livro didático que têm contribuído para que o próprio autor desse material assuma a posição de interlocutor dos alunos ao invés do professor que cumpre literalmente com o que o autor do livro didático propõe. (v. BEZERRA, 2001).

Sendo assim, este trabalho centrou foco nas questões de gramática presentes no livro didático de Língua Portuguesa, mais precisamente em exemplares da coleção intitulada “Para viver Juntos: Português” de autoria de Cibele Lopresti Costa, Greta Marchetti, Jairo J. Batista Soares, Heidi Strecker e Mirella L. Cleto, organizada pelas edições SM e vinculada ao Programa Nacional do Livro Didático – PNLD de 2017, cujo material foi pensado para atender aos alunos do ensino fundamental II. Em nosso estudo, escolhemos trabalhar com dois volumes da coleção, do 6º e 9º anos respectivamente. Essa nossa escolha se justifica pelo fato de que um dos volumes contempla a fase inicial do ensino fundamental II e o segundo a etapa final desse mesmo segmento de ensino.

Para tanto, buscamos respaldo nos estudos de Travaglia (1991) e Paz (2001) especificamente nas categorias presentificadas em textos de sequência injuntiva, como é o caso dos enunciados de questões. Quanto ao tipo de pesquisa, a mesma se configura como investigação documental (GIL, 2002), de abordagem de dados de caráter quantitativo (CRESWELL; CLARK, 2013). Os resultados da pesquisa apontam a predominância de enunciados de questões dedicadas a gramática, que

trazem, em sua estrutura, apenas as categorias de incitação e elenco. Com isso verificamos que em ambos os livros investigados o número de enunciados de questões que contemplam todas as três categorias proposta por Travaglia (1991) e Paz (2001) é bastante ínfimo, o que ocasionar dificuldades de compreensão para o aluno.

## Metodologia

Nesta pesquisa, desenvolvemos uma análise da construção de enunciados de questões do livro didático de Língua Portuguesa, propostos para os alunos do ensino fundamental II, especificamente o 6º e o 9º anos. Para tanto, optamos por trabalhar com questões que se referem aos conteúdos de gramática, pois as mesmas pressupõem uma resposta previamente estabelecida, isto é, uma resposta fechada, diferentemente das questões interpretativas que abrem espaço para variados pontos de vista.

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa de natureza documental, pois “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p.45), tratando-se, portanto, de um livro didático de Língua Portuguesa. No tocante à abordagem de pesquisa, trata-se de investigação de caráter quantiquantitativo (CRESWELL; CLARK, 2013), haja vista que no decorrer da investigação nos propomos a realizar um levantamento quantitativo das recorrências constitutivas do gênero enunciados de atividades para, a partir de então implementarmos as interpretações acerca do que essas recorrências sinalizam em termos de legibilidade e compreensão desses enunciados.

Em outras palavras, procuramos, inicialmente, catalogar todas as questões de conteúdo de gramática encontradas nos livros didáticos em perspectiva. Com isso identificamos 181 (cento e oitenta e uma) questões no livro didático do 6º ano, e 187 (cento e oitenta e sete) no livro do 9º ano, constituindo assim um corpus de 368 questões. Posteriormente, fizemos a análise dos enunciados a partir das categorias propostas por Travaglia (1991) e Paz (2001) para o texto injuntivo, classificadas como: elenco ou descrição; determinação ou incitação; e justificativa, explicação ou incentivo. Essas categorias serviram de base para entendermos como os enunciados foram construídos, e também para identificarmos se a sua legibilidade sofreu algum comprometimento.

## Resultados e Discussões

Neste trabalho de pesquisa foram analisados os enunciados de questões pertencentes ao conteúdo de gramática, encontrados nos livros didáticos de Língua Portuguesa destinados aos alunos do ensino fundamental II, especificamente um livro do 6º e 9º anos, para tanto fizemos uso das categorias constitutivas dos textos injuntivos propostas por Travaglia (1991). O texto considerado como injuntivo deve apresentar como componentes constitutivos três categorias distintas intituladas como: Elenco ou descrição, determinação ou incitação e justificativa, explicação ou incentivo (TRAVAGLIA, 1991).

A primeira categoria (elenco ou descrição) diz respeito a todos os componentes a serem manuseados em prol da execução de uma determinada ação, já a segunda categoria conhecida como (determinação ou incitamento) contempla os atos a serem postos em prática mediante um determinado comando e, por fim, temos a terceira categoria apresentada como (justificativa, explicação ou incentivo) que corresponde aos motivos destinados para a execução dos atos que foram incitados (TRAVAGLIA, 1991). Vale ressaltar, que os elementos das categorias supracitadas não seguem um ordenamento pré-determinado, possibilitando assim a sua intercalação. Porém, a determinação ou incitamento, nomeada como “comando (s)” por Moretto (2007), configura-se como sendo o único elemento imprescindível (TRAVAGLIA, 1991) à constituição dos textos injuntivos, como é o caso dos enunciados.

Como resultados, apresentamos, no gráfico (1), a categorização dos enunciados das questões identificadas e, posteriormente, selecionadas no livro do 6º ano em análise. Nele é possível observar que 63,5 % dos enunciados analisados contemplam, em sua estrutura, a determinação ou incitação e o elenco ou descrição, que correspondem a duas categorias propostas por Travaglia (1991), contemplando um total de 115 (cento e quinze) questões de gramática. No tocante aos enunciados de questões que apresentaram as três categorias, (determinação ou incitação, elenco ou descrição, justificativa, explicação ou incentivo), temos um percentual de 36,5 % que corresponde a um total de 66 (sessenta e seis) questões. Nesses termos, foram analisadas 181 (cento e oitenta e uma) questões no livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano.

Com relação ao livro didático do 9º ano, conforme pode ser constatado no gráfico (2), 64,7 % dos enunciados das questões de gramática trazem em sua estrutura a determinação ou incitação e o elenco ou descrição que identificam duas das categorias propostas, esse percentual corresponde a um total de 121 (cento e vinte e uma) questões investigadas, e apenas 35,3 % dos enunciados submetidos a análise apresentaram as três categorias, determinação ou incitação, elenco ou descrição e a justificativa, explicação ou incentivo, perfazendo um total de 66 (sessenta e seis) questões. Nesse sentido, foram analisadas 187 questões no livro didático de Língua portuguesa do 9º ano.

Conforme foi mostrado nos gráficos (1) e (2), há uma predominância em ambos os livros analisados de enunciados constituídos pelas categorias de determinação ou incitação e de elenco ou descrição. Em contrapartida, observamos um número ínfimo de questões que apresentam todas as três categorias. Essa não presentificação de todas essas categorias pode ocasionar problemas de legibilidade para o enunciado, uma vez “[...] que quanto mais bem-formado o texto, mais legível ele será” (KATO, 1985, p.60). O que significa dizer que os enunciados que contemplam as três categorias em sua estrutura têm menos chances de evidenciar problemas de legibilidade, pois a categoria da justificativa, explicação ou incentivo compreende uma orientação que pode auxiliar o discente a retomar conceitos ou outros elementos capazes de favorecer um melhor desempenho na resolução da questão.

Vale também ressaltar que um traço característico da categoria conhecida como descrição ou incitamento é a presença de formas verbais no imperativo, a exemplo de: “Identifique”, “Relacione”, “Cite” dentre outros (PAZ, 2001). Dessa forma, todas as 368 (trezentas e sessenta e oito) questões analisadas apresentam a categoria da determinação ou incitação. Essa recorrência sinaliza uma ocorrência linguística que, segundo Travaglia (1991) e Paz (2001), se estabelece como condição indispensável para que os textos de natureza injuntiva se estabeleçam efetivamente.

## Conclusão

Mediante o levantamento e análise dos dados coletados nos livros didáticos de Língua Portuguesa do 6º e 9º anos do ensino fundamental II, é possível inferir que a maioria dos enunciados contemplam, em sua estrutura, apenas as categorias da determinação ou incitação e do elenco ou descrição. Essa construção, que não apresenta a categoria justificativa, explicação ou incentivo, pode ocasionar dificuldades para os alunos responderem as atividades, haja vista que essa categoria compreende uma orientação que pode auxiliar o discente a retomar conceitos ou outros elementos capazes de favorecer o seu melhor desempenho nas questões.

## Referências

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Textos: seleção variada e atual. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). O livro Didático de Português: múltiplos olhares. Rio de Janeiro, RJ: Editora Lucerna, 2001, p. 33-45.

COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta; SOARES, Batista Jairo j. Para Viver Juntos: Português 6º ano, ensino fundamental. 4. ed. São Paulo, SP: Edições SM, 2015. 304p.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. Escolha de um Projeto de Métodos Mistos. In:\_\_\_\_\_. Pesquisa de Métodos Mistos. 2. ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2013, p. 60-103.

GIL, Antonio Carlos. Como Classificar as Pesquisas?. In:\_\_\_\_\_. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2002, p. 41-57.

KATO, M. A. Uma Visão Interativa da Legibilidade. Ilha do Desterro. Florianópolis, SC, n. 13, p. 57-66, 1985. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/issue/view/617>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

MARCHETTI, Greta; STRECKER, Heidi; CLETO, Mirella L. Para Viver Juntos: Português 9º ano, ensino fundamental. 4. ed. São Paulo, SP: Edições SM, 2015. 288p.

MORETTO, Vasco Pedro. Prova: Um Momento Privilegiado de Estudo, Não Um Acerto de Contas. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2007. 138p.

PAZ, Ana Maria de Oliveira. Enunciados de Avaliação: A questão da Produção e da Legibilidade. 2001. 219p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Um Estudo Textual – Discursivo do Verbo no Português do Brasil. 1991. 330p. Tese (Doutorado em Linguística) apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1991. Disponível em:<<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269755>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

## Anexos

Gráfico 1 : Enunciados Seleccionados no Livro Didático de Língua Portuguesa (6º Ano)

Gráfico 2: Enunciados Seleccionados no Livro Didático de Língua Portuguesa (9º Ano)



CÓDIGO: HS1229

AUTOR: JODINALDO ALEXANDRE DA SILVA

COAUTOR: ANA CLAUDIA AQUINO GERMANO

COAUTOR: LEVI DE ARAUJO SILVA

ORIENTADOR: MARCELO DA SILVA TAVEIRA

TÍTULO: TURISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL EM PEQUENAS CIDADES DO SERIDÓ POTIGUAR

Resumo

A pesquisa objetiva analisar os aspectos relacionados ao turismo e desenvolvimento regional nas pequenas cidades do Seridó Potiguar que compõem o mapa brasileiro de turismo (2017-2019) e integram o Conselho de Turismo do Polo Seridó (instância de governança regional do ano anteriormente citado). Para tanto, foi realizada pesquisa documental, por meio de consulta a textos oficiais dos governos Federal, Estadual e Municipais como relatórios técnicos, programas, projetos e ações institucionais relacionados ao desenvolvimento do turismo, além de pesquisas já realizadas sobre a Política Nacional de Turismo e ao Programa de Regionalização do Turismo, além da literatura específica do turismo (pesquisa bibliográfica) para interpretar a base empírica da pesquisa. Ainda, foram realizadas visitas in loco para observação e coleta de dados para análises e interpretação das realidades contempladas no estudo. O estudo busca elucidar questões pertinentes à natureza e ao conteúdo do desenvolvimento regional da região em análise, os efeitos pragmáticos das políticas adotadas, o direcionamento e emprego dos recursos públicos e as implicações do turismo no contexto regional. Constatou-se que o turismo está se desenvolvendo de forma lenta e gradual, haja vista as dificuldades encontradas, como por exemplo, a ausência de planejamento associada entre o poder público, a iniciativa privada e comunidade local.

Palavras-chave: Palavras-chave: Turismo. Desenvolvimento regional em Pequenas cidades.

TITLE: TOURISM AND REGIONAL DEVELOPMENT IN SMALL CITIES OF SERIDÓ POTIGUAR.

Abstract

The research aims to analyze the aspects related to tourism and regional development in the small cities of Seridó Potiguar that make up the Brazilian tourism map (2017-2019) and integrate the Tourism Council of the Polo Seridó (regional governance instance of the year mentioned above). To this end, a documentary research was conducted, through consultation with official texts of the Federal, State and Municipal governments, such as technical reports, programs, projects and institutional actions related to tourism development, as well as research already carried out on the National Tourism Policy. to the Tourism Regionalization Program, in addition to the tourism specific literature

(bibliographic research) to interpret the empirical basis of the research. Still, on-site visits were made to observe and collect data for analysis and interpretation of the realities contemplated in the study. The study seeks to elucidate questions pertinent to the nature and content of the regional development of the region under analysis, the pragmatic effects of the policies adopted, the direction and use of public resources and the implications of tourism in the regional context. It was found that tourism is developing slowly and gradually, given the difficulties encountered, such as the absence of associated planning between the government, the private sector and the local community.

Keywords: Tourism. Regional development. Small cities. Seridó Potiguar.

## Introdução

De acordo com o Ministério do turismo (2019), baseado em dados da Organização Mundial do Turismo (2019), o Turismo é um setor que está em constante progresso no cenário mundial, apontou que em 2018 obteve-se “o segundo melhor resultado dos últimos 10 anos, atingindo a marca de 1,4 bilhão de chegadas internacionais no mundo todo, um aumento de 6% sobre 2017”. Ainda, o turismo mundial tem previsão de crescimento entre 3% e 4% em 2019. No Brasil, segundo a Revista Parontas (2019), o turismo responde por 8,1% do PIB nacional e por 7,5% da geração dos empregos no País. Desse modo, a indústria do turismo torna-se cada vez maior, se expandindo cada vez mais e buscando novos ares para se desenvolver.

Com vistas para o desenvolvimento do turismo no Brasil, O Ministério do Turismo, no âmbito do Programa de Regionalização do Turismo, buscando expansão, desenvolvimento e descentralização da atividade turística, definiu por meio do Mapa Brasileiro de Turismo, áreas prioritárias (polos) para atuação de políticas públicas do setor, buscando agir de forma mais efetiva nessas regiões com potencial a ser desenvolvido. Os polos de turismo são delimitados por terem características similares e/ou complementares e aspectos que os identifiquem enquanto região, ou seja, que tenham uma identidade histórica, cultural, econômica e/ou geográfica em comum (MTUR, 2019). Por meio da regionalização, busca-se descentralizar o turismo de sol e mar, predominante no Nordeste, e, assim desenvolver esses polos regionais turisticamente, e, por consequência, economicamente, levando o desenvolvimento do setor para as áreas interioranas dos estados. O mapa do Turismo Brasileiro, atualmente, é composto por cinco polos: Costa Branca, Costa das Dunas, Serrano, Agreste-Trairí e Seridó.

O Polo Seridó encontra-se localizado na Região Seridó Potiguar, interior do Estado do Rio Grande do Norte. A Região Seridó insere-se na história da colonização do Brasil a partir dos movimentos lentos e graduais de deslocamento de famílias proprietárias de terras que não possuíam espaço social ou econômico no litoral nordestino, dominado pelo latifúndio canavieiro, desde a Bahia até o Ceará. A civilização do criatório (gado) ou do couro não possuía espaço no litoral devido à extrema necessidade de terras úmidas do modelo plantation: vastas glebas, acesso à água doce e trabalho escravo intensivo (PDITS SERIDÓ, 2011). Além da pecuária, a região teve como base de desenvolvimento econômico a cotonicultura e a mineração. Essas atividades econômicas desenharam os traços da identidade histórica, cultural, econômica e geográfica da Região do Seridó Potiguar. Vale salientar que essas atividades entraram em declínio quase no mesmo período, aproximadamente, em meados da segunda metade do século XX. Junto com a decadência dessas atividades econômicas a

organização socioespacial seridoense entrou em colapso. Com vista nisso, fez-se necessário iniciar um processo de reestruturação do espaço regional (AZEVEDO, 2014, p. 27).

O Turismo surge, atualmente, como uma nova forma de desenvolvimento econômico para as pequenas cidades do Seridó Potiguar. Segundo Beni (2006, p.67) “o turismo promove o desenvolvimento intersetorial, em função do efeito multiplicador dos investimentos e dos acréscimos da demanda interna e receptiva. É um elemento importante para o planejamento regional ou territorial”. O turismo, além de ser gerador de renda, também busca proporcionar um processo de crescimento econômico de forma sustentável, com respeito ao meio ambiente e a conservação dos valores culturais das populações nativas das regiões turísticas (NODARI, 2007 p. 15). Ele pode ser uma ferramenta de planejamento para o desenvolvimento e o crescimento das pequenas cidades. Com vista nisso, a pesquisa busca avaliar o desenvolvimento do turismo nas pequenas cidades do Seridó Potiguar.

## Metodologia

A metodologia empregada na elaboração desta pesquisa foi uma análise de forma qualitativa e quantitativa dos dados coletados sobre os indicadores de desenvolvimento socioeconômico e seus impactos na qualidade de vida das populações residentes nas pequenas cidades, e, conseqüentemente no setor turístico regional. Na primeira fase da pesquisa foi realizado um levantamento preliminar de referências bibliográficas sobre o objeto estudado para o embasamento dos pesquisadores e do trabalho em si. Porém, a pesquisa também se baseia no caráter empírico por meio de observações realizadas in loco e por meio de contato direto com a população de cada cidade. Buscando assim, evidenciar a realidade de cada cidade com maior confiabilidade dos dados gerados.

No tocante a pesquisa documental, foram realizadas consultas a textos oficiais dos governos Federal, Estadual e Municipais como relatórios técnicos, programas, projetos e ações institucionais relacionados ao desenvolvimento do turismo no Polo Seridó, documentos elaborados por instituições de pesquisa e ensino. Na segunda fase foram realizadas pesquisas in loco nas pequenas cidades, com até 20.000 habitantes. Estas fazem parte do Polo de Turismo Seridó (2017-2019), região que compõe o mapa brasileiro de turismo (do mesmo período anteriormente citado).

A região turística do Seridó é composta por dez municípios, mas a pesquisa aborda apenas as pequenas cidades, seguindo o critério do IBGE (2010) que define pequena cidade pelo número inferior a 20.000 habitantes. A partir desse recorte, temos as seguintes cidades: Acari (11.035 habitantes), Carnáuba dos Dantas (7.429 habitantes), Cerro Corá (10.916 habitantes), Florânia (8.959 habitantes), Jucurutu (17.692 habitantes), Lagoa Nova (13.983 habitantes), e Serra Negra do Norte (7.770), (Mapa 1).

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários semiestruturados e específicos para cada setor. Os mesmos foram aplicados com os gestores públicos de diferentes secretarias, com a iniciativa privada e com representantes do terceiro setor de cada município.

Em seguida, foram realizadas a tabulação e análise dos dados coletados com base em diferentes abordagens para melhor projetar os resultados da investigação e analisar os

fenômenos complexos da sociedade e da realidade em estudo. A interpretação dos resultados foi alicerçada nos métodos estatístico e comparativo, que subsidiaram o tratamento adequado dos dados a partir de análises de natureza quali quanti para melhor compreensão do objeto em estudo.

Diante dos cenários teórico e empírico, os quais alicerçam essa pesquisa, tais metodologias têm por finalidade assegurar o tratamento adequado das informações oriundas de pesquisas de campo e investigações documentais, bem como, permitir que os conteúdos dessas informações elucidem questões para análises mais aprofundadas e contextualizadas da realidade pesquisada, e dos discursos narrados pelos diversos atores sociais que participarão ativamente da construção do processo investigativo.

## Resultados e Discussões

### Setor público

O setor público atua como principal agente provedor do desenvolvimento por meio de ações que visam o crescimento da atividade turística na região. O planejamento e as ações são debatidos e definidos nas reuniões itinerantes promovidas pelo Conselho Regional do Polo de Turismo do Seridó.

As secretarias de turismo municipais, das pequenas cidades do Seridó, estão juntas, geralmente, com a pasta de esporte, lazer e desenvolvimento econômico e as equipes de trabalho também contam com poucos funcionários (quadro 1). Desses, apenas a secretaria de Lagoa Nova possui funcionário com formação acadêmica na área do turismo. São essas pequenas equipes que realizam as ações do setor público municipal no setor do turismo.

Como resultados de pesquisa de campo e portal da transparência de cada cidade, sobre as ações que o setor público de turismo realiza para desenvolver atividade, obtemos o seguinte resultado (quadro 2):

Dos municípios pesquisados todos possuem inventário da oferta turística. Esse levantamento foi realizado por meio de parceria entre órgão público municipal de turismo e os cursos de turismo da UFRN (Universidade Federal do Rio Norte) e da UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte).

Partir dos resultados obtidos observa-se que a maior parte dos investimentos no setor turístico é a realização de obras de infraestrutura turística. Seja por meio de revitalização de obras antigas, construção de novos espaços (praça de eventos, por exemplo), construção de infraestrutura turística específica nos atrativos dentre outras, assim desenvolvem a cidade construindo novos espaços e ajudando a desenvolver a qualidade dos equipamentos turísticos.

O fomento aos eventos também são ações expressivas tendo em vista que a região tem forte potencial em turismo de eventos, atualmente, pelo viés histórico-cultural da região, se destacam os eventos religiosos, que reúnem cerimônias religiosas e festa social. Também se destacam os festivais de inverno nas cidades de Cerro Corá e Lagoa Nova, eventos juninos, motofests, dentre outros.

Os investimentos também são aplicados à inserção dos municípios ao projeto Geoparque Seridó, que se desenvolve na região, graças as riquezas arqueológicas presentes na região. Pode-se citar ainda, investimentos em cursos de capacitação e de qualidade no atendimento ao turista visando à melhoria dos serviços.

O setor público apresentou como maior dificuldades de implementação do turismo na região a falta de participação do setor privado. Apontaram que a secretaria de turismo oferece cursos de capacitação, mas que não tem o engajamento esperado. Ainda, ressaltam a falta de apoio do setor privado em relação à implantação de ações. Os secretários citam que o setor privado espera que o setor público faça tudo sozinho. Em contrapartida, o setor privado diz que não recebe apoio do órgão público municipal de turismo e reclamam da falta de investimentos no setor turístico.

### Setor privado

O turismo, em sua atuação, articula os três setores da economia, movimenta o capital, gera emprego e renda e, por conseguinte, desenvolvimento. Devido a essa multidisciplinaridade de atividades associadas ao turismo, mensurar os números referentes ao setor se torna mais complicado. Segundo o (IPEA, 2015, p.46) “O grande desafio na produção de dados sobre a economia do turismo é que, diferentemente de outros setores da economia, nem toda a produção gerada nas atividades características do turismo [...] está associada ao turismo”.

Para contextualizar a situação do setor privado das pequenas cidades do Seridó se faz necessário abordar o contexto do setor no país e da região Nordeste, onde as mesmas estão inseridas. Em 2017, nota-se que houve aumento de empregos e ocupações no setor do turismo no Brasil, esse crescimento foi equivalente a 190 mil novos empregos entre os anos de 2013 a 2017. Ainda, percebe-se que ao contrário de 2013, em 2017, têm-se um maior número de empregos informais do que formal (tabela1).

Nos gráficos 1 e 2, se evidencia a predominância de equipamentos gastronômicos na região, e, logo em seguida o setor de hospedagem e as empresas que atuam no setor de eventos. Ainda, pode-se observar a presença de agências de viagens e de transportes que auxiliam no fluxo turístico das cidades. Nesse comparativo, observa-se que a ocorreu um aumento nos equipamentos de A&B na cidade de Jucurutu, e, em contrapartida, houve uma queda destes na cidade de Acari. São muitos fatores que afetam o desenvolvimento econômico e do turismo nas pequenas cidades.

Com maior impacto sofrido na atividade, dentre as cidades estudadas, destaca-se Acari, afetada pela escassez de chuvas que assola a região desde 2011. A região Seridó é integrante de uma área natural comum aos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, submetida constantemente a períodos de forte estiagem e calor intenso, típica do semiárido. As secas marcaram fortemente a geografia do lugar, assim como sua população e modo de vida (PDITS SERIDÓ, 2011).

A queda no setor de alimentos e bebidas e de meios de hospedagem deu-se devido à escassez de água que prejudicou seu principal atrativo turístico, o açude Gargalheiras. Além de ser um atrativo que tinha fluxo todo final de semana, ele também era fonte de renda para a comunidade pesqueira que lá reside. Afetando assim, o fluxo turístico, a gastronomia baseada no pescado e, conseqüentemente, a economia da iniciativa privada que não consegue manter os empreendimentos do setor funcionando, desse modo, muitos fecharam por falta de recursos, o que prejudica o desenvolvimento

econômico da cidade. Nas outras pequenas cidades estudadas, a ausência de fluxo turístico faz com que muitas empresas do setor acabem fechando.

Com base em análise dos gráficos 1 e 2 nota-se que, mesmo com vários problemas como a seca e a crise econômica, os números tiveram um crescimento em relação ao ano de 2010 (gráfico 1). A relação entre turismo e iniciativa privada implica no aspecto econômico, na geração de emprego e renda para os residentes dessas pequenas cidades. O setor, anteriormente apresentado, gera, atualmente, 1.062 empregos formais (gráfico 4). No tocante ao tipo de cliente atendido pelas empresas, obteve-se o seguinte resultado (gráfico 5). A maioria dos clientes é composta pela população residente, esse número tem destaque devido à grande quantidade de empreendimentos de alimentos e bebidas que é utilizado pela população, principalmente, para almoçar. Os 33% dos clientes é composto por comerciantes que vem a trabalho, alguns pernoitam e outros não. Os turistas representam 32% dos clientes, isso levando em conta o turismo pedagógico, o período de maior fluxo nas pequenas cidades que acontece na temporada de eventos, de cada uma, e no fim de ano devido às férias (gráfico 6).

Os meses de maior fluxo identificado são os de fim de ano, em razão do período de férias. Além, de ser o período de realização de vários eventos nas cidades. Muitos dos eventos são relativos à festa dos santos padroeiros de cada cidade, são eventos que já são consolidados e que atraem turistas de vários locais, neles reúnem conteúdo de fé, devoção e entretenimento. Esses eventos mexem com o cotidiano das pequenas cidades, movimentando a economia e ressaltando os traços culturais e tradições da região, como aponta Dias & Santos (2012, p.40):

A Festa dos Santos Padroeiros é uma tradição comum a todas essas cidades. Constitui um marco na cultura desses povos, na medida em que, a cada ano, se renova, não apenas por questão de tradição, mas pela magnitude econômica que alcança. Registra-se, nos meses que antecedem à festa, outra dinâmica na cidade, envolvendo o comércio, principalmente, de roupas e calçados, tendo em vista o costume do uso de roupas novas que ainda se preserva nessas pequenas cidades durante esse período. Os moradores procuram pintar as fachadas das suas casas e estabelecimentos comerciais, dando uma nova fisionomia à cidade. Nas ruas, onde a festa social acontece, são instalados parques de diversões, ternos esportivos, barracas de tiro ao alvo, de bijuterias e brinquedos, uma grande variedade de trailers e lanches, bares etc. Segundo os comerciantes, é uma época em que todos procuram abastecer suas lojas com produtos variados – tecidos, aviamentos para costuras, roupas e calçados –, tendo em vista a procura mais intensa por tais produtos. O período posterior é considerado por eles como “parado”, em que se passa a esperar, apenas, pelos pagamentos advindos das vendas a crediário. É grande o número de pessoas que participa das festas e que procede das cidades vizinhas, pela atração, não apenas da religiosidade, mas também pelo lado profano da festa, tais como bailes e shows que são realizados durante o período.

Ainda, podem-se destacar os festivais de inverno, realizados em Cerro Corá e Lagoa Nova, que nesse período oferece um clima serrano diferenciado no Seridó, e as festividades juninas.

Portanto, a cidade apresenta-se como o lugar das construções, das casas, dos prédios, do econômico, mas também o lugar da vida, das relações entre pessoas, das emoções. Encontra-se significado em tudo que se faz porque isso se criou com junto com a história, com a tradição e com os costumes, que continua viva e repassada de geração

para geração através da memória dos seus moradores, isso devido à história dos mesmos está ligada à história de sua cidade (MEDEIROS, 2005). Assim, como cita Beni (2006, p.92) “o turismo estimula os países a proteger suas civilizações e heranças culturais”.

A iniciativa privada, das pequenas cidades pesquisadas, é composta por residentes que apostam no potencial turístico e que anseiam pelo aumento do fluxo turístico na região. Visando avaliar as perspectivas dos empresários do setor privado quanto aos pontos positivo e negativos, buscou-se questioná-los sobre quais os pontos positivo e negativos que a atividade causaria no local. Quando questionados sobre os pontos positivos, que o turismo traria para a cidade, os empresários apontaram: a geração de emprego e renda na cidade (a mais citada), aumento da circulação do capital financeiro, o incentivo ao empreendedorismo, implantação de equipamentos mais estruturados para atender a demanda, melhoria na infraestrutura da cidade e a valorização da cultura da Região Seridó. Quanto aos aspectos negativos, os mais citados foram: o aumento da violência (criminalidade e uso de drogas), o aumento no consumo de água (recurso escasso na região devido à seca predominante na região), a geração de lixo e a poluição, o congestionamento no trânsito e o aumento de vendedores ambulantes e a desvalorização da cultura local, isso ocorreria, segundo os entrevistados, devido ao maior fluxo de pessoas circulando nas cidades.

Dessa forma, empresários apresentaram seu ponto de vista em relação ao desenvolvimento do turismo na região, enaltecendo os aspectos econômicos positivamente e apontando negativamente a violência, que alteraria o cotidiano pacato das pequenas cidades, e, a desvalorização cultural que pode ocorrer devido ao choque de cultura entre residente e visitante.

Foi observado que a relação entre setor público e setor privado, ainda, se dá de forma discreta, eles não atuam de forma conjunta, como deveria ser. Quando questionados no tocante as ações conjuntas com o setor público, apontaram que participam de cursos de capacitação profissional ofertado por meio do SEBRAE/RN e apoiam os eventos por meio de patrocínio. Na perspectiva dos empresários, as dificuldades encontradas para efetuar parcerias seriam: a falta de apoio à iniciativa do órgão público, que deve promover, através das Secretarias de Turismo municipais, reuniões para discutir os assuntos pertinentes ao turismo. Para criação de projetos e investimentos no setor.

Nessa perspectiva de parcerias para o desenvolvimento do turismo, foi questionado sobre as ações do setor público e se os empresários tinham conhecimento dessas ações. Muitas das ações de planejamento do turismo são discutidas nas reuniões realizadas pelo Conselho de Turismo do Polo Seridó que é “composto por representantes dos setores envolvidos com a atividade turística, abrangendo o poder público, o setor privado, a comunidade científica e a sociedade civil.” (REGIMENTO INTERNO DO CONSELHO DE TURISMO DO POLO SERIDÓ, art.6, p. 5). De acordo com a pesquisa de campo constatou-se que 91% dos entrevistados não conhecem e nunca participaram das reuniões realizadas pelo órgão de turismo regional, apontaram que as reuniões não são divulgadas. Ainda, questionou-se aos empresários, das cidades que estão inseridas no projeto Geoparque Seridó (Acari, Carnaúba dos Dantas, Cerro corá e Lagoa Nova), se os mesmos conheciam o projeto, obteve-se o seguinte resultado: 4%, das empresas entrevistadas, participam por meio de patrocínio ao evento anual do Geoparque; 4% conhece o projeto, mas não participa; 26% já ouviram falar, mas não sabem do que se trata; 61% não conhecem.

Observou-se que o setor privado espera que o turismo seja desenvolvido apenas pelo setor público, mas para tanto é necessária uma ação conjunta dos três setores (público, privado e terceiro setor) para que a atividade se desenvolva de forma sustentável.

#### Terceiro setor nas pequenas cidades do Seridó

Não foram encontradas entidades do terceiro setor que atuem de forma efetiva nas sete pequenas cidades citadas. As identificadas são associações, que já atuaram, mas que, atualmente, não desenvolvem nenhuma atividade.

#### Conclusão

O turismo é uma nova perspectiva para economia da região Seridó Potiguar, surgindo como uma nova atividade econômica a ser explorada, isso por que ela capaz de impulsionar a economia, o desenvolvimento socioeconômico e sustentável dos locais onde acontece essa prática. A partir da análise dos resultados apresentados pode-se considerar que o turismo está se desenvolvendo de forma lenta e gradual nas pequenas cidades.

O setor público atua como principal agente provedor do desenvolvimento por meio de ações que visam o crescimento da atividade turística na região. A maior participação do poder público municipal das pequenas cidades, no processo de implantação do turismo, atualmente, se dá por meio de realização de obras de infraestrutura turísticas e não turísticas.

O setor privado, com base nos dados apresentados, está em crescimento, porém enfrentam várias dificuldades, como a seca, a crise econômica, que ocasionam o baixo fluxo turístico na região, dificultando a permanência dessas empresas no mercado. Os empresários do setor reclamam da falta de infraestrutura das cidades, de investimentos no turismo e de apoio do setor público à iniciativa privada.

No tocante ao terceiro setor, a maior dificuldade encontrada foi a ausência de atuação desse eixo que facilitaria a relação da população como setor público e privado. As entidades encontradas identificadas na pesquisa de campo, atualmente, não estão em funcionamento.

São diversos fatores que afetam o crescimento da atividade turística nas pequenas cidades do Seridó. Observou-se que os três setores não estão atuando de forma conjunta para o desenvolvimento do turismo, e isso pode ser um fator que está dificultando o crescimento do turismo na região, planos e projetos devem ser desenvolvidos para que haja esse engajamento dos setores. A inclusão da população na atividade também é um fator ainda a ser trabalhado. Além dessas dificuldades, em desenvolver o turismo, pode-se destacar a o problema causado pela escassez de chuvas na região, que prejudicou os empreendimentos e atrativos turísticos.

A finalidade da pesquisa foi apresentar a situação do desenvolvimento da atividade turística nas pequenas cidades da região do Seridó Potiguar, evidenciando os números do turismo e a atuação das esferas pública, privada e terceiro setor em busca desse desenvolvimento.



Sugere-se que novas pesquisas no setor sejam desenvolvidas para que possam, por meio delas, identificar novas questões que afetam o desenvolvimento do turismo nessa região e gerar possíveis soluções para esses problemas.

r para promover esse desenvolvimento.

## Referências

AMANAJÁS, Roberta; KLUG, Letícia. Direito à cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. In: Marco Aurélio Costa (Org.). A nova agenda urbana e o Brasil: Insumos para a construção e desafios à sua implementação. Brasília: Ipea, 2018. Cap. 2. p. 31-44. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180529\\_a\\_nova\\_agenda\\_urbana\\_e\\_o\\_brasil.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180529_a_nova_agenda_urbana_e_o_brasil.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2018.

ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti & SILVA, Valdenildo Pedro da. Rio Grande do Norte: temáticas contemporâneas da reorganização do território. Natal: Editora CEFET-RN, 2007.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo. Desenvolvimento regional e potencial turístico no Seridó Potiguar. Natal: EDUFRN, 2014.

BARBOSA, Fábila Fonseca. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ ou regional. Caminhos da Geografia – Revista on line, Uberlândia, p.107-114, fev. 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/15380-Texto%20do%20artigo-58156-1-10-20060824%20(2).pdf. Acesso em: 7 ago. 2019.

BENI, Mário Carlos. Análise estrutural do turismo. 11ª ed. rev. e atualiz. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo: diretrizes. Brasília: MTur, 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo. Brasília: MTur, 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. Crescimento do turismo mundial pode chegar a 4% em 2019. Brasília: MTur, 2017.

BRUMES, Karla Rosário. CIDADES: (RE) DEFININDO SEUS PAPÉIS AO LONGO DA HISTÓRIA. Caminhos da Geografia: REVISTA ON LINE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, Uberlândia, v. 2, n. 3, p.47-56, 13 mar. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15260>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. A cidade. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T.; ARAÚJO, A. M. M; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança. Fortaleza: UECE, 2009.

COSTA, Jean Henrique & SOUZA, Michele. (Orgs.). Política de turismo e desenvolvimento: reflexões gerais e experiências locais. Mossoró: Fundação Vingt-Um Rosado, 2010.

FRATUCCI, A. C. (2008), A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo, Niterói-RJ: UFF, 2008, 308 f, Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.FERNANDES. Ivan. Planejamento e organização do turismo: uma abordagem desenvolvimentista com responsabilidade social e ambiental. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos. DIAS; Patricia Chame; SANTOS; Janio org.). – Salvador: SEI, 2012. Disponível em: [http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/sep\\_94.pdf](http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/sep_94.pdf). Acesso em: 1 set. 2019.

HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos. São Paulo: Contexto, 2003.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. TD 1308 - Caracterização da Mão-de-Obra do Mercado Formal de Trabalho do Setor Turismo-Estimativas Baseadas nos Dados da Rais de 2004. Brasília: Ipea, 2007.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. TD 2054 – Fatos recentes do desenvolvimento regional no Brasil. Brasília: Ipea, 2015. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2054.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2054.pdf). Acesso em: 26 ago. de 2019.

LEVEBvre, Henri. O direito à cidade. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MANFIO, Vanessa; BENADUCE, Gilda Maria Cabral. A (re) estruturação urbana e o desenvolvimento local da pequena cidade de Nova Palma/RS<sup>1</sup>. Geomae: Revista de Geografia, meio ambiente e ensino, Campos Mourão, v. 2, n. 4, p.71-82, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/geomae/article/view/144>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

Trentin, Fábila; Fratucci, Aguinaldo César. Política nacional de turismo no Brasil: da municipalização à regionalização. Tourism & Management Studies, vol. 1, pp. 839-848, Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388743867076>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MARCON, Elsa Maria Guerreiro; BARRETTO, Margarita. O turismo como agente de desenvolvimento social e a comunidade Guarani nas ruínas jesuíticas de São Miguel das Missões. In:II seminário de pesquisa em turismo do Mercosul. Anais... Caxias do Sul, 2004.Disponível em: <https://www.ufrn.br/site/midia/arquivos/24-o-turismo-como-agente.pdf>. Acesso em: 24 jul.2019.

- MORAIS, Marcus César Cavalcanti. Terras Potiguaras. Natal: Dinâmica, 1998.
- NUNES, Elias. (et al.). Dinâmica e gestão do território potiguar. Natal: EDUFRN, 2007.
- ROLNIK. Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.) Turismo e desenvolvimento local. 3ª ed, São Paulo: Hucitec, 2002.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. Moradia nas cidades brasileiras. Revista Rosa M. C. Cardoso e Candida Medeiros M. V. Pereira. 3ª ed. São Paulo: contexto, 1990.
- SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K.; (et al.). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- SCÓTOLO, Denise; NETTO, Alexandre Panosso. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. Cultur: Revista de cultura e turismo, Bahia, n. 1, p.36-59, 23 jul. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/issue/view/62>>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO DO RIO GRANDE DO NORTE – SETUR. PRODETUR. Plano de Desenvolvimento do Turismo Sustentável – PDITS, Polo Seridó, 2011.
- SILVA, Anieres Barbosa; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro de. (Org.). Pequenas cidades: uma abordagem geográfica. Natal: Editora da UFRN, 2009.
- SILVA, Geraldo & COCCO, Giuseppe. Territórios produtivos: oportunidades e desafios para o desenvolvimento local. (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A; Brasília-DF: SEBRAE, 2006.
- SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de. Revisando o tema da pequena cidade. In: SILVA, Anieres Barbosa; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro de. (Org.). Pequenas cidades: uma abordagem geográfica. Natal: Editora da UFRN, 2009.
- SPÓSITO. Eliseu Savério. A vida nas cidades. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- TAVEIRA, Marcelo da Silva & CORIOLANO, Luzia Neide. (Orgs.). Políticas, mercado e gestão do turismo no Rio Grande do Norte. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- VALENÇA, Márcio Moraes & GOMES, Rita de Cássia da Conceição. (Orgs.). Globalização & Desigualdade. Natal: A. S. Editores, 2002.
- MEDEIROS, M. S. S. A produção do espaço das pequenas cidades do Seridó Potiguar. 2005. 161f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natal, 2005.

NODARI, Maria Zeneide Ricardi. As contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) Universidade Federal do Paraná, 2007.

NOGUEIRA, Mário G. O papel do turismo no desenvolvimento econômico e social do Brasil. Revista de Administração pública, Rio de Janeiro, p. 37-54, abril/junho. 1987. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/9772/8795>. Acesso em: 7 agosto 2019.

VIEIRA, Rodrigo. Turismo responde por 8,1% do PIB Brasil; veja dados globais. Revista Parontas, 2019. Economia e política. Disponível em: [https://www.panrotas.com.br/mercado/economia-e-politica/2019/03/turismo-responde-por-81-do-pib-brasil-veja-dados-globais\\_162774.html](https://www.panrotas.com.br/mercado/economia-e-politica/2019/03/turismo-responde-por-81-do-pib-brasil-veja-dados-globais_162774.html). Acesso em: 20 jun. 2019.

World Tourism Organization (2018), UNWTO Annual Report 2017, UNWTO, Madrid, DOI:<https://doi.org/10.18111/9789284419807>

World Tourism Organization (2016), UNWTO Annual Report 2015, UNWTO, Madrid, DOI: <https://doi.org/10.18111/9789284418039>

## Anexos

Empregos formais no turismo nas pequenas cidades (2016-2019)

Gráfico 1. Número de empresas privadas no setor do turismo nas pequenas cidades - 2010

Gráfico 2. Número de empresas no setor do turismo nas pequenas cidades - 2019

Gráfico 4. Perfil dos clientes dos empreendimentos do setor turístico

Gráfico 5. Meses de maior fluxo turístico

Quadro 2 - Ações e investimentos do setor público - parte 1

Quadro 2 - Ações e investimentos do setor público - parte 2

Mapa 1. Recorte da pesquisa

Tabela 1. Número de empregos e ocupações no turismo no Brasil.

Quadro 1. Número de funcionários nos órgãos de turismo municipais

CÓDIGO: HS1232

AUTOR: ANA CLAUDIA AQUINO GERMANO

COAUTOR: JODINALDO ALEXANDRE DA SILVA

COAUTOR: LEVI DE ARAUJO SILVA

ORIENTADOR: MARCELO DA SILVA TAVEIRA

## TÍTULO: TURISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL EM PEQUENAS CIDADES DO SERIDÓ POTIGUAR

### Resumo

A pesquisa objetiva analisar os aspectos relacionados ao turismo e desenvolvimento regional nas pequenas cidades do Seridó Potiguar que compõem o mapa brasileiro de turismo (2017-2019) e integram o Conselho de Turismo do Polo Seridó (instância de governança regional do ano anteriormente citado). Para tanto, foi realizada pesquisa documental, por meio de consulta a textos oficiais dos governos Federal, Estadual e Municipais como relatórios técnicos, programas, projetos e ações institucionais relacionados ao desenvolvimento do turismo, além de pesquisas já realizadas sobre a Política Nacional de Turismo e ao Programa de Regionalização do Turismo, além da literatura específica do turismo (pesquisa bibliográfica) para interpretar a base empírica da pesquisa. Ainda, foram realizadas visitas in loco para observação e coleta de dados para análises e interpretação das realidades contempladas no estudo. O estudo busca elucidar questões pertinentes à natureza e ao conteúdo do desenvolvimento regional da região em análise, os efeitos pragmáticos das políticas adotadas, o direcionamento e emprego dos recursos públicos e as implicações do turismo no contexto regional. Constatou-se que o turismo está se desenvolvendo de forma lenta e gradual, haja vista as dificuldades encontradas, como por exemplo, a ausência de planejamento associada entre o poder público, a iniciativa privada e comunidade local.

Palavras-chave: Turismo. Desenvolvimento regional. Pequenas cidades. Seridó Potiguar.

TITLE: TOURISM AND REGIONAL DEVELOPMENT IN SMALL CITIES OF SERIDÓ POTIGUAR.

### Abstract

The research aims to analyze the aspects related to tourism and regional development in the small cities of Seridó Potiguar that make up the Brazilian tourism map (2017-2019) and integrate the Tourism Council of the Polo Seridó (regional governance instance of the year mentioned above). To this end, a documentary research was conducted, through consultation with official texts of the Federal, State and Municipal governments, such as technical reports, programs, projects and institutional actions related to tourism development, as well as research already carried out on the National Tourism Policy. to the Tourism Regionalization Program, in addition to the tourism specific literature (bibliographic research) to interpret the empirical basis of the research. Still, on-site visits were made to observe and collect data for analysis and interpretation of the realities contemplated in the study. The study seeks to elucidate questions pertinent to the nature

and content of the regional development of the region under analysis, the pragmatic effects of the policies adopted, the direction and use of public resources and the implications of tourism in the regional context. It was found that tourism is developing slowly and gradually, given the difficulties encountered, such as the absence of associated planning between the government, the private sector and the local community.

Keywords: Tourism. Regional development. Small cities. Seridó Potiguar.

### Introdução

De acordo com o Ministério do turismo (2019), baseado em dados da Organização Mundial do Turismo (2019), o Turismo é um setor que está em constante progresso no cenário mundial, apontou que em 2018 obteve-se “o segundo melhor resultado dos últimos 10 anos, atingindo a marca de 1,4 bilhão de chegadas internacionais no mundo todo, um aumento de 6% sobre 2017”. Ainda, o turismo mundial tem previsão de crescimento entre 3% e 4% em 2019. No Brasil, segundo a Revista Parontas (2019), o turismo responde por 8,1% do PIB nacional e por 7,5% da geração dos empregos no País. Desse modo, a indústria do turismo torna-se cada vez maior, se expandindo cada vez mais e buscando novos ares para se desenvolver.

Com vistas para o desenvolvimento do turismo no Brasil, O Ministério do Turismo, no âmbito do Programa de Regionalização do Turismo, buscando expansão, desenvolvimento e descentralização da atividade turística, definiu por meio do Mapa Brasileiro de Turismo, áreas prioritárias (polos) para atuação de políticas públicas do setor, buscando agir de forma mais efetiva nessas regiões com potencial a ser desenvolvido. Os polos de turismo são delimitados por terem características similares e/ou complementares e aspectos que os identifiquem enquanto região, ou seja, que tenham uma identidade histórica, cultural, econômica e/ou geográfica em comum (MTUR, 2019). Por meio da regionalização, busca-se descentralizar o turismo de sol e mar, predominante no Nordeste, e, assim desenvolver esses polos regionais turisticamente, e, por consequência, economicamente, levando o desenvolvimento do setor para as áreas interioranas dos estados. O mapa do Turismo Brasileiro, atualmente, é composto por cinco polos: Costa Branca, Costa das Dunas, Serrano, Agreste-Trairí e Seridó.

O Polo Seridó encontra-se localizado na Região Seridó Potiguar, interior do Estado do Rio Grande do Norte. A Região Seridó insere-se na história da colonização do Brasil a partir dos movimentos lentos e graduais de deslocamento de famílias proprietárias de terras que não possuíam espaço social ou econômico no litoral nordestino, dominado pelo latifúndio canavieiro, desde a Bahia até o Ceará. A civilização do criatório (gado) ou do couro não possuía espaço no litoral devido à extrema necessidade de terras úmidas do modelo plantation: vastas glebas, acesso à água doce e trabalho escravo intensivo (PDITS SERIDÓ, 2011). Além da pecuária, a região teve como base de desenvolvimento econômico a cotonicultura e a mineração. Essas atividades econômicas desenharam os traços da identidade histórica, cultural, econômica e geográfica da Região do Seridó Potiguar. Vale salientar que essas atividades entraram em declínio quase no mesmo período, aproximadamente, em meados da segunda metade do século XX. Junto com a decadência dessas atividades econômicas a organização socioespacial seridoense entrou em colapso. Com vista nisso, fez-se necessário iniciar um processo de reestruturação do espaço regional (AZEVEDO, 2014, p. 27).

O Turismo surge, atualmente, como uma nova forma de desenvolvimento econômico

para as pequenas cidades do Seridó Potiguar. Segundo Beni (2006, p.67) “o turismo promove o desenvolvimento intersetorial, em função do efeito multiplicador dos investimentos e dos acréscimos da demanda interna e receptiva. É um elemento importante para o planejamento regional ou territorial”. O turismo, além de ser gerador de renda, também busca proporcionar um processo de crescimento econômico de forma sustentável, com respeito ao meio ambiente e a conservação dos valores culturais das populações nativas das regiões turísticas (NODARI, 2007 p. 15). Ele pode ser uma ferramenta de planejamento para o desenvolvimento e o crescimento das pequenas cidades. Com vista nisso, a pesquisa busca avaliar o desenvolvimento do turismo nas pequenas cidades do Seridó Potiguar.

## Metodologia

A metodologia empregada na elaboração desta pesquisa foi uma análise de forma qualitativa e quantitativa dos dados coletados sobre os indicadores de desenvolvimento socioeconômico e seus impactos na qualidade de vida das populações residentes nas pequenas cidades, e, conseqüentemente no setor turístico regional. Na primeira fase da pesquisa foi realizado um levantamento preliminar de referências bibliográficas sobre o objeto estudado para o embasamento dos pesquisadores e do trabalho em si. Porém, a pesquisa também se baseia no caráter empírico por meio de observações realizadas in loco e por meio de contato direto com a população de cada cidade. Buscando assim, evidenciar a realidade de cada cidade com maior confiabilidade dos dados gerados.

No tocante a pesquisa documental, foram realizadas consultas a textos oficiais dos governos Federal, Estadual e Municipais como relatórios técnicos, programas, projetos e ações institucionais relacionados ao desenvolvimento do turismo no Polo Seridó, documentos elaborados por instituições de pesquisa e ensino. Na segunda fase foram realizadas pesquisas in loco nas pequenas cidades, com até 20.000 habitantes. Estas fazem parte do Polo de Turismo Seridó (2017-2019), região que compõe o mapa brasileiro de turismo (do mesmo período anteriormente citado).

A região turística do Seridó é composta por dez municípios, mas a pesquisa aborda apenas as pequenas cidades, seguindo o critério do IBGE (2010) que define pequena cidade pelo número inferior a 20.000 habitantes. A partir desse recorte, temos as seguintes cidades: Acari (11.035 habitantes), Carnaúba dos Dantas (7.429 habitantes), Cerro Corá (10.916 habitantes), Florânia (8.959 habitantes), Jucurutu (17.692 habitantes), Lagoa Nova (13.983 habitantes), e Serra Negra do Norte (7.770), (Mapa 1).

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários semiestruturados e específicos para cada setor. Os mesmos foram aplicados com os gestores públicos de diferentes secretarias, com a iniciativa privada e com representantes do terceiro setor de cada município.

Em seguida, foram realizadas a tabulação e análise dos dados coletados com base em diferentes abordagens para melhor projetar os resultados da investigação e analisar os fenômenos complexos da sociedade e da realidade em estudo. A interpretação dos resultados foi alicerçada nos métodos estatístico e comparativo, que subsidiaram o tratamento adequado dos dados a partir de análises de natureza quali quanti para melhor compreensão do objeto em estudo.



Diante dos cenários teórico e empírico, os quais alicerçam essa pesquisa, tais metodologias têm por finalidade assegurar o tratamento adequado das informações oriundas de pesquisas de campo e investigações documentais, bem como, permitir que os conteúdos dessas informações elucidem questões para análises mais aprofundadas e contextualizadas da realidade pesquisada, e dos discursos narrados pelos diversos atores sociais que participarão ativamente da construção do processo investigativo.

## Resultados e Discussões

### Setor público

O setor público atua como principal agente provedor do desenvolvimento por meio de ações que visam o crescimento da atividade turística na região. O planejamento e as ações são debatidos e definidos nas reuniões itinerantes promovidas pelo Conselho Regional do Polo de Turismo do Seridó.

As secretárias de turismo municipais, das pequenas cidades do Seridó, estão juntas, geralmente, com a pasta de esporte, lazer e desenvolvimento econômico e as equipes de trabalho também contam com poucos funcionários (quadro 1). Desses, apenas a secretaria de Lagoa Nova possui funcionário com formação acadêmica na área do turismo. São essas pequenas equipes que realizam as ações do setor público municipal no setor do turismo.

Como resultados de pesquisa de campo e portal da transparência de cada cidade, sobre as ações que o setor público de turismo realiza para desenvolver atividade, obtemos o seguinte resultado (quadro 2):

Dos municípios pesquisados todos possuem inventário da oferta turística. Esse levantamento foi realizado por meio de parceria entre órgão público municipal de turismo e os cursos de turismo da UFRN (Universidade Federal do Rio Norte) e da UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte).

Partir dos resultados obtidos observa-se que a maior parte dos investimentos no setor turístico é a realização de obras de infraestrutura turística. Seja por meio de revitalização de obras antigas, construção de novos espaços (praça de eventos, por exemplo), construção de infraestrutura turística específica nos atrativos dentre outras, assim desenvolvem a cidade construindo novos espaços e ajudando a desenvolver a qualidade dos equipamentos turísticos.

O fomento aos eventos também são ações expressivas tendo em vista que a região tem forte potencial em turismo de eventos, atualmente, pelo viés histórico-cultural da região, se destacam os eventos religiosos, que reúnem cerimônias religiosas e festa social. Também se destacam os festivais de inverno nas cidades de Cerro Corá e Lagoa Nova, eventos juninos, motofests, dentre outros.

Os investimentos também são aplicados à inserção dos municípios ao projeto Geoparque Seridó, que se desenvolve na região, graças as riquezas arqueológicas presentes na região. Pode-se citar ainda, investimentos em cursos de capacitação e de qualidade no atendimento ao turista visando à melhoria dos serviços.

O setor público apresentou como maior dificuldade de implementação do turismo na região a falta de participação do setor privado. Apontaram que a secretaria de turismo oferece cursos de capacitação, mas que não tem o engajamento esperado. Ainda, ressaltam a falta de apoio do setor privado em relação à implantação de ações. Os secretários citam que o setor privado espera que o setor público faça tudo sozinho. Em contrapartida, o setor privado diz que não recebe apoio do órgão público municipal de turismo e reclamam da falta de investimentos no setor turístico.

### Setor privado

O turismo, em sua atuação, articula os três setores da economia, movimenta o capital, gera emprego e renda e, por conseguinte, desenvolvimento. Devido a essa multidisciplinaridade de atividades associadas ao turismo, mensurar os números referentes ao setor se torna mais complicado. Segundo o (IPEA, 2015, p.46) “O grande desafio na produção de dados sobre a economia do turismo é que, diferentemente de outros setores da economia, nem toda a produção gerada nas atividades características do turismo [...] está associada ao turismo”.

Para contextualizar a situação do setor privado das pequenas cidades do Seridó se faz necessário abordar o contexto do setor no país e da região Nordeste, onde as mesmas estão inseridas. Em 2017, nota-se que houve aumento de empregos e ocupações no setor do turismo no Brasil, esse crescimento foi equivalente a 190 mil novos empregos entre os anos de 2013 a 2017. Ainda, percebe-se que ao contrário de 2013, em 2017, têm-se um maior número de empregos informais do que formal (tabela1).

Nos gráficos 1 e 2, se evidencia a predominância de equipamentos gastronômicos na região, e, logo em seguida o setor de hospedagem e as empresas que atuam no setor de eventos. Ainda, pode-se observar a presença de agências de viagens e de transportes que auxiliam no fluxo turístico das cidades. Nesse comparativo, observa-se que a ocorreu um aumento nos equipamentos de A&B na cidade de Jucurutu, e, em contrapartida, houve uma queda destes na cidade de Acari. São muitos fatores que afetam o desenvolvimento econômico e do turismo nas pequenas cidades.

Com maior impacto sofrido na atividade, dentre as cidades estudadas, destaca-se Acari, afetada pela escassez de chuvas que assola a região desde 2011. A região Seridó é integrante de uma área natural comum aos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, submetida constantemente a períodos de forte estiagem e calor intenso, típica do semiárido. As secas marcaram fortemente a geografia do lugar, assim como sua população e modo de vida (PDITS SERIDÓ, 2011).

A queda no setor de alimentos e bebidas e de meios de hospedagem deu-se devido à escassez de água que prejudicou seu principal atrativo turístico, o açude Gargalheiras. Além de ser um atrativo que tinha fluxo todo final de semana, ele também era fonte de renda para a comunidade pesqueira que lá reside. Afetando assim, o fluxo turístico, a gastronomia baseada no pescado e, conseqüentemente, a economia da iniciativa privada que não consegue manter os empreendimentos do setor funcionando, desse modo, muitos fecharam por falta de recursos, o que prejudica o desenvolvimento econômico da cidade. Nas outras pequenas cidades estudadas, a ausência de fluxo turístico faz com que muitas empresas do setor acabem fechando.

Com base em análise dos gráficos 1 e 2 nota-se que, mesmo com vários problemas como a seca e a crise econômica, os números tiveram um crescimento em relação ao

ano de 2010 (gráfico 1). A relação entre turismo e iniciativa privada implica no aspecto econômico, na geração de emprego e renda para os residentes dessas pequenas cidades. O setor, anteriormente apresentado, gera, atualmente, 1.062 empregos formais (gráfico 3). No tocante ao tipo de cliente atendido pelas empresas, obteve-se o seguinte resultado (gráfico 4). A maioria dos clientes é composta pela população residente, esse número tem destaque devido à grande quantidade de empreendimentos de alimentos e bebidas que é utilizado pela população, principalmente, para almoçar. Os 33% dos clientes é composto por comerciantes que vem a trabalho, alguns pernoitam e outros não. Os turistas representam 32% dos clientes, isso levando em conta o turismo pedagógico, o período de maior fluxo nas pequenas cidades que acontece na temporada de eventos, de cada uma, e no fim de ano devido às férias (gráfico 5).

Os meses de maior fluxo identificado são os de fim de ano, em razão do período de férias. Além, de ser o período de realização de vários eventos nas cidades. Muitos dos eventos são relativos à festa dos santos padroeiros de cada cidade, são eventos que já são consolidados e que atraem turistas de vários locais, neles reúnem conteúdo de fé, devoção e entretenimento. Esses eventos mexem com o cotidiano das pequenas cidades, movimentando a economia e ressaltando os traços culturais e tradições da região, como aponta Dias & Santos (2012, p.40):

A Festa dos Santos Padroeiros é uma tradição comum a todas essas cidades. Constitui um marco na cultura desses povos, na medida em que, a cada ano, se renova, não apenas por questão de tradição, mas pela magnitude econômica que alcança. Registra-se, nos meses que antecedem à festa, outra dinâmica na cidade, envolvendo o comércio, principalmente, de roupas e calçados, tendo em vista o costume do uso de roupas novas que ainda se preserva nessas pequenas cidades durante esse período. Os moradores procuram pintar as fachadas das suas casas e estabelecimentos comerciais, dando uma nova fisionomia à cidade. Nas ruas, onde a festa social acontece, são instalados parques de diversões, ternos esportivos, barracas de tiro ao alvo, de bijuterias e brinquedos, uma grande variedade de trailers e lanches, bares etc. Segundo os comerciantes, é uma época em que todos procuram abastecer suas lojas com produtos variados – tecidos, aviamentos para costuras, roupas e calçados –, tendo em vista a procura mais intensa por tais produtos. O período posterior é considerado por eles como “parado”, em que se passa a esperar, apenas, pelos pagamentos advindos das vendas a crediário. É grande o número de pessoas que participa das festas e que procede das cidades vizinhas, pela atração, não apenas da religiosidade, mas também pelo lado profano da festa, tais como bailes e shows que são realizados durante o período.

Ainda, podem-se destacar os festivais de inverno, realizados em Cerro Corá e Lagoa Nova, que nesse período oferece um clima serrano diferenciado no Seridó, e as festividades juninas.

Portanto, a cidade apresenta-se como o lugar das construções, das casas, dos prédios, do econômico, mas também o lugar da vida, das relações entre pessoas, das emoções. Encontra-se significado em tudo que se faz porque isso se criou com junto com a história, com a tradição e com os costumes, que continua viva e repassada de geração para geração através da memória dos seus moradores, isso devido à história dos mesmos está ligada à história de sua cidade (MEDEIROS, 2005). Assim, como cita Beni (2006, p.92) “o turismo estimula os países a proteger suas civilizações e heranças culturais”.

A iniciativa privada, das pequenas cidades pesquisadas, é composta por residentes que apostam no potencial turístico e que anseiam pelo aumento do fluxo turístico na região. Visando avaliar as perspectivas dos empresários do setor privado quanto aos pontos positivo e negativos, buscou-se questioná-los sobre quais os pontos positivo e negativos que a atividade causaria no local. Quando questionados sobre os pontos positivos, que o turismo traria para a cidade, os empresários apontaram: a geração de emprego e renda na cidade (a mais citada), aumento da circulação do capital financeiro, o incentivo ao empreendedorismo, implantação de equipamentos mais estruturados para atender a demanda, melhoria na infraestrutura da cidade e a valorização da cultura da Região Seridó. Quanto aos aspectos negativos, os mais citados foram: o aumento da violência (criminalidade e uso de drogas), o aumento no consumo de água (recurso escasso na região devido à seca predominante na região), a geração de lixo e a poluição, o congestionamento no trânsito e o aumento de vendedores ambulantes e a desvalorização da cultura local, isso ocorreria, segundo os entrevistados, devido ao maior fluxo de pessoas circulando nas cidades.

Dessa forma, empresários apresentaram seu ponto de vista em relação ao desenvolvimento do turismo na região, enaltecendo os aspectos econômicos positivamente e apontando negativamente a violência, que alteraria o cotidiano pacato das pequenas cidades, e, a desvalorização cultural que pode ocorrer devido ao choque de cultura entre residente e visitante.

Foi observado que a relação entre setor público e setor privado, ainda, se dá de forma discreta, eles não atuam de forma conjunta, como deveria ser. Quando questionados no tocante as ações conjuntas com o setor público, apontaram que participam de cursos de capacitação profissional ofertado por meio do SEBRAE/RN e apoiam os eventos por meio de patrocínio. Na perspectiva dos empresários, as dificuldades encontradas para efetuar parcerias seriam: a falta de apoio à iniciativa do órgão público, que deve promover, através das Secretarias de Turismo municipais, reuniões para discutir os assuntos pertinentes ao turismo. Para criação de projetos e investimentos no setor.

Nessa perspectiva de parcerias para o desenvolvimento do turismo, foi questionado sobre as ações do setor público e se os empresários tinham conhecimento dessas ações. Muitas das ações de planejamento do turismo são discutidas nas reuniões realizadas pelo Conselho de Turismo do Polo Seridó que é “composto por representantes dos setores envolvidos com a atividade turística, abrangendo o poder público, o setor privado, a comunidade científica e a sociedade civil.” (REGIMENTO INTERNO DO CONSELHO DE TURISMO DO POLO SERIDÓ, art.6, p. 5). De acordo com a pesquisa de campo constatou-se que 91% dos entrevistados não conhecem e nunca participaram das reuniões realizadas pelo órgão de turismo regional, apontaram que as reuniões não são divulgadas. Ainda, questionou-se aos empresários, das cidades que estão inseridas no projeto Geoparque Seridó (Acari, Carnaúba dos Dantas, Cerro corá e Lagoa Nova), se os mesmos conheciam o projeto, obteve-se o seguinte resultado: 4%, das empresas entrevistadas, participam por meio de patrocínio ao evento anual do Geoparque; 4% conhece o projeto, mas não participa; 26% já ouviram falar, mas não sabem do que se trata; 61% não conhecem.

Observou-se que o setor privado espera que o turismo seja desenvolvido apenas pelo setor público, mas para tanto é necessária uma ação conjunta dos três setores (público, privado e terceiro setor) para que a atividade se desenvolva de forma sustentável.

Terceiro setor nas pequenas cidades do Seridó

Não foram encontradas entidades do terceiro setor que atuem de forma efetiva nas sete pequenas cidades citadas. As identificadas são associações, que já atuaram, mas que, atualmente, não desenvolvem nenhuma atividade.

## Conclusão

O turismo é uma nova perspectiva para economia da região Seridó Potiguar, surgindo como uma nova atividade econômica a ser explorada, isso por que ela capaz de impulsionar a economia, o desenvolvimento socioeconômico e sustentável dos locais onde acontece essa prática. A partir da análise dos resultados apresentados pode-se considerar que o turismo está se desenvolvendo de forma lenta e gradual nas pequenas cidades.

O setor público atua como principal agente provedor do desenvolvimento por meio de ações que visam o crescimento da atividade turística na região. A maior participação do poder público municipal das pequenas cidades, no processo de implantação do turismo, atualmente, se dá por meio de realização de obras de infraestrutura turísticas e não turísticas.

O setor privado, com base nos dados apresentados, está em crescimento, porém enfrentam várias dificuldades, como a seca, a crise econômica, que ocasionam o baixo fluxo turístico na região, dificultando a permanência dessas empresas no mercado. Os empresários do setor reclamam da falta de infraestrutura das cidades, de investimentos no turismo e de apoio do setor público à iniciativa privada.

No tocante ao terceiro setor, a maior dificuldade encontrada foi a ausência de atuação desse eixo que facilitaria a relação da população como setor público e privado. As entidades encontradas identificadas na pesquisa de campo, atualmente, não estão em funcionamento.

São diversos fatores que afetam o crescimento da atividade turística nas pequenas cidades do Seridó. Observou-se que os três setores não estão atuando de forma conjunta para o desenvolvimento do turismo, e isso pode ser um fator que está dificultando o crescimento do turismo na região, planos e projetos devem ser desenvolvidos para que haja esse engajamento dos setores. A inclusão da população na atividade também é um fator ainda a ser trabalhado. Além dessas dificuldades, em desenvolver o turismo, pode-se destacar a o problema causado pela escassez de chuvas na região, que prejudicou os empreendimento e atrativos turísticos.

A finalidade da pesquisa foi apresentar a situação do desenvolvimento da atividade turística nas pequenas cidades da região do Seridó Potiguar, evidenciando os números do turismo e a atuação das esferas pública, privada e terceiro setor em busca desse desenvolvimento.

Sugere-se que novas pesquisas no setor sejam desenvolvidas para que possam, por meio delas, identificar novas questões que afetam o desenvolvimento do turismo nessa região e gerar possíveis soluções para esses problemas.

## Referências

AMANAJÁS, Roberta; KLUG, Letícia. Direito à cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. In: Marco Aurélio Costa (Org.). A nova agenda urbana e o Brasil: Insumos para a construção e desafios à sua implementação. Brasília: Ipea, 2018. Cap. 2. p. 31-44. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180529\\_a\\_nova\\_agenda\\_urbana\\_e\\_o\\_brasil.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180529_a_nova_agenda_urbana_e_o_brasil.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2018.

ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti & SILVA, Valdenildo Pedro da. Rio Grande do Norte: temáticas contemporâneas da reorganização do território. Natal: Editora CEFET-RN, 2007.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo. Desenvolvimento regional e potencial turístico no Seridó Potiguar. Natal: EDUFRN, 2014.

BARBOSA, Fábila Fonseca. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ ou regional. Caminhos da Geografia – Revista on line, Uberlândia, p.107-114, fev. 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/15380-Texto%20do%20artigo-58156-1-10-20060824%20(2).pdf. Acesso em: 7 ago. 2019.

BENI, Mário Carlos. Análise estrutural do turismo. 11<sup>a</sup> ed. rev. e atualiz. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo: diretrizes. Brasília: MTur, 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo. Brasília: MTur, 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. Crescimento do turismo mundial pode chegar a 4% em 2019. Brasília: MTur, 2017.

BRUMES, Karla Rosário. CIDADES: (RE) DEFININDO SEUS PAPÉIS AO LONGO DA HISTÓRIA. Caminhos da Geografia: REVISTA ON LINE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, Uberlândia, v. 2, n. 3, p.47-56, 13 mar. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15260>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. A cidade. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T.; ARAÚJO, A. M. M; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança. Fortaleza: UECE, 2009.

COSTA, Jean Henrique & SOUZA, Michele. (Orgs.). Política de turismo e desenvolvimento: reflexões gerais e experiências locais. Mossoró: Fundação Vingt-Um Rosado, 2010.

FRATUCCI, A. C. (2008), A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo, Niterói-RJ: UFF, 2008, 308 f, Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.FERNANDES. Ivan. Planejamento e organização do turismo: uma abordagem desenvolvimentista com responsabilidade social e ambiental. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos. DIAS; Patricia Chame; SANTOS; Janio org.). – Salvador: SEI, 2012. Disponível em: [http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/sep\\_94.pdf](http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/sep_94.pdf). Acesso em: 1 set. 2019.

HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos. São Paulo: Contexto, 2003.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. TD 1308 - Caracterização da Mão-de-Obra do Mercado Formal de Trabalho do Setor Turismo- Estimativas Baseadas nos Dados da Rais de 2004. Brasília: Ipea, 2007.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. TD 2054 – Fatos recentes do desenvolvimento regional no Brasil. Brasília: Ipea, 2015. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2054.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2054.pdf). Acesso em: 26 ago. de 2019.

LEVEBVRE, Henri. O direito à cidade. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MANFIO, Vanessa; BENADUCE, Gilda Maria Cabral. A (re) estruturação urbana e o desenvolvimento local da pequena cidade de Nova Palma/RS<sup>1</sup>. Geomae: Revista de Geografia, meio ambiente e ensino, Campos Mourão, v. 2, n. 4, p.71-82, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/geomae/article/view/144>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

Trentin, Fábila; Fratucci, Aguinaldo César. Política nacional de turismo no Brasil: da municipalização à regionalização. Tourism & Management Studies, vol. 1, pp. 839-848, Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388743867076>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MARCON, Elsa Maria Guerreiro; BARRETTO, Margarita. O turismo como agente de desenvolvimento social e a comunidade Guarani nas ruínas jesuíticas de São Miguel das missões. In:II seminário de pesquisa em turismo do Mercosul. Anais... Caxias do Sul, 2004.Disponível em: <https://www.ufrn.br/site/midia/arquivos/24-o-turismo-como-agente.pdf>. Acesso em: 24 jul.2019.

MORAIS, Marcus César Cavalcanti. Terras Potiguares. Natal: Dinâmica, 1998.

NUNES, Elias. (et al.). Dinâmica e gestão do território potiguar. Natal: EDUFRN, 2007.

ROLNIK. Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.) Turismo e desenvolvimento local. 3ª ed, São Paulo: Hucitec, 2002.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Moradia nas cidades brasileiras. Revista Rosa M. C. Cardoso e Candida Medeiros M. V. Pereira. 3ª ed. São Paulo: contexto, 1990.

SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K.; (et al.). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SCÓTOLO, Denise; NETTO, Alexandre Panosso. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. Cultur: Revista de cultura e turismo, Bahia, n. 1, p.36-59, 23 jul. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/issue/view/62>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO DO RIO GRANDE DO NORTE – SETUR. PRODETUR. Plano de Desenvolvimento do Turismo Sustentável – PDITS, Polo Seridó, 2011.

SILVA, Anieres Barbosa; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro de. (Org). Pequenas cidades: uma abordagem geográfica. Natal: Editora da UFRN, 2009.

SILVA, Geraldo & COCCO, Giuseppe. Territórios produtivos: oportunidades e desafios para o desenvolvimento local. (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A; Brasília-DF: SEBRAE, 2006.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de. Revisando o tema da pequena cidade. In: SILVA, Anieres Barbosa; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro de. (Org.). Pequenas cidades: uma abordagem geográfica. Natal: Editora da UFRN, 2009.

SPÓSITO. Eliseu Savério. A vida nas cidades. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TAVEIRA, Marcelo da Silva & CORIOLANO, Luzia Neide. (Orgs.). Políticas, mercado e gestão do turismo no Rio Grande do Norte. Jundiá: Paco Editorial, 2015.

VALENÇA, Márcio Moraes & GOMES, Rita de Cássia da Conceição. (Orgs.). Globalização & Desigualdade. Natal: A. S. Editores, 2002.

MEDEIROS, M. S. S. A produção do espaço das pequenas cidades do Seridó Potiguar. 2005. 161f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natal, 2005.

NODARI, Maria Zeneide Ricardi. As contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) Universidade Federal do Paraná, 2007.

NOGUEIRA, Mário G. O papel do turismo no desenvolvimento econômico e social do Brasil. Revista de Administração pública, Rio de Janeiro, p. 37-54, abril/junho. 1987. Disponível em:



<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/9772/8795>. Acesso em: 7 agosto 2019.

VIEIRA, Rodrigo. Turismo responde por 8,1% do PIB Brasil; veja dados globais. Revista Parontas, 2019. Economia e política. Disponível em: [https://www.panrotas.com.br/mercado/economia-e-politica/2019/03/turismo-responde-por-81-do-pib-brasil-veja-dados-globais\\_162774.html](https://www.panrotas.com.br/mercado/economia-e-politica/2019/03/turismo-responde-por-81-do-pib-brasil-veja-dados-globais_162774.html). Acesso em: 20 jun. 2019.

World Tourism Organization (2018), UNWTO Annual Report 2017, UNWTO, Madrid, DOI:<https://doi.org/10.18111/9789284419807>

World Tourism Organization (2016), UNWTO Annual Report 2015, UNWTO, Madrid, DOI: <https://doi.org/10.18111/9789284418039>

Anexos

Gráfico 1- número de empresas no setor privados das pequenas cidades - 2010

Quadro 2 -Ações e investimentos do setor público municipal de turismo

Gráfico 3 - Empregos formais no turismo nas pequenas cidades (2016-2019)

Gráfico 4. Perfil dos clientes dos empreendimentos do setor turístico

Gráfico 5. Meses de maior fluxo turístico

Quadro 1. Número de funcionários nos órgãos de turismo municipais

Quadro 2 -Ações e investimentos do setor público municipal de turismo

Quadro 2 -Ações e investimentos do setor público municipal de turismo

Tabela 1. Número de empregos e ocupações no turismo no Brasil.

Mapa 1. Recorte da pesquisa

CÓDIGO: HS1462

AUTOR: LEVI DE ARAUJO SILVA

ORIENTADOR: MARCELO DA SILVA TAVEIRA

TÍTULO: PEQUENAS CIDADES E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Resumo

A pesquisa objetiva analisar os aspectos relacionados ao turismo e desenvolvimento regional nas pequenas cidades do Seridó Potiguar que compõem o mapa brasileiro de turismo (2017-2019) e integram o Conselho de Turismo do Polo Seridó (instância de governança regional do ano anteriormente citado). Para tanto, foi realizada pesquisa documental, por meio de consulta a textos oficiais dos governos Federal, Estadual e Municipais como relatórios técnicos, programas, projetos e ações institucionais relacionados ao desenvolvimento do turismo, além de pesquisas já realizadas sobre a Política Nacional de Turismo e ao Programa de Regionalização do Turismo, além da literatura específica do turismo (pesquisa bibliográfica) para interpretar a base empírica da pesquisa. Ainda, foram realizadas visitas in loco para observação e coleta de dados para análises e interpretação das realidades contempladas no estudo. O estudo busca elucidar questões pertinentes à natureza e ao conteúdo do desenvolvimento regional da região em análise, os efeitos pragmáticos das políticas adotadas, o direcionamento e emprego dos recursos públicos e as implicações do turismo no contexto regional. Constatou-se que o turismo está se desenvolvendo de forma lenta e gradual, haja vista as dificuldades encontradas, como por exemplo, a ausência de planejamento associada entre o poder público, a iniciativa privada e comunidade local.

Palavras-chave: Turismo. Desenvolvimento regional. Pequenas cidades. Seridó Potiguar.

TITLE: SMALL CITIES AND REGIONAL DEVELOPMENT

Abstract

The research aims to analyze the aspects related to tourism and regional development in the small cities of Seridó Potiguar that make up the Brazilian tourism map (2017-2019) and integrate the Tourism Council of the Polo Seridó (regional governance instance of the year mentioned above). To this end, a documentary research was conducted, through consultation with official texts of the Federal, State and Municipal governments, such as technical reports, programs, projects and institutional actions related to tourism development, as well as research already carried out on the National Tourism Policy. to the Tourism Regionalization Program, in addition to the tourism specific literature (bibliographic research) to interpret the empirical basis of the research. Still, on-site visits

were made to observe and collect data for analysis and interpretation of the realities contemplated in the study. The study seeks to elucidate questions pertinent to the nature and content of the regional development of the region under analysis, the pragmatic effects of the policies adopted, the direction and use of public resources and the implications of tourism in the regional context. It was found that tourism is developing slowly and gradually, given the difficulties encountered, such as the absence of associated planning between the government, the private sector and the local community.

Keywords: Tourism. Regional development. Small cities. Seridó Potiguar.

## Introdução

De acordo com o Ministério do turismo (2019), baseado em dados da Organização Mundial do Turismo (2019), o Turismo é um setor que está em constante progresso no cenário mundial, apontou que em 2018 obteve-se “o segundo melhor resultado dos últimos 10 anos, atingindo a marca de 1,4 bilhão de chegadas internacionais no mundo todo, um aumento de 6% sobre 2017”. Ainda, o turismo mundial tem previsão de crescimento entre 3% e 4% em 2019. No Brasil, segundo a Revista Parontas (2019), o turismo responde por 8,1% do PIB nacional e por 7,5% da geração dos empregos no País. Desse modo, a indústria do turismo torna-se cada vez maior, se expandindo cada vez mais e buscando novos ares para se desenvolver.

Com vistas para o desenvolvimento do turismo no Brasil, O Ministério do Turismo, no âmbito do Programa de Regionalização do Turismo, buscando expansão, desenvolvimento e descentralização da atividade turística, definiu por meio do Mapa Brasileiro de Turismo, áreas prioritárias (polos) para atuação de políticas públicas do setor, buscando agir de forma mais efetiva nessas regiões com potencial a ser desenvolvido. Os polos de turismo são delimitados por terem características similares e/ou complementares e aspectos que os identifiquem enquanto região, ou seja, que tenham uma identidade histórica, cultural, econômica e/ou geográfica em comum (MTUR, 2019). Por meio da regionalização, busca-se descentralizar o turismo de sol e mar, predominante no Nordeste, e, assim desenvolver esses polos regionais turisticamente, e, por consequência, economicamente, levando o desenvolvimento do setor para as áreas interioranas dos estados. O mapa do Turismo Brasileiro, atualmente, é composto por cinco polos: Costa Branca, Costa das Dunas, Serrano, Agreste-Trairí e Seridó.

O Polo Seridó encontra-se localizado na Região Seridó Potiguar, interior do Estado do Rio Grande do Norte. A Região Seridó insere-se na história da colonização do Brasil a partir dos movimentos lentos e graduais de deslocamento de famílias proprietárias de terras que não possuíam espaço social ou econômico no litoral nordestino, dominado pelo latifúndio canavieiro, desde a Bahia até o Ceará. A civilização do criatório (gado) ou do couro não possuía espaço no litoral devido à extrema necessidade de terras úmidas do modelo plantation: vastas glebas, acesso à água doce e trabalho escravo intensivo (PDITS SERIDÓ, 2011). Além da pecuária, a região teve como base de desenvolvimento econômico a cotonicultura e a mineração. Essas atividades econômicas desenharam os traços da identidade histórica, cultural, econômica e geográfica da Região do Seridó Potiguar. Vale salientar que essas atividades entraram em declínio quase no mesmo período, aproximadamente, em meados da segunda metade do século XX. Junto com a decadência dessas atividades econômicas a

organização socioespacial seridoense entrou em colapso. Com vista nisso, fez-se necessário iniciar um processo de reestruturação do espaço regional (AZEVEDO, 2014, p. 27).

O Turismo surge, atualmente, como uma nova forma de desenvolvimento econômico para as pequenas cidades do Seridó Potiguar. Segundo Beni (2006, p.67) “o turismo promove o desenvolvimento intersetorial, em função do efeito multiplicador dos investimentos e dos acréscimos da demanda interna e receptiva. É um elemento importante para o planejamento regional ou territorial”. O turismo, além de ser gerador de renda, também busca proporcionar um processo de crescimento econômico de forma sustentável, com respeito ao meio ambiente e a conservação dos valores culturais das populações nativas das regiões turísticas (NODARI, 2007 p. 15). Ele pode ser uma ferramenta de planejamento para o desenvolvimento e o crescimento das pequenas cidades. Com vista nisso, a pesquisa busca avaliar o desenvolvimento do turismo nas pequenas cidades do Seridó Potiguar.

## Metodologia

A metodologia empregada na elaboração desta pesquisa foi uma análise de forma qualitativa e quantitativa dos dados coletados sobre os indicadores de desenvolvimento socioeconômico e seus impactos na qualidade de vida das populações residentes nas pequenas cidades, e, conseqüentemente no setor turístico regional. Na primeira fase da pesquisa foi realizado um levantamento preliminar de referências bibliográficas sobre o objeto estudado para o embasamento dos pesquisadores e do trabalho em si. Porém, a pesquisa também se baseia no caráter empírico por meio de observações realizadas in loco e por meio de contato direto com a população de cada cidade. Buscando assim, evidenciar a realidade de cada cidade com maior confiabilidade dos dados gerados.

No tocante a pesquisa documental, foram realizadas consultas a textos oficiais dos governos Federal, Estadual e Municipais como relatórios técnicos, programas, projetos e ações institucionais relacionados ao desenvolvimento do turismo no Polo Seridó, documentos elaborados por instituições de pesquisa e ensino. Na segunda fase foram realizadas pesquisas in loco nas pequenas cidades, com até 20.000 habitantes. Estas fazem parte do Polo de Turismo Seridó (2017-2019), região que compõe o mapa brasileiro de turismo (do mesmo período anteriormente citado).

A região turística do Seridó é composta por dez municípios, mas a pesquisa aborda apenas as pequenas cidades, seguindo o critério do IBGE (2010) que define pequena cidade pelo número inferior a 20.000 habitantes. A partir desse recorte, temos as seguintes cidades: Acari (11.035 habitantes), Carnáuba dos Dantas (7.429 habitantes), Cerro Corá (10.916 habitantes), Florânia (8.959 habitantes), Jucurutu (17.692 habitantes), Lagoa Nova (13.983 habitantes), e Serra Negra do Norte (7.770), (Mapa 1).

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários semiestruturados e específicos para cada setor. Os mesmos foram aplicados com os gestores públicos de diferentes secretarias, com a iniciativa privada e com representantes do terceiro setor de cada município.

Em seguida, foram realizadas a tabulação e análise dos dados coletados com base em diferentes abordagens para melhor projetar os resultados da investigação e analisar os

fenômenos complexos da sociedade e da realidade em estudo. A interpretação dos resultados foi alicerçada nos métodos estatístico e comparativo, que subsidiaram o tratamento adequado dos dados a partir de análises de natureza quali quanti para melhor compreensão do objeto em estudo.

Diante dos cenários teórico e empírico, os quais alicerçam essa pesquisa, tais metodologias têm por finalidade assegurar o tratamento adequado das informações oriundas de pesquisas de campo e investigações documentais, bem como, permitir que os conteúdos dessas informações elucidem questões para análises mais aprofundadas e contextualizadas da realidade pesquisada, e dos discursos narrados pelos diversos atores sociais que participarão ativamente da construção do processo investigativo.

## Resultados e Discussões

### Setor público

O setor público atua como principal agente provedor do desenvolvimento por meio de ações que visam o crescimento da atividade turística na região. O planejamento e as ações são debatidos e definidos nas reuniões itinerantes promovidas pelo Conselho Regional do Polo de Turismo do Seridó.

As secretárias de turismo municipais, das pequenas cidades do Seridó, estão juntas, geralmente, com a pasta de esporte, lazer e desenvolvimento econômico e as equipes de trabalho também contam com poucos funcionários (quadro 1). Desses, apenas a secretaria de Lagoa Nova possui funcionário com formação acadêmica na área do turismo. São essas pequenas equipes que realizam as ações do setor público municipal no setor do turismo.

Como resultados de pesquisa de campo e portal da transparência de cada cidade, sobre as ações que o setor público de turismo realiza para desenvolver atividade, obtemos o seguinte resultado (quadro 2):

Dos municípios pesquisados todos possuem inventário da oferta turística. Esse levantamento foi realizado por meio de parceria entre órgão público municipal de turismo e os cursos de turismo da UFRN (Universidade Federal do Rio Norte) e da UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte).

Partir dos resultados obtidos observa-se que a maior parte dos investimentos no setor turístico é a realização de obras de infraestrutura turística. Seja por meio de revitalização de obras antigas, construção de novos espaços (praça de eventos, por exemplo), construção de infraestrutura turística específica nos atrativos dentre outras, assim desenvolvem a cidade construindo novos espaços e ajudando a desenvolver a qualidade dos equipamentos turísticos.

O fomento aos eventos também são ações expressivas tendo em vista que a região tem forte potencial em turismo de eventos, atualmente, pelo viés histórico-cultural da região, se destacam os eventos religiosos, que reúnem cerimônias religiosas e festa social. Também se destacam os festivais de inverno nas cidades de Cerro Corá e Lagoa Nova, eventos juninos, motofests, dentre outros.

Os investimentos também são aplicados à inserção dos municípios ao projeto Geoparque Seridó, que se desenvolve na região, graças as riquezas arqueológicas presentes na região. Pode-se citar ainda, investimentos em cursos de capacitação e de qualidade no atendimento ao turista visando à melhoria dos serviços.

O setor público apresentou como maior dificuldade de implementação do turismo na região a falta de participação do setor privado. Apontaram que a secretaria de turismo oferece cursos de capacitação, mas que não tem o engajamento esperado. Ainda, ressaltam a falta de apoio do setor privado em relação à implantação de ações. Os secretários citam que o setor privado espera que o setor público faça tudo sozinho. Em contrapartida, o setor privado diz que não recebe apoio do órgão público municipal de turismo e reclamam da falta de investimentos no setor turístico.

### Setor privado

O turismo, em sua atuação, articula os três setores da economia, movimenta o capital, gera emprego e renda e, por conseguinte, desenvolvimento. Devido a essa multidisciplinaridade de atividades associadas ao turismo, mensurar os números referentes ao setor se torna mais complicado. Segundo o (IPEA, 2015, p.46) “O grande desafio na produção de dados sobre a economia do turismo é que, diferentemente de outros setores da economia, nem toda a produção gerada nas atividades características do turismo [...] está associada ao turismo”.

Para contextualizar a situação do setor privado das pequenas cidades do Seridó se faz necessário abordar o contexto do setor no país e da região Nordeste, onde as mesmas estão inseridas. Em 2017, nota-se que houve aumento de empregos e ocupações no setor do turismo no Brasil, esse crescimento foi equivalente a 190 mil novos empregos entre os anos de 2013 a 2017. Ainda, percebe-se que ao contrário de 2013, em 2017, têm-se um maior número de empregos informais do que formal (tabela1).

Nos gráficos 1 e 2, se evidencia a predominância de equipamentos gastronômicos na região, e, logo em seguida o setor de hospedagem e as empresas que atuam no setor de eventos. Ainda, pode-se observar a presença de agências de viagens e de transportes que auxiliam no fluxo turístico das cidades. Nesse comparativo, observa-se que a ocorreu um aumento nos equipamentos de A&B na cidade de Jucurutu, e, em contrapartida, houve uma queda destes na cidade de Acari. São muitos fatores que afetam o desenvolvimento econômico e do turismo nas pequenas cidades.

Com maior impacto sofrido na atividade, dentre as cidades estudadas, destaca-se Acari, afetada pela escassez de chuvas que assola a região desde 2011. A região Seridó é integrante de uma área natural comum aos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, submetida constantemente a períodos de forte estiagem e calor intenso, típica do semiárido. As secas marcaram fortemente a geografia do lugar, assim como sua população e modo de vida (PDITS SERIDÓ, 2011).

A queda no setor de alimentos e bebidas e de meios de hospedagem deu-se devido à escassez de água que prejudicou seu principal atrativo turístico, o açude Gargalheiras. Além de ser um atrativo que tinha fluxo todo final de semana, ele também era fonte de renda para a comunidade pesqueira que lá reside. Afetando assim, o fluxo turístico, a gastronomia baseada no pescado e, conseqüentemente, a economia da iniciativa privada que não consegue manter os empreendimentos do setor funcionando, desse modo, muitos fecharam por falta de recursos, o que prejudica o desenvolvimento

econômico da cidade. Nas outras pequenas cidades estudadas, a ausência de fluxo turístico faz com que muitas empresas do setor acabem fechando.

Com base em análise dos gráficos 1 e 2 nota-se que, mesmo com vários problemas como a seca e a crise econômica, os números tiveram um crescimento em relação ao ano de 2010 (gráfico 1). A relação entre turismo e iniciativa privada implica no aspecto econômico, na geração de emprego e renda para os residentes dessas pequenas cidades. O setor, anteriormente apresentado, gera, atualmente, 1.062 empregos formais (gráfico 3). No tocante ao tipo de cliente atendido pelas empresas, obteve-se o seguinte resultado (gráfico 4). A maioria dos clientes é composta pela população residente, esse número tem destaque devido à grande quantidade de empreendimentos de alimentos e bebidas que é utilizado pela população, principalmente, para almoçar. Os 33% dos clientes é composto por comerciantes que vem a trabalho, alguns pernoitam e outros não. Os turistas representam 32% dos clientes, isso levando em conta o turismo pedagógico, o período de maior fluxo nas pequenas cidades que acontece na temporada de eventos, de cada uma, e no fim de ano devido às férias (gráfico 5).

Os meses de maior fluxo identificado são os de fim de ano, em razão do período de férias. Além, de ser o período de realização de vários eventos nas cidades. Muitos dos eventos são relativos à festa dos santos padroeiros de cada cidade, são eventos que já são consolidados e que atraem turistas de vários locais, neles reúnem conteúdo de fé, devoção e entretenimento. Esses eventos mexem com o cotidiano das pequenas cidades, movimentando a economia e ressaltando os traços culturais e tradições da região, como aponta Dias & Santos (2012, p.40):

A Festa dos Santos Padroeiros é uma tradição comum a todas essas cidades. Constitui um marco na cultura desses povos, na medida em que, a cada ano, se renova, não apenas por questão de tradição, mas pela magnitude econômica que alcança. Registra-se, nos meses que antecedem à festa, outra dinâmica na cidade, envolvendo o comércio, principalmente, de roupas e calçados, tendo em vista o costume do uso de roupas novas que ainda se preserva nessas pequenas cidades durante esse período. Os moradores procuram pintar as fachadas das suas casas e estabelecimentos comerciais, dando uma nova fisionomia à cidade. Nas ruas, onde a festa social acontece, são instalados parques de diversões, ternos esportivos, barracas de tiro ao alvo, de bijuterias e brinquedos, uma grande variedade de trailers e lanches, bares etc. Segundo os comerciantes, é uma época em que todos procuram abastecer suas lojas com produtos variados – tecidos, aviamentos para costuras, roupas e calçados –, tendo em vista a procura mais intensa por tais produtos. O período posterior é considerado por eles como “parado”, em que se passa a esperar, apenas, pelos pagamentos advindos das vendas a crédito. É grande o número de pessoas que participa das festas e que procede das cidades vizinhas, pela atração, não apenas da religiosidade, mas também pelo lado profano da festa, tais como bailes e shows que são realizados durante o período.

Ainda, podem-se destacar os festivais de inverno, realizados em Cerro Corá e Lagoa Nova, que nesse período oferece um clima serrano diferenciado no Seridó, e as festividades juninas.

Portanto, a cidade apresenta-se como o lugar das construções, das casas, dos prédios, do econômico, mas também o lugar da vida, das relações entre pessoas, das emoções. Encontra-se significado em tudo que se faz porque isso se criou com junto com a história, com a tradição e com os costumes, que continua viva e repassada de geração



para geração através da memória dos seus moradores, isso devido à história dos mesmos está ligada à história de sua cidade (MEDEIROS, 2005). Assim, como cita Beni (2006, p.92) “o turismo estimula os países a proteger suas civilizações e heranças culturais”.

A iniciativa privada, das pequenas cidades pesquisadas, é composta por residentes que apostam no potencial turístico e que anseiam pelo aumento do fluxo turístico na região. Visando avaliar as perspectivas dos empresários do setor privado quanto aos pontos positivo e negativos, buscou-se questioná-los sobre quais os pontos positivo e negativos que a atividade causaria no local. Quando questionados sobre os pontos positivos, que o turismo traria para a cidade, os empresários apontaram: a geração de emprego e renda na cidade (a mais citada), aumento da circulação do capital financeiro, o incentivo ao empreendedorismo, implantação de equipamentos mais estruturados para atender a demanda, melhoria na infraestrutura da cidade e a valorização da cultura da Região Seridó. Quanto aos aspectos negativos, os mais citados foram: o aumento da violência (criminalidade e uso de drogas), o aumento no consumo de água (recurso escasso na região devido à seca predominante na região), a geração de lixo e a poluição, o congestionamento no trânsito e o aumento de vendedores ambulantes e a desvalorização da cultura local, isso ocorreria, segundo os entrevistados, devido ao maior fluxo de pessoas circulando nas cidades.

Dessa forma, empresários apresentaram seu ponto de vista em relação ao desenvolvimento do turismo na região, enaltecendo os aspectos econômicos positivamente e apontando negativamente a violência, que alteraria o cotidiano pacato das pequenas cidades, e, a desvalorização cultural que pode ocorrer devido ao choque de cultura entre residente e visitante.

Foi observado que a relação entre setor público e setor privado, ainda, se dá de forma discreta, eles não atuam de forma conjunta, como deveria ser. Quando questionados no tocante as ações conjuntas com o setor público, apontaram que participam de cursos de capacitação profissional ofertado por meio do SEBRAE/RN e apoiam os eventos por meio de patrocínio. Na perspectiva dos empresários, as dificuldades encontradas para efetuar parcerias seriam: a falta de apoio à iniciativa do órgão público, que deve promover, através das Secretarias de Turismo municipais, reuniões para discutir os assuntos pertinentes ao turismo. Para criação de projetos e investimentos no setor.

Nessa perspectiva de parcerias para o desenvolvimento do turismo, foi questionado sobre as ações do setor público e se os empresários tinham conhecimento dessas ações. Muitas das ações de planejamento do turismo são discutidas nas reuniões realizadas pelo Conselho de Turismo do Polo Seridó que é “composto por representantes dos setores envolvidos com a atividade turística, abrangendo o poder público, o setor privado, a comunidade científica e a sociedade civil.” (REGIMENTO INTERNO DO CONSELHO DE TURISMO DO POLO SERIDÓ, art.6, p. 5). De acordo com a pesquisa de campo constatou-se que 91% dos entrevistados não conhecem e nunca participaram das reuniões realizadas pelo órgão de turismo regional, apontaram que as reuniões não são divulgadas. Ainda, questionou-se aos empresários, das cidades que estão inseridas no projeto Geoparque Seridó (Acari, Carnaúba dos Dantas, Cerro corá e Lagoa Nova), se os mesmos conheciam o projeto, obteve-se o seguinte resultado: 4%, das empresas entrevistadas, participam por meio de patrocínio ao evento anual do Geoparque; 4% conhece o projeto, mas não participa; 26% já ouviram falar, mas não sabem do que se trata; 61% não conhecem.

Observou-se que o setor privado espera que o turismo seja desenvolvido apenas pelo setor público, mas para tanto é necessária uma ação conjunta dos três setores (público, privado e terceiro setor) para que a atividade se desenvolva de forma sustentável.

#### Terceiro setor nas pequenas cidades do Seridó

Não foram encontradas entidades do terceiro setor que atuem de forma efetiva nas sete pequenas cidades citadas. As identificadas são associações, que já atuaram, mas que, atualmente, não desenvolvem nenhuma atividade.

#### Conclusão

O turismo é uma nova perspectiva para economia da região Seridó Potiguar, surgindo como uma nova atividade econômica a ser explorada, isso por que ela capaz de impulsionar a economia, o desenvolvimento socioeconômico e sustentável dos locais onde acontece essa prática. A partir da análise dos resultados apresentados pode-se considerar que o turismo está se desenvolvendo de forma lenta e gradual nas pequenas cidades.

O setor público atua como principal agente provedor do desenvolvimento por meio de ações que visam o crescimento da atividade turística na região. A maior participação do poder público municipal das pequenas cidades, no processo de implantação do turismo, atualmente, se dá por meio de realização de obras de infraestrutura turísticas e não turísticas.

O setor privado, com base nos dados apresentados, está em crescimento, porém enfrentam várias dificuldades, como a seca, a crise econômica, que ocasionam o baixo fluxo turístico na região, dificultando a permanência dessas empresas no mercado. Os empresários do setor reclamam da falta de infraestrutura das cidades, de investimentos no turismo e de apoio do setor público à iniciativa privada.

No tocante ao terceiro setor, a maior dificuldade encontrada foi a ausência de atuação desse eixo que facilitaria a relação da população como setor público e privado. As entidades encontradas identificadas na pesquisa de campo, atualmente, não estão em funcionamento.

São diversos fatores que afetam o crescimento da atividade turística nas pequenas cidades do Seridó. Observou-se que os três setores não estão atuando de forma conjunta para o desenvolvimento do turismo, e isso pode ser um fator que está dificultando o crescimento do turismo na região, planos e projetos devem ser desenvolvidos para que haja esse engajamento dos setores. A inclusão da população na atividade também é um fator ainda a ser trabalhado. Além dessas dificuldades, em desenvolver o turismo, pode-se destacar a o problema causado pela escassez de chuvas na região, que prejudicou os empreendimentos e atrativos turísticos.

A finalidade da pesquisa foi apresentar a situação do desenvolvimento da atividade turística nas pequenas cidades da região do Seridó Potiguar, evidenciando os números do turismo e a atuação das esferas pública, privada e terceiro setor em busca desse desenvolvimento.

Sugere-se que novas pesquisas no setor sejam desenvolvidas para que possam, por meio delas, identificar novas questões que afetam o desenvolvimento do turismo nessa região e gerar possíveis soluções para esses problemas.

## Referências

AMANAJÁS, Roberta; KLUG, Letícia. Direito à cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. In: Marco Aurélio Costa (Org.). A nova agenda urbana e o Brasil: Insumos para a construção e desafios à sua implementação. Brasília: Ipea, 2018. Cap. 2. p. 31-44. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180529\\_a\\_nova\\_agenda\\_urbana\\_e\\_o\\_brasil.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180529_a_nova_agenda_urbana_e_o_brasil.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2018.

ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti & SILVA, Valdenildo Pedro da. Rio Grande do Norte: temáticas contemporâneas da reorganização do território. Natal: Editora CEFET-RN, 2007.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo. Desenvolvimento regional e potencial turístico no Seridó Potiguar. Natal: EDUFRN, 2014.

BARBOSA, Fábila Fonseca. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ ou regional. Caminhos da Geografia – Revista on line, Uberlândia, p.107-114, fev. 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/15380-Texto%20do%20artigo-58156-1-10-20060824%20(2).pdf. Acesso em: 7 ago. 2019.

BENI, Mário Carlos. Análise estrutural do turismo. 11ª ed. rev. e atualiz. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo: diretrizes. Brasília: MTur, 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo. Brasília: MTur, 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. Crescimento do turismo mundial pode chegar a 4% em 2019. Brasília: MTur, 2017.

BRUMES, Karla Rosário. CIDADES: (RE) DEFININDO SEUS PAPÉIS AO LONGO DA HISTÓRIA. Caminhos da Geografia: REVISTA ON LINE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, Uberlândia, v. 2, n. 3, p.47-56, 13 mar. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15260>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. A cidade. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T.; ARAÚJO, A. M. M; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança. Fortaleza: UECE, 2009.

COSTA, Jean Henrique & SOUZA, Michele. (Orgs.). Política de turismo e desenvolvimento: reflexões gerais e experiências locais. Mossoró: Fundação Vingt-Um Rosado, 2010.

FRATUCCI, A. C. (2008), A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo, Niterói-RJ: UFF, 2008, 308 f, Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.FERNANDES. Ivan. Planejamento e organização do turismo: uma abordagem desenvolvimentista com responsabilidade social e ambiental. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos. DIAS; Patricia Chame; SANTOS; Janio org.). – Salvador: SEI, 2012. Disponível em: [http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/sep\\_94.pdf](http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/sep_94.pdf). Acesso em: 1 set. 2019.

HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos. São Paulo: Contexto, 2003.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. TD 1308 - Caracterização da Mão-de-Obra do Mercado Formal de Trabalho do Setor Turismo- Estimativas Baseadas nos Dados da Rais de 2004. Brasília: Ipea, 2007.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. TD 2054 – Fatos recentes do desenvolvimento regional no brasil. Brasília: Ipea, 2015. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2054.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2054.pdf). Acesso em: 26 ago. de 2019.

LEVEBVRE, Henri. O direito à cidade. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MANFIO, Vanessa; BENADUCE, Gilda Maria Cabral. A (re) estruturação urbana e o desenvolvimento local da pequena cidade de Nova Palma/RS<sup>1</sup>. Geomae: Revista de Geografia, meio ambiente e ensino, Campos Mourão, v. 2, n. 4, p.71-82, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/geomae/article/view/144>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

Trentin, Fábila; Fratucci, Aguinaldo César. Política nacional de turismo no Brasil: da municipalização à regionalização. Tourism & Management Studies, vol. 1, pp. 839-848, Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388743867076>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MARCON, Elsa Maria Guerreiro; BARRETTO, Margarita. O turismo como agente de desenvolvimento social e a comunidade Guarani nas ruínas jesuíticas de São Miguel das missões. In:II seminário de pesquisa em turismo do Mercosul. Anais... Caxias do Sul, 2004.Disponível em: <https://www.ufrn.br/site/midia/arquivos/24-o-turismo-como-agente.pdf>. Acesso em: 24 jul.2019.

MORAIS, Marcus César Cavalcanti. Terras Potiguaras. Natal: Dinâmica, 1998.

NUNES, Elias. (et al.). Dinâmica e gestão do território potiguar. Natal: EDUFRN, 2007.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.) Turismo e desenvolvimento local. 3ª ed, São Paulo: Hucitec, 2002.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Moradia nas cidades brasileiras. Revista Rosa M. C. Cardoso e Candida Medeiros M. V. Pereira. 3ª ed. São Paulo: contexto, 1990.

SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K.; (et al.). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SCÓTOLO, Denise; NETTO, Alexandre Panosso. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. Cultur: Revista de cultura e turismo, Bahia, n. 1, p.36-59, 23 jul. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/issue/view/62>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO DO RIO GRANDE DO NORTE – SETUR. PRODETUR. Plano de Desenvolvimento do Turismo Sustentável – PDITS, Polo Seridó, 2011.

SILVA, Anieres Barbosa; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro de. (Org.). Pequenas cidades: uma abordagem geográfica. Natal: Editora da UFRN, 2009.

SILVA, Geraldo & COCCO, Giuseppe. Territórios produtivos: oportunidades e desafios para o desenvolvimento local. (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A; Brasília-DF: SEBRAE, 2006.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de. Revisando o tema da pequena cidade. In: SILVA, Anieres Barbosa; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro de. (Org.). Pequenas cidades: uma abordagem geográfica. Natal: Editora da UFRN, 2009.

SPÓSITO. Eliseu Savério. A vida nas cidades. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TAVEIRA, Marcelo da Silva & CORIOLANO, Luzia Neide. (Orgs.). Políticas, mercado e gestão do turismo no Rio Grande do Norte. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

VALENÇA, Márcio Moraes & GOMES, Rita de Cássia da Conceição. (Orgs.). Globalização & Desigualdade. Natal: A. S. Editores, 2002.

MEDEIROS, M. S. S. A produção do espaço das pequenas cidades do Seridó Potiguar. 2005. 161f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natal, 2005.

NODARI, Maria Zeneide Ricardi. As contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) Universidade Federal do Paraná, 2007.

NOGUEIRA, Mário G. O papel do turismo no desenvolvimento econômico e social do Brasil. Revista de Administração pública, Rio de Janeiro, p. 37-54, abril/junho. 1987. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/9772/8795>. Acesso em: 7 agosto 2019.

VIEIRA, Rodrigo. Turismo responde por 8,1% do PIB Brasil; veja dados globais. Revista Parotas, 2019. Economia e política. Disponível em: [https://www.panrotas.com.br/mercado/economia-e-politica/2019/03/turismo-responde-por-81-do-pib-brasil-veja-dados-globais\\_162774.html](https://www.panrotas.com.br/mercado/economia-e-politica/2019/03/turismo-responde-por-81-do-pib-brasil-veja-dados-globais_162774.html). Acesso em: 20 jun. 2019.

World Tourism Organization (2018), UNWTO Annual Report 2017, UNWTO, Madrid, DOI:<https://doi.org/10.18111/9789284419807>

World Tourism Organization (2016), UNWTO Annual Report 2015, UNWTO, Madrid, DOI: <https://doi.org/10.18111/9789284418039>

Anexos

Gráfico 1

Gráfico 2

Gráfico 4

Gráfico 5

Empregos

CÓDIGO: OU0700

AUTOR: GERALDO GOMES DA ROCHA NETO

ORIENTADOR: MAX LEANDRO DE ARAUJO BRITO

TÍTULO: Pesquisa em produção intelectual e a consolidação de revistas científicas

#### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo estudar a atratividade de revista de acesso aberto para autores asiáticos e brasileiros. A metodologia utilizada é qualitativa, consistindo em uma pesquisa-ação no processo editorial de uma revista científica. Como resultados o estudo apontou que alguns aspectos motivam autores internacionais na escolha de um periódico científico, sendo os principais: 1) o Fator de Impacto do Journal Citation Reports - Clarivate Analytics/Thompson, o H Index do Scientific Journal Rankings (Scopus), o H Index do Google Acadêmico e o Qualis (no caso do Brasil); 2) o tempo entre submissão e publicação do artigo; 3) a aderência do periódico à área de pesquisa do cientista. Por fim, o estudo conclui que a atratividade de revista de acesso aberto estudada é maior para autores brasileiros em virtude do Qualis da revista do que para pesquisadores asiáticos.

Palavras-chave: Impacto; Revista científica; Atratividade.

TITLE: Research in intellectual production and the consolidation of scientific journals

#### Abstract

This paper aims to study the attractiveness of open access journal for Asian and Brazilian authors. The methodology used is qualitative, consisting of an action research in the editorial process of a scientific journal. As a result, the study pointed out that some aspects motivate international authors to choose a scientific journal, the main principles being: 1) the Impact Factor of the Journal Citation Reports - Clarivate Analytics / Thompson, the H Index of the Scientific Journal Rankings (Scopus), the Google Scholar H Index and Qualis (in the case of Brazil); 2) the time between submission and publication of the article; 3) the adherence of the journal to the research area of the scientist. Finally, the study concludes that the attractiveness of the open access journal studied is greater for Brazilian authors due to the journal Qualis than for Asian researchers.

Keywords: Impact; Scientific journal; Attractiveness.

#### Introdução

O presente estudo é um recorte inicial de 4 meses de um projeto de 24 meses. Para tanto, traz contribuições de uma pesquisa recém iniciada. O campo central de estudo do presente trabalho é a produção científica. A princípio cabe lembrar que no processo de produção do conhecimento a ciência não possui autonomia total pois atende necessidades científicas e também sociais, assim, mesmo seguindo a lógica do mundo acadêmico e científico, deve estar em sintonia com as necessidades da sociedade (PAULA; JORGE; MORAIS, 2019). Desse modo, o conhecimento científico precisa ter alguma pertinência do ponto de vista prático no contexto social para ganhar visibilidade. A produção científica em uma área e as práticas no ambiente de trabalho nem sempre são articuladas, ocasionando divergências entre o saber e o fazer (PAULA; JORGE;

MORAIS, 2019). Mesmo assim, um mínimo de pertinência do ponto de vista prático é necessário para a atração de novos cientistas interessados em pesquisar e publicar o assunto em discussão. A pertinência do estudo também está associada às estratégias de propagação. A pesquisa também envolve estratégias de propagação dos resultados e os principais atores que podem utilizar os resultados dos estudos são os profissionais que atuam no mercado de trabalho (PAULA; JORGE; MORAIS, 2019). Nesse contexto do ambiente empírico, o conhecimento é uma fonte de poder capaz de gerar vantagem competitiva, sendo necessário averiguar os processos de gestão, criação e transferência deste conhecimento. No caso do desenvolvimento científico, a produção científica é responsável por disseminar o conhecimento e apoiar no desenvolvimento da ciência (SILVA et al, 2019). O desenvolvimento da ciência através da incorporação dos resultados das pesquisas é descrita por diferentes termos, tais como “tradução do conhecimento, transferência do conhecimento, troca de conhecimento, utilização da pesquisa, implementação, difusão e disseminação” (PAULA; JORGE; MORAIS, 2019, p. 2). Seja qual termo for utilizado, o conhecimento é disseminado e produzido a partir de diversas perspectivas, com maior ou menor participação e interferências dos pesquisadores envolvidos (COELHO, 2019). O presente estudo acompanha a revista científica "Research, Society and Development". Desse modo, entende-se que as avaliações de periódicos fornecem informações para criação de políticas de gestão científica. A análise da produção científica se faz pertinente em todas as áreas do conhecimento, possibilitando a visualização de mudanças nas subáreas de conhecimento, por exemplo (LIMA; CUNHA; SUEHIRO, 2019). Tendo em vista o contexto apresentado, o presente trabalho tem por objetivo estudar a atratividade de revista de acesso aberto para autores asiáticos e brasileiros.

## Metodologia

O presente estudo é uma pesquisa ação. A pesquisa-ação deve partir de uma situação social concreta a modificar os elementos que surgem durante o processo e sob a influência da pesquisa. Assim, o pesquisador deve assumir constantemente os papéis de pesquisador e de participante (FRANCO, 2005). A forma de coleta de dados ocorreu através do armazenamos de dados de autores que publicaram nos últimos 5 anos em revistas de acesso aberto. Para o presente estudo foram coletados e-mail e nome. As revistas de acesso aberto foram selecionadas através do DOAJ - Directory of Open Access Journals. Durante a coleta de dados foi montada uma planilha de Excel. Esses autores da planilha foram convidados, através de mala direta, a publicarem na revista "Research, Society and Development". Alguns autores retornaram o e-mail da mala direta, esses e-mails também foram analisados. Por fim, outra perspectiva de análise foi a quantidade de submissão de autores das regiões para onde a mala direta foi enviada. A análise dos dados obtidos ocorreu através da análise de conteúdo. A análise de conteúdo reúne um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores. Ela permite a análise de todas as formas de comunicação, e o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens (CAMARA, 2013).

## Resultados e Discussões

A escolha das revistas nacionais e asiáticas ocorreu através do DOAJ - Directory of Open Access Journals. Através da plataforma digital foram selecionadas as opções de busca para seleção de revistas, considerações como licenças, país de origem, idioma dos artigos, selo DOAJ e área de estudo foram observadas como requisito de escolha.



Em seguida foi realizada a construção do banco de dados no Excel com os e-mails e nomes de autores que publicaram nos últimos 5 anos nas revistas de acesso aberto selecionadas. O relatório no excel era dividido em duas colunas, sendo uma para os nomes dos autores internacionais ou nacionais e a outra para os e-mail. Nas próprias revistas virtuais em sua maioria possui a opção do usuário de ver os “acervos de publicações anteriores”, com isso houve a captura dos artigos na íntegra e o recolhimento dos nomes dos autores e os seus respectivos e-mails. Algumas dificuldades foram encontradas no processo como a falta da opção citada anteriormente, linguagem da plataforma, poucas edições e o modelo da estrutura dos artigos que às vezes desconsiderava a inserção de e-mails. Em seguida foi realizado o envio de malas diretas convidando os autores para publicarem na revista "Research, Society and Development". Essas eram enviadas através do Webmail da RSD que está cadastrada ao site do Gmail, por dia são enviadas um número limitado de 150 mensagens, o qual foi proposto pelos membros da revista em reunião. A escolha foi optada devido o programa utilizado considerar a mensagem como “Spam” quando ultrapassado um limite de envio, com isso baixando a eficiência e consequentemente a eficácia do contato com os possíveis clientes. Uma dificuldade também encontrada foi as mensagens indeferidas devido os e-mails dos autores estarem inativos ou não corresponderem com a plataforma utilizada. Alguns autores retornaram o e-mail da mala direta. Dentro das respostas dos autores ficou perceptível os diversos motivos para escolha de um periódico científico. O motivo mais destacado foi a presença de Fator de Impacto do Journal Citation Reports - Clarivate Analytics/Thompson. Culturalmente esse é vem sendo o principal indicador da qualidade de aceitação de um periódicos nas distintas comunidades científicas internacionais. Trata-se também da métrica mais antiga, o que de certo modo favorece a procura e aceitação. O segundo motivo mais destacado foi o H Index, principalmente o do Scientific Journal Rankings (Scopus). O H Index do Google Acadêmico ficou em segundo plano possivelmente por ser mais recente. Entre os autores brasileiros a grande procura é pelo Qualis da revista. O Qualis, mesmo absorvendo o Fator de Impacto e o H Index, é visto de forma isolada pelos autores brasileiros que julgam a qualidade (ou falta dela) de um periódico científico quase que exclusivamente por esta métrica. Cabem destaque nos e-mails dos autores internacionais o tempo entre submissão e publicação do artigo. A agilidade do prelo é valorizada na visão dos autores internacionais. Deve-se notar também a aderência do periódico à área de pesquisa do cientista. Nota-se que mesmo se tratando de um periódico multidisciplinar, autores de estudos disciplinares preferiram periódicos específicos ao invés da publicação na revista estudada. Por fim, foi analisada a quantidade de submissão de autores das regiões para onde a mala direta foi enviada. Notou-se um considerável aumento nas submissões 1 mês após o envio das primeiras malas diretas. Notou-se também que autores cujos trabalhos foram publicados possuem mais chances de voltarem a publicar no periódico e recomendá-los para amigos de instituição.

## Conclusão

O estudo conclui que a atratividade de revista de acesso aberto estudada é maior para autores brasileiros em virtude do Qualis da revista do que para pesquisadores asiáticos. Dentre as limitações do estudo estão o pouco prazo para cumprimento do plano de trabalho (apenas 4 meses) e a dificuldade de trabalhar com o inglês de regiões que não possuem o idioma como língua nativa. Como sugestões para aprofundamento nos próximos meses da pesquisa estão o estudo do impacto de produções técnicas do periódico estudado, a influência do DOI (Digital Object Identifier System) no processo

de escolha do periódico, prospecção de possibilidades de crescimento sustentável de periódicos científicos de acesso aberto.

#### Referências

CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Belo Horizonte , v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013  
COELHO, Maria Claudia. As emoções e o trabalho intelectual. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre , v. 25, n. 54, p. 273-297, Aug. 2019 .  
FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia da pesquisa-ação. Educ. Pesqui.*, São Paulo , v. 31, n. 3, p. 483-502, Dec. 2005  
LIMA, Thatiana Helena de; CUNHA, Neide de Brito; SUEHIRO, Adriana Cristina Boulhoça. *Produção Científica em avaliação psicológica no contexto escolar/educacional. Psicol. Esc. Educ.*, Maringá , v. 23, e178897, 2019 .  
PAULA, Milena Lima de; JORGE, Maria Salete Bessa; MORAIS, Jamine Borges de. *O processo de produção científica e as dificuldades para utilização de resultados de pesquisas pelos profissionais de saúde. Interface (Botucatu), Botucatu* , v. 23, e190083, 2019 .  
SILVA, Lidiane Cristina da et al . *Perfil dos programas de pós-graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento no Brasil e seu panorama da produção científica. Avaliação (Campinas), Sorocaba* , v. 24, n. 1, p. 328-351, May 2019 .